

OS ANAIS

Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

Número VI

DIRETOR: Crizóstomo de Souza

REDATORES: João Henrique e Ulpiano Brandão

O Maranhão literario

A «enquete» do Congresso.—Domingos Barboza é o primeiro a falar.—De como nos recebeu.—Como elle nos responde.—A sua bibliografia.—Impressões.

O «Congresso Maranhense de Letras» encarregou-me de fazer uma *enquete* em torno os literatos da terra. Aceitei a incumbencia, não sem um pouco de receio. Procurei, de primeiro, a



DOMINGOS BARBOZA

Membro fundador da Academia Maranhense e da Universidade Popular, efetivo da Oficina dos Novos (patrono—João Lisbôa) e honorario do Congresso Maranhense de Letras.

Domingos Barboza, o bizarro artista dos *Mozaicos*, esse livro de doze contos, que prima pela beleza de estilo, pela harmonia e pela fina concepção de arte.

Todos já o conhecem, ao escritor a *double* com plenos vagares para moirer na politica. Foi secretario do Estado e deputado estadual, e hoje é diretor da Imprensa Oficial. Arranja empregos p'ros outros e faz dos outros bons empregados.

E' uma verdade. Quem o não conhece nesta terra? Quem nunca o ouviu a fazer discursos nas festas, á praça pública, no teatro, em dias de comemorações de datas nacionais ou maranhenses, d'oculos a faiscar?

Domingos Barboza nasceu no Maranhão, na cidade de S. Bento, a 23 de novembro de 1880. Tem 31 anos incompletos e nem parece. E é só verem pelo *cliché* aqui estampado: nem parece!

Com essa idade d'ouro, quando o homem nem sempre é um homem ás direitas, Domingos Barboza já é um escritor de monta, tendo uma bagagem literaria invejavel. Publicou, ou melhor, estreou-se em livro em 1908 com os *Mozaicos*, impressos na Tip. Teix., de S. Luiz. Valeu-lhe uma consagração. Foi além da sua expectativa. E, no ano seguinte, dava-nos *O dominó vermelho*, impresso nas oficinas do *Diario do Maranhão*, em 1909. Dai, fez conferencias literarias. Estreou-se, nesse ramo, com *Os olhos*, realizada no Clube Euterpe. Depois, *As cruzadas*, na Universidade Popular. Depois, no ano passado, *A saudade nas horas sem sol* e *As aguas mansas*, no teatro S. Luiz. Tem agora no prêlo um grosso volume, *Contos da minha terra*, nas oficinas do *Diario Oficial*.

Escuzado é encarecer esses livros, essas conferencias, que valem por si sós. Daqui em diante vão ver de como o transfulgente escritor nos acolhe e nos fala. Procurei-o um dia deste para a *enquete* do Congresso: não estava em caza. Procurei-o nas redações, em Palacio, nas cazas de moda, nos cinemas á noite: não estava e nem gosta lá dessas coizas de cinema. Achei-o afinal na manhã seguinte bem pertinho de mim: na redação do *Diario Oficial*, onde eu mereci a honra de me acantear.

Encontrei-o gravemente sentado, escrevendo. Os seus olhos, através dos cristais dos oculos d'aro d'ouro tinham um brilho exquizado. Achei-me mais. Viu-me e falou:—*Bon-jour...* em francez. Procurei com quem era isso. Era comigo mesmo. Sentei-me tambem e narrei-lhe as minhas pretensões. O mestre sorriu com ironia .. um rizo grande, modesto. Que eu deixasse disso. Insisti e atendeu-me. Comecei, então, o auto de perguntas:

—Desde que ano escreve?

—Desde 1894.

—Que idade tinha?

—14 anos. Naquelle tempo aumentava: dizia que tinha 16.

E' possivel que, daqui a dez, faça umas contas em vista das quais deveria ter 7 naquelle tempo. . .

—Lembra-se da sua primeira produção? Qual foi?

—Si me lembro! Ora si não! . . . Versos! Pois eu não sou maranhense?! . . .

—Que era v. nesse tempo?

—Estudante, como toda a gente nessa idade, mesmo a que não estuda, precedida essa negativa de qualquer dos adverbios seguintes, á escolha: *já, ainda*, ou substituída por um *nunca*.

—Qual a sua primeira produção publicada? E em que jornal a publicou?

—Uma crónica—não chegava a uma coluna de uns quarenta centímetros, de um jornalzinho, O *Estudante*, que era meu, e de Godofredo Vianna, Viriato Corrêa, Costa Gomes, Pedro Cardoso, João Vieira, Benedicto Vasconcellos, Clodomir Cardozo Rosmindo Araujo... E as produções de tanta gente cabiam no jornal!... Quando circulou o primeiro numero da gazeta, que era gratuita, saí para a rua convencido de que toda a gente ficava a murmurar: «Lá vai o cronista»... Olhe que não era UM, mas O cronista!...

—Como venceu?

—Trabalhando. Nem conheço outro meio. Vencer é como comer: *quod non laborat, non manducat*... Quem não trabalha, não vence.

—Dentre as suas produções, qual a que mais preza e guarda com carinho? Porque?

—Difícilima, a escolha. Os livros são filhos do espirito. E não ha pai digno de o ser que não confunda todos os filhos no mesmo amor.

—Como se estreou em livro?

—Com um volume de contos —*Mozaicos*, editado na tipografia Teixeira, e hoje esgotado.

—Como foi recebido pela critica do paiz e de fóra d'elle?

—Dê-me licença, e transcreva na sua revista um trecho do livro *Os novos atenienses*, de Antonio Lobo: «Não ha exemplo, supponho, desde *O mulato*, de Aluizio, de um livro maranhense tão bem acolhido pela imprensa e pela critica de todo o paiz e de Portugal».

—Lembro-me... E, a propósito, Medeiros e Albuquerque disse, do seu livro que vossê é um contista excelente. E acrescentou: «Só agora se ensaia no conto. O ensaio é de mão de mestre...» Continuemos, porém. Quantas obras tem em elaboração? E quantas para o prelo?

—Trez publicadas, uma a imprimir-se, duas prontas para o prelo, duas em elaboração.

—Que nomes lhes dá?

—Das publicadas, os nomes são: *Mozaicos*, *O dominó vermelho* e *As cruzadas*; da que está no prelo, *Contos da minha terra*; das prontas para a impressão, *O Lucas Simpaio*, romance naturalista, e *Henriques Leal*, a sua vida e a sua obra, e *A esmo*, crónicas; das em elaboração, *Sinhá Limeira*, romance naturalista, e *Os tipos açorianos*, rezenha critica, por ordem alfabética, das personagens da Obra de Eça de Queiroz.

—Que genero de literatura gosta mais de perpetrar? Porque?

—O romance e o conto,—respondem os meus livros. Porque?... Questão de feitio...

—Qual é o autor que mais exerce influencia no seu espirito? Porque?

—Em primeiro lugar, Eça de Queiroz. Depois, Alphonse Daudet, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque. Porque, pela justiça, pela propriedade no dizer, chegaram à suprema beleza da Arte em que são mestres e eu moirejo.

—De que poeta estrangeiro mais gosta? Porque?

—Stecchetti, pelo sainete de orijinalidade. E —si consente que acrecente outro—Guerra Junqueiro, pela emoção.

—E brasileiro? Porque?

—Raimundo Corrêa... Pela aliança entre a arte e a emoção. Dá licença que acrecente outros?... Alberto, Bilac, Vicente de Carvalho, Humberto de Campos...

—E romancistas estrangeiros, de qual mais gosta? Porque?

—Eça de Queiroz e Daudet. E já está, implicitamente respondido, alias...

—E brasileiro? Porque?

—Aluizio Azevedo, pelo sadio e profundo da sua observação.

—Dos autores teatrais estrangeiros, qual o seu eleito? Porque?

—Ibsen. E' o mais humano.

—E dos brasileiros? Porque?

—Arthur Azevedo, como de toda a gente, pela naturalidade do seu espirito e pelo espirito da sua naturalidade...

—Que muzica mais aprecia? Porque?

—A *Serenata*, de Julio Reis. Vá saber porque!... Posso afirmar-lhe é que, si fosse múzico e compuzesse, comporia uma coiza assim... Diz tão bem com o meu sentir íntimo aquella trama de sons, que, a primeira vez que a ouvi, me pareceu conhecida de muito... ou feita por mim, assobiando...

—Olhe: de que perfume mais gosta? Porque?

—Do *Ether floral*, porque não se parece com os outros.

—E de que flôr? Porque?

—Da roza. A roza é a sintheze de todas as outras flores: é linda como as que mais são mais lindas, cheira como as que mais cheiram. E vem atravez dos Tempos, como o Pão, como o Ideal, sempre vencedora, sempre triunfante, dominando pela forma, pelo aroma, pela maciez, pela côr... E' a Ninon dos jardins: não envê hece: é a Venus das plantas, sempre soberana de graça e de beleza...

—Qual é a côr da sua predileção? Porque?

—O côr-de-roza. Porque, não digo. Podia dizer: *mesmo*, como o caboclo, mas não digo. Seria mentir. Ha uma razão, mas não digo. Desculpe, mas não digo...

—Nem ouzo insistir. E agora: no seu entender, dos maranhenses do passado qual o que mais valeu pela mentalidade?

—João Lisbôa. Porque o muito que valeu, valeu somente por si. Porque se fez num meio indiferente, quaze hostile.

—E mais: que prato mais aprecia? Porque?

—Dos vejetais. Porque? Porque sou vejetariano, rigorosamente. E era o cazo de prender a quem quizesse dar outra razão, além dessa...

—Gosta mais de fraque ou de palitô?

—Palitô. O fraque é quaze soleno, isto é: é quaze *croisé*... Ai! as coizas solenes!...

—De que chapéu mais gosta?

—Dos de palha. E pela mesma razão por que prefiro o palitô ao fraque: não é solene, como a cartola, as cazas de sobrado, os conselheiros, as chaminés de fábrica, os comendadores...

—Arma-se de revólver? Porque?

—Não!... Em primeiro lugar, porque não pedi ainda licença á policia. Em segundo, porque tenho quaze tanto medo de atirar em alguém, como de alguém me atirar em mim...

Pronto! Depois disso, dessa proza brilhante, despedi-me e saí a sentir fóra todo o ardor daquelle sol implacavel, bárbaro... e gotejava!

C. S.

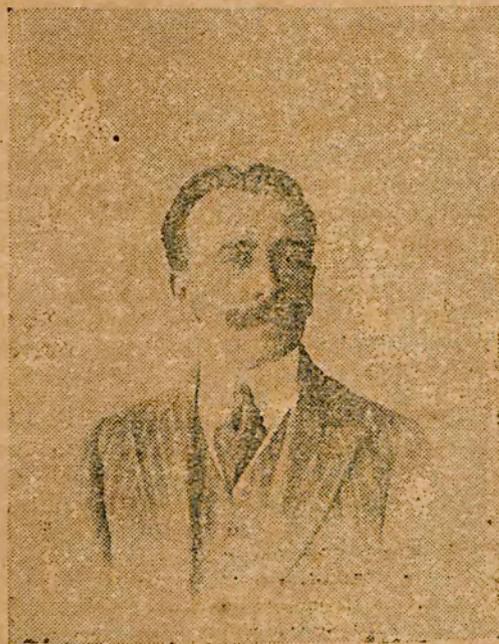
Dunshee de Abranches e Medeiros e Albuquerque

Duas datas festivas para o Congresso Maranhens :
de Letras, e para *Os Anais*: 2 e 4 de Setembro.



Medeiros e Albuquerque

Fazem anos: na primeira—Dunshee de Abranches, na segunda—Medeiros e Albuquerque, ambos nomes de nobre relevo na Camara dos Deputados Federais, ambos beletistas de grande valor, ambos



Dunshee de Abranches

jornalistas de raça, ambos membros honorarios do Congresso Maranhense de Letras.

Editando hoje o retrato dos dois eminentes brasileiros, mandamos a cada um uma braçada de flores e de parabens.

Noite de Inverno

Noite escura, sem luz e trájica de inverno...
Uma estranha mudez paira em meu quarto estreito,
E relampagos, quaes labarédas do inferno,
Rutilam através do temporal dezeitado!

Que frio intenso! Entanto, arde, queima-me o peito
Não sei que torturante e atróz calór interno...
E eu, muito triste e só, no frio e escuro leito,
Muito lonje do seu olhar sereno e terno,

Penso: se eu a tivesse agora nos meus braços,
Assim, doudo de amor e de ardentes desejos,
Assim, tendo um vulcão no peito e a bôca fria...

Ah! Dar-lhe-ia nem sei quantos milhões de abraços,
E de beijos sem fim, de apaixonados beijos
O seu mo eno corpo, anciozo, eu cobriria!

Heraclito Vespaziano.

Como na historia...

O Maranhão vae ter a sua estrada de ferro.

Um ruskiuniano lamentaria a profanação; eu, posto que adore a natureza e sempre condemne os que a devastam, applaudo a resolução do governo que vae revelar á Republica, direi mais: ao mundo, as maravilhas da minha terra bem fadada.

A Providencia foi prodiga com ella. Deu-lhe por entranhas minas preciosas, poz-lhe á superficie um labyrintho d'aguas, umas tão caudalosas que por ellas podem navegar, todo o anno, e sempre cercados d'alcatifas de flores. Barcos alterosos, outras quasi azequias, derivando de mananciaes das brenhas e correndo perennes com alegre som e brilho vivido em beneficio das plantas que nellas se desalteram.

Os seus bosques frondejam tão densos que, dentro delles, em pleno dia, tão fechada é a sombra, scintillam pyrilampos.

Os seus campos são pasturas que se renovam pelo proprio viço.

Nas suas florestas reproduz-se o portento a que alludem os poetas da révora do mundo, quando descrevem a pujança das arvores e a variedade balsamica das flores.

Nos arroios graciosos o curumiú garimpa, o faiscador encontra no cascalho a estria de ouro e rochas de crystal relumbam ao sol como diamantes lapidados.

Os valles são alfombras que trescalam e, povoando essa opalencia formosa, os animaes agitam-se, uns pela terra, com o pello polychromico, outros pelos ares, com a plumagem variogada e nas aguas, onde fuzila a escumaria, os peixes acardumam-se.

Toda essa riqueza jaz em abandono — o fructo das arvores, cahindo dos galhos, apodrece e fórma nateiro em volta dos troncos tornando em seiva aos ramos e resuscitando em flores — o mais espera o dia do desencanto.

E a terra estende-se vasta, adormecida, deserta, leguas, perdidas por campo e monte, sem um tecto palhiço, sem vestigio humano, airoando apenas, o fragor das aguas precipitosas, o sussurro das folhas, o tremido das léras e o crepitar das sementes que estralejam ao sol.

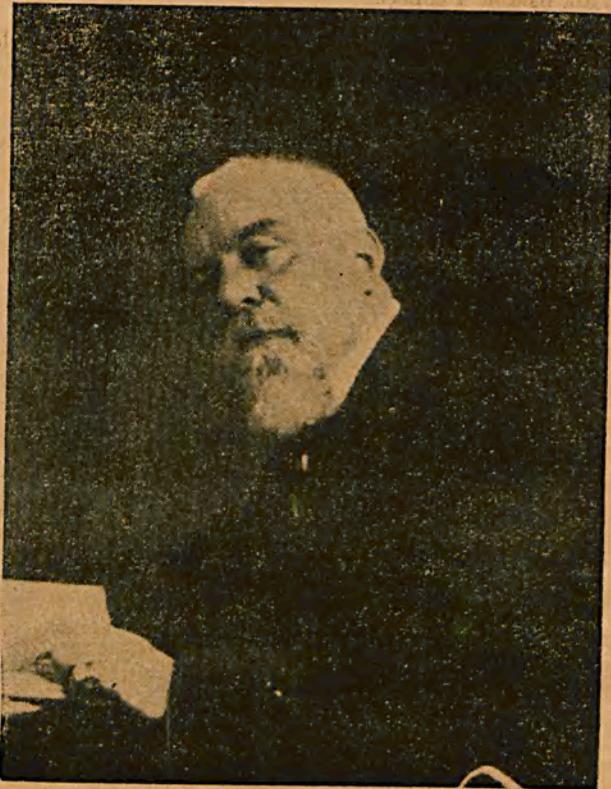
E' um mundo virgem que espera o homem.

O sertanejo não avalia a terra que pisa e trilhando, melancolicamente, estradas d'ouro, agasalhando-se á sombra d'arvores prodigiosas, cercado de maravilhas, lastima a pobreza em quo vive.

No dia em que o sertão fór desbravado: cada viagem d'um comboio será uma apothose á fecundidade do Maranhão e o homem pasmará do somno em que permanecêr tanto tempo a terra florida mais rica e mais bella do que a prímeza que dormiu até o dia em que o amor, abalsando-se fel-a voltár á vida, como nos diz Perrault.

Parece que, para despertar a minha terra adormecida, já so poz a caminho o príncipe enamorado.

Coelho Netto



Senador Fernando Mendes

Honramos hoje esta página de *Os Anais* com o retrato do exm. sr. senador dr. Fernando Mendes d'Almeida, representante deste Estado no Congresso Federal e diretor do *Jornal do Brazil* e da *Revista da Semana*.

Não traduz isso somente a justificavel vaidade de vermos nesta revista o retrato do nosso preclaro consócio honorario,—jornalista de belo destaque na imprensa sul-americana. Traduz tambem esse nosso ato, de sincera expontaneidade, a gratidão do Congresso Maranhense de Letras e de *Os Anais* pela carinho solicitude que lhe tem inspirado e pelos muitos e grandes serviços que lhe devem.

O DIA 30

A Lalá era uma moça, quero dizer, era uma tepida e innocente caricia, entregue a briza em um suspiro de amor.

O seu rostozinho mimoso e bello encerrava não sei quantas mil fontes de attracção, o que eu sei é que, muitas dellas estavam collocadas nos seus dois humidos e brilhantes olhos negros, bem no fundo dos quaes se viam, passando e perpassando sem cessar, numa grande anciada realização, as phantasias rapidas e frageis de uma alma sonhadora e chimerica.

A Lalá, depois de regeitar dois ou tres pretendentes, que se lhe apresentaram ahí pelos seus 18 annos, casou-se aos 19 com o jovem Dr. Philomeno, por amor, simplesmente por amor. As familias de ambos tinham alguma coisa de seu de maneira que elles não passavam nenhuma privação e como o dr. Philomeno obtivera pelo seu saber uma clientella regular, em breve, viveram até com certa largueza.

Viviam como dois pombinhos, cuidavam sempre mais do outro que de si proprios e nas horas de ocio não davam um passo sem que os seus braços se procurassem, para se entrelaçarem e sem que a cabeça de Lalá, viesse repouzar muito de leve no hombro largo do doutor. Lalá não tinha ainda visto em Philomeno, senão sympathia, amor e bondade e Philomeno somente encontrava em Lalá, bondade, amor e sympathia. De manhã, na occasião em que o Philomeno partia para o serviço quotidiano, a Lalá não se continha:

—Não saia hoje, meu doutorzinho.

—Não posso. Queres que eu deixe morrer os meus clientes?

—Oh! não certamente... mas então se não saires hoje?...

—Não cumprio o meu dever

—Eu não gosto de discutir, mas o teu dever não será ficar aqui commigo?

—Sim, mas não com prejuizo de outrem.

—Oh! já sei, disse ella rindo, só tenho direito sobre meu marido, quando mais ninguem o quer, eston bem aviada. O meu beijo?... e trouxe os labios do Philomeno, á altura do seu rosto, puchando-o pelo pescoço como uma criança.

—Lá me arranca você a gravata e o collarinho com tanta ternura e com tanto palavriado, disse elle, juntando o chapéu que cahira e descendo as escadas rapidamente.

—Até logo.

—Até logo. Se você não estiver aqui, á hora do almoço, eu não guardo, deixo-o com fome para aprender a vir cedo.

Os passos do doutor se extinguíam pouco a pouco no corredor, e a casa cahia em profundo silencio.

Toda a alegria de Lalá, se transformava em tristeza, ou antes, em inquietação.

Via-se, agora, nos seus olhos e nos seus gestos, a sombra de uma preocupação que ella procurava debalde occultar a si propria.

Os cilicis se uniam e ella abandonava o trabalho, sentindo um arrepio bom, como se por sobre ella passassem os bafeijos singelos e suaves de um arrulo macio.

Puchava o braço, torcia o pescoço, como se estivesse a recusar-los a alguém, fazia um biquinho de amôr, modelava um sorriso gostoso de quem está zangado só de um lado a brincar, assim sozinha, com os seus pensamentos de amôr.

A este idillio solitario de ternura e de affecto, de concordia e de paz, seguia-se uma grande dôr estampada no semblante e ella começava, então, a ver tudo negro e funebre, tudo luto e trahição. Agora ella pensava no marido a reproduzir as caricias que ainda ha pouco lhe fizera, lá, sob o influxo suggestionador de dois outros olhos formosos, a adorar outras mãos, a alizar outros cabellos.

A vida lhe parecia então insupportavel e martyrisante, a sua fronte molhada de suor pendia desolada sobre o peito e numa empolgante reacção do cansaço de tanta tensão nervosa uma lagrima, uma brilhante e doce lagrima, misto de resignação de brandura e de amôr, corria bem por aquellas faces de rosa, levando a ultima chispa, daquelle longo olhar que ella lançou por ultimo, e que serviu como de alma a aquella gottazinha quente que um soluço, ao agitar-lhe o corpo, sepultou e desfez fazendo-lhe cair no regaço.

Mas, immediatamente, ella se lembrava de que o Philomeno não tardava por ahí. Banhava o rosto correndo lesta ao toucador onde, em um piscar de olhos, se preparava para receber o marido, que já vinha subindo as escadas, e que ella recebia com a formosura e a belleza a assetinar-lhe a pelle, circulando nas proprias veias.

Antes de uma só palavra, se ouvia o som unisono de dois beijos e a Lalá se transformava em uma creança travessa e manhosa, a brincar e a dizer uma multidão de futilidades e de tolices de duvidas e de censuras que o marido ia aparando com um tom de lealdade e de firmeza taes, que a Lalá ficava sempre vencida.

Corria o aleijado mez de Fevereiro, com os seus 28. pés em busca do forte mez de Março, que tom 31.

Parecia, á Lalá, que o Philomeno escriava, que elle já não era o mesmo, notava-o, no seu modo de tratar, nas suas respostas, nos seus beijos, nas suas demoras.

Vivia triste, quasi sem corresponder aos carinhos e aos cuidados do Philomeno, de quem tambem um grande pezar se apoderava, com o estado da mulher, cada vez mais abatida e mais nervosa.

A Lalá espiava-o, fingia, achava uma satisfação cruel em tolhar-lhe os passos, prohibir-lhe a sahida, tomar-lhe os romances, abolir o theatro e o pagamento das visitas, sempre com o pretexto de estar doente, de sentir-se mal, de precisar disto, d'aquillo e d'aquillo outro.

O Philomeno, docil como um cão, obedecia como um escravo aos seus menores e mais disparatados caprichos afogando no fundo do coração as injustiças de Lalá.

Prescrevia-lhe regimens, comprava remedios que a Lalá não cumpria e não tomava para o pírreacar. Um dia elle lhe fallou mais rispídamente:

—Que era aquillo, então ella não queria ficar bóa?

Foi uma choradeira enorme, porque elle não a queria mais bem, nem nada, não se importava mais della e nem mais por ella tinha a consideração devida a uma senhora.

O Philomeno abrandonou-se immediatamente, pediu perdão, conseguiu commovel-a e tornal-a alegre por alguns dias mas logo depois, a Lalá cahia no mesmo estado, obsecada por uma idéa de traição.

Por fim, determinou consultar uma mulher que se dizia versada em coisas occultas, e esta depois de verificar por meio de varias sortes de baralho que era certo o que a Lalá pensava, por um requinte de vaidade e de ambição ella dizia—de amizade—quiz dar um remedio que ella ministraria em um dia determinado ao marido, fazendo-o maravilhosamente voltar ao que d'antes era.

—Uma gotta só em um copo d'agua e, tão certo como tres e dois são cinco, eis qualquer pessoa, debaixo do dominio absoluto de outra.

Para determinar o dia collocaram-se pequenos papeis numerados em um estojo de madeira privilegiada e depois de varias palavras ditas com voz cavernosa e a testa encostada á fechadura, simultaneamente, a uma enorme tensão muscilar dos braços collocados horisontalmente foi dada a ordem a Lalá, de introduzir dois dedos da mão esquerda no cofre e retirar um dos taes papeis. Nelle se achava escrito em letras pretas bordadas de encarnado, entrelaçadas por figuras misteriozas o numero 30.

Era o numero que sabia mais vezes, Lalá não sabia.

Pagou 30\$000 e foi para casa a espera do dia 30.

Todos os dias arrancava com impaciencia a folha do calendario e já estava louca de esperar, quando enfim, appareceu-lhe a phisionomia do numero vinte e oito. Vinte e oito, faltava apenas um dia.

Dormiu sem socego levantando-se varias vezes durante a noite para ver as horas. Afinal, ás cinco horas da manhã, voou ao calendario e arrancou, com movimento rapido, o papel.

Deu um grito e immediatamente uma estrondosa gargalhada que embalde quisera deter.

—Que é isso Lalá? perguntou o Philomeno.

—E' que eu acabo de saber que tu não me és infiel.

—E quem foi que disse que eu era?

A Lalá enfiou.

—Oh! era eu que pensava... era ciúme.

—E como adqueriste a certeza de que não é exato?

—Ora, raciocinei, pensei, vi e os argumentos a teu favor acabaram de vencer agora mesmo.

—Tanto melhor para mim, disse elle, intrigado, mais satisfeito de ver Lalá tão bem disposta.

Quanto ao mais continuaram a viver, d'ahi em diante, quasi sem desgostos pois Lalá verificara, que, depois que a cartomante lhe dissera que seu marido a atraçoava, ella nelle descobrira mais de mil vezes subterfugios e fingimentos que agora, depois que a cartomante perdera o credito, via serem tão naturaes e tão simples que não cabia em si de contente.

Só alguns annos depois foi que ella, temendo que elle viesse a saber do facto em qualquer tempo, e que por isso a desprezasse, contou-lhe o caso tão sabiamente e com tanta risada que no fim o Philomeno, apenas disse, rindo tambem:

—Trinta de fevereiro, pobre mulher!

E tornando-se serio:

—Deceste muito, Lalá!

Lalá baixou a cabeça.

—Podias ter-me até envenenado...

—Envenenado? disse ella atirando-se sobre elle quase louca, com os olhos fóra das orbitas, arquejante, apertando-o nos braços e cobrindo-o com o corpo como se o protegesse de um perigo imminente.

—Oh! foi por amor, eu o vejo, minha Lalá. Já passou. Preguei-te um bom susto, não é verdade? Não chores.

Eu te quero bem.

José Macêdo.



O dr. Luiz Domingues e nós

Reencetamos agora a nossa publicação. E isto devemos precisamente ao nosso eminente consócio honorario, o exm^o. sr. dr. Luiz Domingues, benemerito governador do Estado. Mandou s. exc. que a Imprensa Official editasse, sem remuneração, esta modesta revista. Um facto que absolutamente não poderíamos calar. Mesmo que o quizessemos, falar-nos-ia a consciencia. Por dois motivos:—um, pelo respeito que sempre consagramos aos homens de merito, e o outro pela amizade que nos une a s. exc. Porisso e principalmente pelo muito que o admiramos e pelo muito que lhe devemos. Porque a sua excelsa bondade para como todos nós foi além da nossa expectativa.

Abriu-se-nos a porta de luz do seu generoso coração. Sorriam-nos os seus labios. Illuminou-nos o seu espirito, dando-nos forças para trabalhar. «Que não esmorecessemos no meio do caminho! Que nos importava a nós o horizonte lonjinho?!...»

Um dia encontramos-nos na mesma trilha. Nós, os pequenos, estacamos. Cedo ainda e, entanto, já tão cansados, lutando e mordidos pela indiferença crúa d'outros! Precizavamos de incentivo forte, poderoso. Que elle viesse do alto e esparjissemos sobre as nossas cabeças como bençãos de luz numa chuva lustral.

Ofereceu-nos s. exc. o seu franco apoio, cumprindo a sua palavra.

Amor com amor se paga, préga a filozofia popular.

E aqui, bem aqui, no alto destas páginas, por tamanho reconhecimento, é que estampamos o *cliché* do sr. dr. governador do Estado. E em fazê-lo o orgulho é todo nosso. Se ha honra nisso, porventura, com certeza é para nós, todos nós batalhadores do Congresso Maranhense de Letras que tem a suprema honra de contar s. exc. no quadro dos seus honorarios.

Nem cremos que nisso possa haver honra sinão e tão somente para nós.

Sim! se não fosse a nossa força de vontade, se não fosse a crença que nos ilumina e nos arma guerreiros para essa tremenda cruzada do Ideal, de ha muito teríamos succumbidos no combate, fulminados pelos ataques dos nulos, dos cobardes!

O sr. dr. Luiz Domingues que fique certo:—em cada moço do Congresso tem s. exc. um coração amigo, em cada alma, uma alma que lhe quer bem, mui afetuosamente, agradecida pelo seu altissimo favor, nunca jamais esquecido, nunca jamais.



O ÁZIS

Para cantar-te, sons arrancarei
Do recondito d'alma enfebrecida,
Oázis ambicionado, que encontrei
No dezerto africano desta v da.

Sombra adoravel de palmeira erguida
Para amparar-me os ais, bem te sonhei,
Regaço onde, precito, achei guarida,
Paraizo que sempre exaltarei.

Aqui, sacuda a areia, dominante,
O vento, leão de enorme juba, irado,
Turve do sol o olhar loiro, faiscante,

Que, ilezo, bemdirei o quanto és pura,
Da luz suprema do teu ser banhado,
Patria do Amôr, do Alento, da Ternura.

Hemeterio Leitão.



Biography express

João Henrique

I

Tem dezeseite anos. Mede um metro e sessenta e oito centímetros. Magro, espigadinho, andar apressado, passo largo; cabelos pretos e luzidios, repartidos ao lado em meia ganforina, olhos escuros e rasgados; fronte estreita, nariz um pouquinho grosso; boca regular; orelhas moles, nem curtas e nem compridas. Tem repontando um grosso buço de noutro dia...

Sinal particular: inteligente de raça. Miope grau 20. Uza óculos e que oculos!

Detentiva: Reside á rua da Saude n. 12, sobrado alto, pintado de fresco, esquina com a rua da Palma.

Almoça ao meio dia ou ás onze conforme as aulas do Liceu onde cursa o sexto año; e janta ás cinco da tarde. Lê muito,

estuda muito até noite alta, na ancia de saber. Não sabe que relijião deve seguir, respeita a todas e vai á igreja piscar ás suaves raparigas *de la modê du jour*.

Fala um tanto apressado, sem jestos trajicos, e sempre ponderado. Gosta de rir. Rir para elle é uma delicia. E dança bem e gosta de baile principalmênte dos que não são pagos. Ama e é amado, ás vezes...

De primeiro fez versos aleijados mas não os publicou. Teve pena delles e de si. Hoje faz proza. E' prozador de larga promessa.

Grafologia. Não carrega ciúmes. Franco e nada orgulhozo. *Pouso,* só elle!... E tratavel, expressando-se magnificamente. E' membro fundador do «Congresso Maranhense de Letras» e já foi eleito 2.º Secretario e Prezidente delle e é redator d'*Os Anais*.

Buena-dicha. Não é amante de lugares ermos, tristonhos. Não tolera dezaforos. Isso não. Nem lê um só jornal ignobil por hijiene e honestidade. Jura guardar odios e os esquece com a mesma facilidade. Alma grande, coração d'oiro e compadecido. Felizardo em tudo, menos na loteria e porque nunca comprou um só bilhete, nem os de quatro fostões!

Vida longa e utilissima pois João Henrique é uma das nossas maiores esperanças.



A mendiga

—Uma esmola!... implorava uma voz fraca de mulher aos tranzeuntes azafamados, que lepidos sa iam e deciam á rua num borborinhar constante e agitado. Uma esmola!—tornava a repetir a pobre mendiga, achegando-se do velho lampeão da esquina o estendendo a mão mirrada e tremula; e, como ninguém lhe prestasse atenção, dezoconsolada, deixou rolar pelas faces encovadas e esqualidas de faminta, duas lagrimas que foram esbarrar no lajêdo quente da calçada. Olhei-a e atirando-lhe um níquel, que ella nervozamente apertou numa sensação de intensa e rara felicidade, pedi com curiosidade compassiva de confessor bon-doço, que me narrasse a sua vida, a que accedeu sem-relutar ao menos.

Não era preciso se ter o olhar penetrante de fizionomista arguto para se dizer que o seu todo, num conjunto perfeito de misérias, era a sintheze fiel, o esboço abertamente estampado das vicissitudes dolorozas e das alternativas tristes, que inçavam o decorrer de sua existencia não longa. Nacera não o sabe onde e de pais, que lhe não fora dado a ventura de os conhecer; creara-se numa caza de expostos, numa tristura de enjeitada, sem os beijos quentes e ternos de uma mãe idolatrada, sem os afagos meigos de um pai queido.

A reitôra bôa velhinha, que trazia nos seus cabelos ondeantes a côr alva e pura da neve, embuçada toda no manto negro da sua Ordem, como um fantasma das lendarias historias do Oriente lendario, muita vez, quando ella era creança ainda, tomava-a nos braços e asscutando-a nos joelhos, acariciando-a, dizia-lhe n'um tom pauzado e grave:

—«Pobrezinha, quanto és infeliz!

Nem que a tí se abra amplo um futuro cheio das mais rizonhas e dezejadas felicidades, que auteyemos nos nossos sonhos de esperanças, a existencia te será triste, pois teu nacimiento ferindo o orgulho convencional dessa sociedade balôfa, te é um labéo inapagavel!

Ella inexoravelmente, numa imanez selvajem, alcandorada em uma pearha de obsoletas convencionalidades, te expulsará, como a um homicida, e teme que tí, pobre innocente, a possas corromper e mac dar a ella, tão infeccionada pelo convivio contajiozo dos máus. Não é somente por essa gente, que pelos dezregramentos de seus costumes depravados não conhece a justiça, que tu serás desprezada. As leis, que rejem os povos civilizados, frutos duma mêsse dos máis precavidos e eruditos dos homens, cuja probidade por todos é aclamada, cujo saber avassala os tempos levando-os em triumpho á posteridade, onde divinizados pelo inteléto se tornam símbolos de verdadeiros

mitos, também te conleram e não é tudo ainda... A religião, filha, ouve esse tremendo anatema — e a voz da reitôra se embargava pelos soluços — a religião te repele também...

Mas nada de justo e de lojico tem essa hereditariedade de pena, pelos crimes perpetrados por nossos pais, que consagrada pelo uso, vai entretanto de encontro a todos os preceitos, mais rudimentares, do bom senso.

E assim, sem iluzões tão comuns na primeira idade, conhecendo já o charco lodacento do meu berço e as intemperies futuras com que havia de lutar, cheguei sem o presentir a puberdade. Nunca brinquei, jamais esbocei sequer um sorriso às minhas colegas. Tinha lhes mesmo aversão.

Dois ânos mais tarde, uma manhã calida de verão, desfiliávamos todos aos pares, macambuzias e lentas por deante do sacerdote-inspetor, que fixando a vista sobre mim, que me destacava das outras pelo meu desenvolvimento fize o, disse baixinho a reitôra: — está grande demais... já não pode mais ficar aqui... procure-lhe um destino seguro... e que se vá... Eu ouvi e alegrei-me imaginando os prazeres, as diversões variadas, que me proporcionaria a liberdade, quando dos olhos da reitôra, que me fitavam, como me envolvendo na sua luz triste e quazi morta, sem aquele reluzir vivo da mocidade, notei que as lágrimas deciam mornas, traíndo à sua dôr...

Dias apóz partia e sem saudades deixava o velho convento, de paredes grossas e enegrecidas pelo tempo, que fôra para mim, como o é para a avezinha o ninho, onde passa a primeira fase do seu viver despreocupado, esperando que um dia, empennada, possa abrir as azas e voar...

Liberdade fatal! Da austeridade da vida de asceta, da bondade emoliente da velha reitôra, dos seus conselhos severos, que corriam as minhas faltas, sopitavam os meus sentimentos perversos, sem um período de tranzição necessario, passei a um mundo novo, desconhecido, que me envadecia pela sensação das curiosidades, sem um broquel amigo a me encobrir das sétas venozas das insidias e ciladas humanas.

Fui para a caça d'uma costureira, encarregada de velar por mim, de me guiar, mas qual o fruto, que apanhado prematuramente pelo cultivador cubiçozo, ainda não inteiramente asazoadado, fenece, eu caninhei numa presurozidade inconsciente para os revaladios da desgraça.

Um rapaz, em pleno vigor de virilidade, moreno e alto, a vender saúde, trazendo sempre nos labios sensuais um sorriso, todo de amabilidades e de finos gracêjos, deixando aparecer a alvura latêa de seus dentes de esmalte, dum palavreado campanudo, redundando muita vez, pelo agregado confuzo de suas frases retumbantes e pompozias, em mera ridiculez, todo jando, começou a cortejar-me, passando repetidas vezes pela minha caça e fazendo-me um cumprimento escandalozamente grotesco.

Namorei-o também e sentia que o amava perdida e loucamente, com o ardor impetuozo e ego da primeira paixão. Dos cumprimentos espetaculozamente ridiculos, passamos ás triviais cartas, estupidamente inçadas de protestos e juramentos fervorozos, e numa noite clara de luar, recorde-me tanto — dizia a mendiga cerrando-se mais ao lampeão e fechando os olhos, como que invocando uma imagem retrospectiva — eu o esperei, espreitando através dum pequeno buraco, que havia no portão do quintal e tivemos uma entrevista...

Repetiram-se amiudadas e um mez apóz, dezvairada pelo amor e enlevada nos embelleços dêle, rezolvi fugir, e sobraçando uma trouxa com as minhas miseraveis riquezas, arfando nervozamente, agitada toda, abandonei clandestinamente a caça, onde a bondade caritativa duma pobre mulher me acolhera.

O nosso idílio foi enormemente lascivo, gozamos todos os prazeres da mais requintada volutuozidade, mas qual corruscante laisca eletrica, que em noite escura relampadêja no espaço e se apaga na imensidade das trevas, êle foi rapido e fugace.

Abandonada, estreaunhada de um sonho tão iluzório, reconheci então com espantozo medo, a profundez cava do abismo lubrico e escarpado que a minha inexperiencia me lançara e sentindo sobre mim o desprezo, o opobrio e a dezhonra, chorei... Envergonhada pela ignominiozidade do meu amôr, não tentei novamente buscar a pouzada abruptamente abandonada, e sem meios pecuniarios, entreguei-me num assomo de dedicação à vida, levada pelo poder majico e forte do instinto da conservação, à mais dezbragada e nojoza prostituição e como ostentasse uma belêza de formas esguias e volutuozas, que se delata-

tavam cubiçozamente lascivas no meu andar saracoteador e catita, os seus precalços chegavam sobejamente às minhas dezpezas, mas afracando me pouco e pouco pela libertinagem dêsse viver luxurioso, as minhas faces se foram dezciorando, o meu corpo perdendo a plastica admiravel de suas linhas sinuozas, gizadas pela natureza com admiravel perfeição.

Adoecei e atiraram me num hospital de pobres, onde dia a dia, sensivelmente a sifilia progredia ameaçadora, depauperando me o sangue enfraquecido já dos leucocitos e dos globulos vermelhos, abrindo-me chagas dolorozas, entorpecendo me os membros, reduzindo-me enfim ao deploravel estado dum ser leprozo.

Hontem, como as enfermarias do hospital se enchessem todas de mendigos, deram-me alta e desde então, sem abrigo confortador, onde possa reparar as forças que pouco a pouco me abandonam, vagueio pelas ruas tumultuozas da cidade na missão penosa de esmolar... — e pelas faces encovadas e esqualidas da faminta, mais duas lagrimas foram esbarrar no lajêdo quente da calçada.

João Henriqua

Mal secreto

A Raymundo Cerreia

O mar, como que um tétrico segredo,
Guarda, febril, no pélagos mais fundo,
E brama, e cava, e geme, atro e iracundo,
Batendo a terra como um vil rochedo.

E chora. E a espuma é a lagrima que o tredo
Fado lhe deu no ergástulo do mundo,
E tanto fel tem seu clamor profundo
Que, só de ouvil-o, a alcione é toda medo.

Magua tão grande assim só na minh'alma
Vibra e, assim como o mar tão miserando,
Nunca o meu pobre espirito se acalma.

Nunca se ouviu, no entanto, o que deplôro,
Nem se vê no meu rizo, borbulhando,
A torrente das lagrimas que choro

Antonio Bona

Membro correspondente

Alma dorida

Para o Palmerio Matos.

Foi, no grande armazem do tio, primeiro «caixeiro de vasoira», e depois auxiliar d'escriptorio.

Dai começou de tratar-se. Já não era mais aquêle mesmo. Mudou de tons e muitos já o achavam parecido com o tio: alto, robusto e esbelto, rosto redondo e olhos profundos, cabêlos negros e reluzentes, dum porte ativo de principe de lenda!

O seu primeiro passo foi saber e regaladamente, de todos os *bondoirs da demi-monde*, naquela idade d'ouro em que alvorecem e florecem os magnificos sonhos da mocidade. Depois, relacionou-se. Frequentava a sociedade e não mais havia moça que o não conhecesse, mesmo de nome!

Criou fama!

Ouvia missa aos domingos. As irmandades das igrejas êlejiam-no sempre para o conselho fiscal e, pela quaresma, davam-lhe o grande e rôxo pendão-guia das proci-ssois.

Era assim o Ezequiel d'Almeida que contava apenas vinte anos. Não era rôlo. Sabia alguns poetas de cor e lia romances. Lá isso é verdade: apanhou uma culturazinha. Também com que

esforço, louvado Deus!... De dia lhe não restava tempo e só à noite lia alguma coisa té horas altas quando tudo, lá fora, repozava em calma.

De poetas queria mais o Cazemiro d'Abreu e o Castro Alves. Mas, ó! o Cazemiro era o que lhe falava ao coração, todo d'amor e de saudades. Sabia sentir, sabia...

De uma feita foi a um sarau dançante. Caiu de sorte improvisar-se uma serata literaria num dos intervalos. Cantou-se e recitou-se ao piano. O d'Almeida convidado para declamar uma poesia aceitou. Era a primeira vez que se via em tal aperto. E palido chegou-se ao piano, de ganforina trescalante e faranhada, de monoculo a reluzir. Esticou o palitô, deu um jesto mole no corpo, vibrou o olhar em roda e braniu impávido e traço:

— Quem bate? a noite é sombria

— Quem bate? é riço o tufão.

Foi-se p'r' ai afora, esbugalhado. Mereceu palmas, mereceu abraços.

Agradou, e, onde fosse, recitava.

Um dia desempregou-se. Agora era o oiro dos Amazonas que o consumia, povoando-lhe os sonhos místicos de riquezas fabulosas. E foi para o Amazonas. Dois anos depois voltava, de barriga inflada, na pompa dolorosa da febre. Não trazia dinheiro: de bordo passou para o Hospital, apagado para a sociedade, essa mesma sociedade pérvida que o aconchegou no seio, ela que o tinha, tempos havia, como um dos seus melhores.

Deram-me noticias suas. Uma tarde clara de sol fui vel-o. Encontrei-o só, esparrado á cama, num compartimento imundo, entre quatro paredes brancas e esguias, esqueletico e dezmaiado d'olhos vitreos. Foi o meu espanto:

— Pois que! Doente e só, uma sombra do que foste!

E abraçamo-nos entre lagrimas. O decadente d'Almeida, tremulo, espalmado as mãos nervozas e alvas, ruminou a chorar:

— Nunca pensei! E' como vês... Doente não tem amigos. Estou acabado...

— Estás muito abatido...

— A febre, meu caro, a febre...

— Em compensação trescalas a dinheiro grosso. Estás rico. Dois anos no Amazonas, uma riqueza! um tezoiro!... Quem vem de lá vem quasi sempre assim: traz dinheiro e traz febre...

— Olha aqui a minha riqueza... E arrancou de sob o travesseiro uma safadissima cedula de dois mil reis. Mostrou-n'a chorando: era a sua fabulosa riqueza!

Levantou-se cruamente. Pediu-me uma cigarrete e a chuchurreava nervozamente d'olhos a boiar num vago pranto. E atravez a vizão do fumo, relembrou o passado, os seus doidos amôres, os bailes, os seus sonhos magos de poeta trácumento, sem nunca haver feito um verso... Revivou á memoria, com a alma lapiada de tristeza, estuando de saudades, todo o seu bom tempo d'empregado do tio, até aquêlê formidavel escandalo que provocara no Café Central, com um alferes de policia, por via duma atriz que tanto queria para a lasciva brutal do seu amôr decendo té onde ela, habitando um suave e alegre sojorno fóra da cidade.

Falei-lhe do péjo da sociedade. Replicou-me:

— Sabes? A vida é essa... A sociedade é a verdadeira constituição do escandalo às encubadas. Dentro dela vivi tempos muitos. Sei cá de coizas... Sei da Laurina Balcédo que tanto me ha perseguido... Fosse ela outra que não a mulher do bambo Miquelino das Ribas... comprehendes?

— Percebo. O escandalo na sociedade já é uma necessidade. Mesmo porque, no momento actual de luz e civilização, não ha sociedade alguma no mundo sem uma flôr d'escandalo, sem um ridiculo...

O grande Ezequiel d'Almeida, pigarreou, ergueu-se num grande esforço, e sentado molemente, soltou uma gargalhada ironica como que histerica, louca, ebria que remurejou no ar... E olhamo-nos, mudos, contemplativos, num silencio humido e glacial como se alguma coiza nos embargasse a voz. Os nossos olhares feriram-se, confundiram-se chocozos numa linguagem somente por eles comprendida!

Quiz falar e não pude. E d'Almeida, mais palido que o lino, ajitou-se e caiu bruscamente ao leito. Consegui dizer-lhe por fim:

— Que é? Que sentes?

— Nada... ai! como a vida se vai num leve sorriso palido desfazendo-se como gotas d'orvalho ao sol...

— O' não, tú vives...

— Bendita a tua bondade, meu amigo. Mas não me podes ser bom... Bendita a tua doce companhia...

Invadia o quarto do moribundo um vento suave. O sol lá fóra tinha furias de Nero, incendiando a cidade...

Gritei pelo enfermeiro que acodiu prestes. O Ezequiel, ranjindo os dentes claros, foi aos poucos amortecendo os olhos, mui devagarinho, devagarinho... Corri-lhe á cima, dei-lhe uma vela, chamei-o... E os seus olhos profundos, molhados, fitaram-me por um instante e rolaram, apagando-se. Borbulhou á flôr dos seus labios uma bolha humida de sangue.

Pobre d'Almeida, meiga alma dorida de sonhador!

Crizóstomo de Souza.

CANHENHO BIBLIOGRAFICO

Poeira... versos de Humberto de Campos. Lisboa—1911.

Com uma rizouha dedicatoria entrou-nos caza a dentro, como um doirado raio de sol, o livro de versos *Poeira...*, de Humberto de Campos, dileto membro correspondente do Congresso Maranhense de Letras, na suntuozza capital do Pará.

Poeira... é um livro, um livro tanto pelo seu fundo altamente emocionante, como o devem ser todos os livros d'arte, como também pelos seus enredos amorozos e suaves, ora impetuozos de desejos e de sandades, tudo em forte concepção estetica «na divina linguagem do verso» sem jamais macular a suprema Arte.

E' um livro em que o poeta sabe ver e compreender as coizas e os seres, penetrando no mais recondito segredo da natureza, naquêlê panteismo docemente encantador como só Leconte de Lisle ou o nosso Alberto d'Oliveira, ora lirico e suave como o divino Musset.

Lendo-se *Poeira...* não se sabe o que mais admirar, se a beleza dezlumbradora da fórma na graça crúa da idéa, ou se o apuro da linguagem. Mesmo porque *Poeira...* por si só é uma biblia d'amôr e de sonhos, escrevendo-a o fidalgo poeta no coração azul do ceu

..... juntando estrelas

E na terra, a beijar, juntando flores.

E está. Fossemos obdecer ao nosso desejo e aqui transcreveriamos agora todo o livro. Limitamo-nos, porém, a fechar estas linhas palidas com o rebrilhante soneto *Lendo-te*, um dos melhores que ha aparecido no estupendo e farto mercado brazílico-portuguez na difficilima lingua que gaguejamos:

«As rozeiras aqui já estão florindo...»
Mandas dizer... «As hispidas e pretas
Rochas da estrada já se estão cobrindo
De musgo verde... Ha muitas borboletas...»

E eu me fico a pensar que agora é o lindo
Mez das rozas esplendidas e inquietas
Azas: tempo em que a serra anda sorrindo
E em que todos os passaros são poetas.

Vejo tudo: a agua canta entre os cafeeiros.
Vejo o crespó chrysanthemo e a assucena
Estrelando a verdura dos canteiros.

Penso, então, que em tudo isso os olhos pouzas...
E comêço a chorar... Olha: tem pena,
Não me escrevas falando n'essas couzas!...
Que belo soneto! Que lindo modo de dizer!

Poeira... poeira de sol, leve e d'oiro a refulgir, não é um livro d'estréa. Vale por uma consagração, é um livro de mestre, — imppecavel, numa aureola de luz, gloriozo e forte.

Agradecemos penhorados a oferta o daqui enviarmos um acochado amplexo ao Poeta que, com a sua *Poeira...*, já se fez

uma das maiores esperanças do Maranhão literario, em pleno rubor da primavera da vida.

As Promessas, de Laura Roza.
—Maranhão.

E pronto. Já se não pode dizer o mesmo do livro de contos ultimamente publicado pela *señorinha* Laura Roza, respeitabilíssima professora normalista. Foi-nos oferecido um exemplar por um digno amigo para a biblioteca do Congresso.

Não ha duvida. *As Promessas*, enfeixando doze contos (vejam só, com doze contos já se pode cazar!) são dignas de rejisto não tanto pelo seu valor literario, mas simplesmente pela novidade de aparecer num momento crítico, como o que atravessamos, em que a bisbilhotica do Publico fareja mais a Política e os traquinas filhos da Política. Daí o se não saborear o mimozo e leve fruto (que não é proibido) do promissor espirito de dona Laura Roza que não é p'raí qualquer ezotica *chanteuse* de versos mancos, nem de proza vesga!

Ademais estamos na epoca dos *les films d'art*.

Todo mundo vai ao cinema, rir quando encontra uma comica do dezastrado Did, ou chora quando assiste uma tragedia de Vitoria Lepanto. O cinema tem disso. Dona Laura fez-se agora *artista*. Veio à cena. Fez-se, ensaiou-se ha um punhado d'anos, e agora aparece reforçada. E está ai a sua *filinha* engraçada e mimoza conquanto não tenha a nitidez preciza das d'arte, tem a doçura dum rebuçado branco, roliço e mole.

Não foi Max fazendo rir às soltas, mas foi Crefinet com verdadeiras promessas. Porque talento é que lhe não falta. Talento e cultura sobremaneira. Esta buscou-a d. Laura na bagagem literaria do obezo Escrick como faz crer no *O sopro de Deus* finjada naquela Sinhá gorduxa e dezafeitada que tambem gostava d'*Omoço loiro* do truculento Macêdo.

E por falar nessas coizas releve-nos a talentoza escritora em dizer aqui que, o seu conto *Sopro de Deus* bem parecido com a *Roza* de Macêdo é, pelo menos, uma emitação escandalosa. Lonje, porém, estamos nós de afirmar o ser um gordissimo plajio. Isso não... A educação da nobre professora não daria para cometer tamanho crime.

Mas, *O Sopro de Deus* tanto pode pertencer a Macêdo como a glorioza d. Laura. Ora, vão dizendo p'ros outros... Deus que é mandão do Céu e da Terra, o *papão grande* de todos nós, quando sopra não é lá só p'ra seu Macêdo que é o filho mais velho; não. Elle quando venta é pra todos. E está ai por que dizemos que d. Laura não plajiou nadinha...

Ai! ladroaça é elle, o velho Macêdo que foi gulozo em querer só p'ra si...

Ninguém se arripie. *As Promessas* podem ser tudo, afinal, menos promessas com o patife do P. Nem isso e nem o que pensa a dona Laura. Mesmo porque o seu livro peca pela ortografia, pelo vicio de linguagem, pela pessima colocação de pronomes de mistura com um estilo de noticias de jornal da *roça*.

Ai! perdoe-nos, angustissima senhora!... O que dissemos das suas *As promessas*, bem pôde variar e mudar como a mulher na frase de Virgilio: *Varium et mutabiles semper!*

Poemas, de Julio Cezar.—Tavares Cardozo & C. ed. Pará—1911.

Os inteligentes editores Tavares Cardozo & C., tiveram a maga gentileza de nos oferecer o grosso livro de versos ha pouco editado da lavra do malogrado poeta Julio Cezar.

Poemas são um bem trabalhado volume, tanto pelo lado da impressão como pela emoção dos seus versos. A *Elegia* à pagina 223 é uma poesia que prima pela ideia e pela forma emocionante do dizer. Lêam este terceto:

Ai! que sou egoista e sou ingrato!
Folguei vendo-a na cruz desta existencia!...
Vendo-a feliz, em ancias me debato!...

Belo, não acham?
Assim são todos os mais.

Diz d'elle o sr. Cezar Continho de Oliveira: «O Pará tem em Julio Cezar Ribeiro de Souza um dos filhos que mais o honram e não seria demasiada homenagem fundir o seu misculo perfil no bronze duradouro, que servirá de exemplo á mocidade entibiada do presente e ás gerações futuras».

E, muito de coração, agradecemos a remessa dum exemplar das *Poemas* do poeta que foi Julio Cezar, o paraense illustre.

João Lisboa.—Imp. Oficial—1911.

Ofertou-nos o sr. diretor do *Diario Oficial* um folheto com 23 pajinas, contendo a detalhada noticia que a *Pacotilha*, o poderoso e vibrante jornal da tarde desta capital, publicou sobre as festas civicas realizadas a 26 d'Abril deste ano, na transladação dos restos mortais de João Lisboa, o maior dos escritores nacionais, para o lugar onde se vai erguer o seu monumento.

Enfeixa tambem os rezumos dos discursos pronunciados por essa ocazião, por Domingos Barboza, Antonio Lobo, o Mestre, e de S. Exc. Sr. Dr. Luiz Domingues, benemerito governador do Estado. Daí, finaliza o folheto com o discurso integral do sr. Ribeiro do Amaral, presidente da Academia Maranhense. E a jente, ao lê-lo, abre a boca, cançada e remõe umas tantas couzas. Pensa em um sonho supimpa de por *sobre a nudez forte da verdade*, aquellas verdades crías ditadas maciamente pelo velho e vibrante preceptor. E quem não foi a festa, quem não viu e ouviu o sr. Amaral, lá está ali, naquellas pajinas gloriozas, toda ella dezerita minuciozamente, toda ella palpitando aos olhos ávidos do leitor, deixando saudade em quem nella não tomou parte, e recordando o passado, o bendito e gloriozo passado desta terra bendita e glorioza!

Ao illustrado sr. diretor do *Diario Oficial* os nossos mais afetuozos agradecimentos pela remessa desse folheto, que nos deu o delicioso prazer da leitura do eloquente orador e profundissimo professor, sr. Ribeiro do Amaral, cuja forma «é um marmore divino com estremecimentos humanos».

Jornais e revistas.

Deu-nos o prazer da sua vizita, pela vez primeira, a bem feita *Revista Tipografica*, que circula bimensalmente, nesta capital, sob a direção principal de Arthur Lima Brandão e dos srs. Jozé Assiz e Astôr Nina de Carvalho, inteligente moço que a secretaria.

O numero presente traz variadas colaborações e dá uma linda noticia sobre os *Contos de minha terra*, livro a ser publicado, da lavra de Domingos Barboza, o fulgurante *conteur* nacional.

A *Revista Tipografica* está digna de nota e, sem mais, agradecemos a amavel vizita.

Rufinus.

Congresso Maranhense de Letras

Constituição

Art. I. O Congresso Maranhense de Letras, fundado nesta cidade a 1.º de outubro de 1909, tem por fim:

- pugnar pelo cultivo da lingua e da literatura nacional;
- publicar mensalmente uma revista, *Os Anais*, difundindo nella as suas ideias;
- comemorar as datas maranhenses, nacionaes e as que julgar de necessidade;
- ter João Francisco Lisboa como patrono geral;
- funcionar pelo menos quatro vezes por mez, sempre aos domingos, abrindo as sessões ás 9 horas do dia;
- adotar oficialmente a ortografia da Academia Brasileira de Letras.

Art. II. O Congresso compõe-se de 25 membros efetivos tendo mais trez quadros ilimitados: um de membros honorarios, outro de membros benemeritos e outro de membros correspondentes.

Art. III. Só poderá ser membro efetivo do Congresso o moço de idoneidade firmada e que comprove haver trabalhado pelas letras, podendo ser apresentado por qualquer congressista, mediante proposta escrita, seguida de algumas produções literarias, publicadas ou inéditas, do proponente.

§ Único. Poderão, em tanto, ser membros honorarios ou correspondentes todos os que, pelo seu valor publico ou literario

rio, merecerem do Congresso essa distinção. E benemeritos os que fizerem ao Congresso doação maior de cem mil réis.

Art. IV. As vagas que, de futuro, se derem no quadro de membros efetivos serão preenchidas por eleição secreta.

§ I. Reconhecido o candidato e achando-se elle prezente o será logo empossado e, se não, o Presidente ordenará ao Secretario Geral a official-o, marcando-lhe dia, hora e lugar para sua receção.

§ II. Os discursos pronunciados nessas solenidades deverão ser lidos.

A direção

Art. VI. O Congresso é dirigido por uma Diretoria composta dos seguintes cargos:—Presidente, 1.º e 2.º Vice-Prezidentes; Secretario Geral, 1.º e 2.º Secretarios, e Procurador-Bibliotecario. Além da Diretoria funcionarão mais as comissões:—*Comissão de Pareceres* e a *Comissão de redação d'Os Anais*, aquella composta de seis membros, incluindo-se os vice-presidentes, esta composta de trez membros.

Art. VII. Compete ao Presidente:

- a) prezidir e abrir as sessões logo verifique no recinto a presença de seis congressistas;
- b) manter a ordem nos trabalhos, respeitar e fazer respeitar o prezente regulamento;
- c) dirigir os trabalhos, anunciar os debates e as votações;
- d) assinar o expediente e rubricar as atas;
- e) encerrar as sessões e discussões nomear comissões especiais ás solenidades em que o Congresso se tenha de representar;

f) nomear a *Comissão de Redação*, ao assumir do seu posto;

g) autorizar as despesas e convocar sessões extraordinarias;

h) fazer, na sessão de posse, o programa justificativo dos trabalhos do ano a encantar;

i) chamar á ordem o congressista que se portar inconveniente na sessão;

j) ter o voto de qualidade.

k) apresentar anualmente um relatório de todos os movimentos do Congresso;

Art. VIII. Cabe ao 1.º Vice-Presidente:

a) substituir o Presidente nos seus impedimentos ou faltas occasionaes;

b) prezidir a *Comissão de Pareceres*.

Art. IX. Incumbe ao 2.º Vice-Presidente:

a) substituir ao 1.º Vice-Presidente nas suas faltas occasionaes ou impedimentos;

b) fazer parte, como relator, da *Comissão de Pareceres*.

Art. X. Ao Secretario Geral cabe:

a) substituir o Presidente e os Vices successivamente na falta ocasional ou impedimentos dos mesmos;

b) preparar e assinar a correspondencia do Congresso;

c) relatar pareceres ou quaesquer trabalhos a cargo da Meza.

Art. XI. Compete ao 1.º Secretario:

a) substituir o Secretario Geral nas suas faltas occasionaes ou impedimentos;

b) ler em sessão o expediente e dar-lhe destino depois de despachado;

c) organizar as atas.

Art. XII. Incumbe ao 2.º Secretario:

a) substituir o 1.º Secretario nas suas faltas ou impedimentos;

b) ler em sessão as atas.

Art. XIII. Cabe ao Procurador-Bibliotecario:

a) substituir o 2.º Secretario nas suas faltas ou impedimentos;

b) estudar e dar parecer sobre todas as propostas que criam despesas;

c) ter sob sua guarda e administração o arquivo geral e biblioteca do Congresso, promovendo pelos meios ao seu alcance o desenvolvimento da mesma;

d) registar em livro as doações de livros e jornaes;

e) tratar, fóra de juizo, dos interesses do Congresso, autorizado pelo Presidente.

§ Unico. O Procurador-Bibliotecario será substituido nos

seus impedimentos por um congressista designado pelo Presidente.

Art. XIV. A *Comissão de Pareceres* compete estudar e dar pareceres sobre as eleições de membros efetivos, honorarios, benemeritos e correspondentes e da Diretoria.

Art. XV. A *Comissão de Redação* cabe dirigir *Os Anais*, publicando nelles trabalhos de membros efetivos, honorarios e correspondentes e de todo aquelle que designar o Congresso; e tem o direito de renegar a inserção nos mesmos de trabalhos que, não obstante o seu valor, julgue não convir, levando essa rezolução, por escrito, ao conhecimento do Congresso.

As eleições

Art. XVI. As eleições para a Diretoria são efetuadas sempre na penultima sessão de setembro de cada ano, apurada e estudada pela *Comissão de Pareceres* que, na sessão seguinte apresentará o seu parecer sobre ella. Reconhecida a Diretoria será ella empossada na sessão comemorativa do aniversario da fundação do Congresso, podendo adiar.

§ I. As eleições dos membros efetivos serão apuradas e estudadas juntamente com as produções dos candidatos: o parecer apresentado á Meza opinando pelo reconhecimento ou anulação das mesmas justificadamente, prevalecerá sempre.

§ II. As eleições para a diretoria serão efetuadas por escrutinio secreto, votando cada membro numa só cedula, contendo os nomes dos votados, sendo tambem permitido o voto a descoberto.

§ III. Para a *Comissão de Pareceres* vota-se tambem numa só cedula.

§ IV. Em caso de empate proce ler-se-á a novo escrutinio.

As regalias

Art. XVII. Os membros do Congresso têm o direito:

a) colaborar n'Os Anais;

b) propor membros efetivos, honorarios, correspondentes e benemeritos;

c) votar e ser votado;

d) atender ás contribuições que se realizarem dentro do Congresso;

e) discutir os trabalhos e dissertar sob tema escolhido.

f) representar, ás sessões, qualquer colega por indicação escrita.

Disposições gerais

Art. XVIII. O Congresso dará, em homenagem aos principais escritores maranhenses já falecidos, o nome de cada um delles a cada uma das vinte e cinco cadeiras e o titular de cada cadeira pronunciará o elogio do nome literario nella inserito. Esses elogios irão sendo publicados n'Os Anais.

Art. XIX. Os membros da Diretoria sendo reeleitos e votados para d is cargos têm o direito de escolha.

Art. XX. O Presidente da *Comissão de Redação* figurará na revista como diretor e os demais membros como redatores.

§ Unico. Os cargos da Diretoria são incompativeis com os da *Comissão de Redação*.

Art. XXI. O Congresso terá um Presidente honorario.

Art. XXII. Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Congresso Maranhense de Letras, 6 de Agosto de 1911.

A comissão de Estatutos,

Crizóstomo de Souza
Eider Pestana
João Henrique
Heráclito Vespaziano
Clarindo Santiago
Braz Aranha.

ARTHUR CASTRO,
Presidente efetivo.

Diretor: CRIZOSTOMO DE SOUZA.

Redatores: JOÃO HENRIQUE e HERACLITO
VESPAZIANO.

OS ANAIS

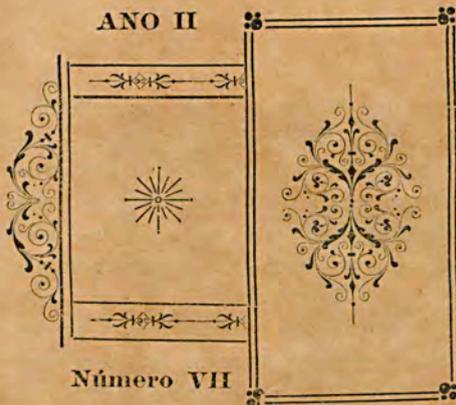
Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

INDICE

O Maranhão Literario . . .	C. S.
Em sonho	H. Vieira.
Coelho Netto.	Redação.
Voleões de neve.	Domingos Barboza.
Horas do pôr do sol	Ulpiano Brandão.
Recordação	José Macêdo.
Magnus dolor	Heracito Vespaziano
Antônio Lobo...	Redação.
No esquecimento.	João Henrique.
Para "Os Anais"	Frederico Figueira.
Frederico Figueira.	Redação.
Natalieio	F. Fernandes Silva.
Biography	* * *
Canhenho Biografico. . . .	Rufinius.
Julia Lopes de Almeida. . .	Redação.
Rejisto e notas.	Redação.

Toda a correspondencia desta revista deve ser dirigida ao seu diretor á
— RUA DA ESTRELA, N. 70 —

Imprensa Oficial



OS ANAIS

Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

DIRETOR: Crizóstomo de Souza

REDADORES: João Henrique e Heraclito Vespaziano

O Maranhão literario

Continua a «enquete» do Congresso—O que pensa um moço—Antonio Lopes—Outras notas.

Sempre, nesta pobre terrinha, ha de se lutar impavidamente, com grande esforço mesmo e muita força de vontade, para elevar-se uma ideia, á realização pronta, de um ideal.

Além da vida cara, caro mais ainda se torna o amôr, nesta terra, ás coizas da intelijencia, entre o olhar vesgo de mediocridades chatas que atassalham sem pudôr, e a critica lorpa dos nulos e dos apedentus que se acantam a propalar mal dos que, como nós, surjem envoltos na purpura da nossa pequenez, simples na embriagante doçura da nossa simpleza, serenos ante a hostilidade do meio ambiente.

A ideia da *enquete* do Congresso triunfará ou não? Os maledicos, sem creença que lhes illumine a frente, sem fé que lhes estreleje o peito, sem competencia para falar de ninguem a principio sorriram um rizo parvo d'asno solto. Depois... ai! depois!... E o que elles dizem de nós passará na sua inconciencia como passam as folhas ao vento...

A *enquete* terá o seu dia de triunfo. A prova vai aqui evidente e clara, clarissima como um raio de sól. De primeiro, falou Domingos Barboza, o bizarro e rebrilhante autor dos *Mozaicos*. Agora Antonio Lopes. Pois que então!...

Antonio Lopes é um moço de vinte e trez anos. Magro, d'estatura mediana, d'olhos tristes e profundos, andar miúdo e lésto, cabelos negros, repartidos ao centro. A principio fez versos, desde os quatorze, e nunca os publicou. Ninguem o sabia um poeta. Veiu-lhe um buço violento impondo-lhe ares serios a infundir respeito e logo encostou elle a *lira* atrás da porta e saiu p'r'o tempo...

Para que mais fazer versos? E concluiu o curso de humanidades. Foi-se para o Recife e matriculou-se gelidamente na faculdade de direito. Trez anos apóz, revelou-se. E, no *Jornal do Recife*, cronicava em colaboração remunerada, de quando em quando, para aumento da sua *mezada*!

Dai, cinco anos perderam-se nas brumas do tempo. E Antonio Lopes chegava á terra querida, para instalar-se trazendo ao fundo da mala um diploma de bacharel em ciencias juridicas e sociais; de que só agora se lembrou de uzar, e, no dedo indicador, um anél faiseante... que não trouce. Já não era tão somente poeta. Era mais essa linda coiza a que elle tem horror: *bacharel*, ou mais comumente: *doutor*...

Antonio Lopes hoje, moço ainda, é um escritor de forte envergadura. Não ha publicado um só livro siquer, que o recomende aos ledores de livros. Mas os jornais da terra aí es-

tão, para algo dizer dos seus magnificos talentos literarios. Eles aí estão atupidos das suas refulgurantes produções.

Isto de se dizer abertamente que o Antonio Lopes (valha-nos Jupiter!) não tem um livro, diz-se mal. Publicados não os tem, é verdade. Mas tem-nos elle e muitos. Lá estão encafuados, no horror da gaveta de sua tenda de trabalhos, tantos livros, tantos! Os *Estudos de literatura comparada*, o *Bioscopio* (cronicas) e mais não sei quantos de poezias, contos, novelas, pajinas de critica, a fóra p'ra mais de duzentos sonetos, sessenta poemas em francez e um ensaio sobre filozofia.

Admiravel a sua atividade!... E em que *instante* faz elle um livro, sabem-no só os que privam da sua amizade. Mas esse livro que tem estilo, arte, sentimento, estudo... não vem á lume. Porque? Ninguem o sabe e nem elle o revela a ninguem.

Luiz Delfino, o maravilhozo poeta das *Trez irmans* tambem nunca publicou um livro. No entanto deixou cinco mil sonetos, cem poemas, setenta livros, e poezias outras, algumas ineditas e outras insertas em jornais e revistas...

Assim, Antonio Lopes. Não ha pressa, e livros editados se quizesse elle os ter, a quantidade de suas produções esparsas em revistas e jornais, chegaria ás obras. Talento e cultura são o que lhe não faltam, louvado Deus!

Cultura precipuamente tem-na elle.

Não fóra essa garantia forte da sua alma ^{de} Eleito e, noutro dia, não teriamos assistido boquiabertos ao concurso preluminozo ~~da~~ da cadeira no Liceu Maranhense, ao qual Antonio Lopes foi o unico candidato, desarmando antes do combate os inumeros pretendentes. Eu sei de mais de um que ficou damnado. E hoje, além de bacharel em ciencias juridicas e sociais, é professor catedratico, e o mais culto dos poetas maranhenses, e critico vigoroso, pelo seu saber, dando disso sobejas provas.

Ser tudo isso é, com certeza, uma coiza extra, numa pobre terra como esta onde os moços da sua idade se entregam á burocracia absorvente e mole ou, prontos *doutores*, se arregaçam numa escaça promotoria da rôça onde se vêem peiados pela politicajem pulha de chefetes botocudos, audazes na agressão, cobardes no ataque.

Ser homem de letras, nesta triste Atenas Brasileira, é ser um ente perverso e endiabrado incorrendo no odio tacanho da burguezia balôfa e palradora. Ademais conseguir-se respirar fóra da vulgaridade é um vôo aereoplanico que se alcança para além das nuvens, posto que arranhado na reputação pelo burguez que sempre vota um odio profundo.

Não temos uma atmosfera propicia para a facundia e larga transflorecencia da criação estetica. Os que cuidam d'arte são crivados d'apodos e doestos, e não raro, ao depois de estonteante entusiasmo tão comum da juventude, estatelam

vencidos e jogam-se estupidamente a emperrar vejetando no seio duma repartição publica.

Não temos leitores e não temos editores. Os nossos poetas e beletristas só recebem, como esmola, a publicação gratuita, nos jornais, dos seus trabalhos sinão em malfeitas revistas que morrem logo com a mesmíssima facilidade com que aparecem.

Outros ha que, com esforço inaudito e até com sacrificio, mandam enfeixar em livro muitas das suas melhores produções, numa reles e feia brochura. A mór parte da tiragem vai para o armario e o restante espalha-se pelos amigos. Ha gentes que assinam o nome na lista que se faz circular antes da publicação. Ao receberem do livro esboçam um rizoito ridiculo e imbecil e gurgulejam ao entregador: que nem tempo possuem pra outras coizas, mormente para lerem versos ou contos...

Não aceitam e devolvem o livro. Muitos ficam com elle e não pagam. E' sempre assim. No Maranhão não se lê. A burguezia pançada é uma inimiga gratuita do escritor. E o escritor é uma besta no seu *juizo critico*.

Vem a ser porisso, talvez, e temendo a indiferença criminoza dessa gentalha que Antonio Lopes não faz editar os seus livros. Guarda-os apenas, em manuscrito, ou em projeto com muito afeto. Ninguem melhor do que o autor para amar com amor os seus livros tendo ciume delles. Porque amor sem ciume é mesmo como roza sem espinhos—não tem graça, essa banalissima originalidade que lhe dão.

Agora, porém, os leitores d'*Os Anais* vão saborear uma carta que Antonio Lopes nos enviou em resposta ao que lhe indagamos. Não responde propriamente a nossa *enquete*, todavia tem cabimento aqui.

E aqui vai a carta:

John amigo

Escrevo-lhe mais em cumprimento de um dever de sociabilidade e afeto do que de uma satisfação á vaidade pessoal.

Dirigi-me v. uma carta acompanhando o boletim de sua *enquete* excellente e é a essa carta que respondo e não propriamente ao boletim.

E já lhe digo porque não a este. Com essa idea de uma *enquete* literaria quer-me parecer que v. ao concebê-la (~~deixe~~ passar) estava, e ainda talvez esteja agora, convencido de que temos literatos e temos vida literaria. E' lógico que a essa idéa corresponda a sua *enquete*.

Ora é disso justamente que eu não estou convencido. Não se espante. A nossa vida literaria, si a temos, é nulla ou quasi nulla e não oferece interesse ao grosso publico. Creio mesmo, como dei a entender no condicional de ha pouco, que ella não existe. E se existe atravessa agora uma crise de zoladora. Não me pergunte porque.

—Ha literatos, dir-me-á.

Se eu lhe perguntar, porem, quais sejam os tais literatos, v. meu caro John, ficará na perplexidade de me não responder sinão como só nome de Antonio Lobo. E uma andorinha só, John excelente...

Todos os mais que aqui v. julga literatos não somos mais do que uns sujeitos que escrevem para os jornais.

Já vê que não concordando com o ponto fundamental da sua *enquete* não lhe poderia responder ao boletim. Dadas aquellas circumstancias, que interesse ha para o publico em conhecer as nossas respostas ao inquerito que iniciou? Eu pelo menos sinto que, principalmente no meu cazo, não ha nenhum. E não afeto modestia. Digo-lhe a coiza como penso que a coiza é.

Que importa ao publico que v. venha a mim e me pergunte

desde que anno escrevo e que eu, pondo a mão na molleira—já não a tenho John!—lhe diga:—Espere... desde 18...—com gravidade e exatidão. Pergunta-me ainda que idade tinha quando escrevi a minha primeira produção e *que era eu nesse tempo* Que lhe poderia responder sinão que era o que sou hoje—nada—com uma vantagem apenas para o meu amor-proprio: a de não ser, então, bacharel.

Quem se importa com saber qual a minha primeira produção publicada, se nem eu mesmo tenho interesse em o lembrar? Ha, de resto, perguntas no seu boletim a que ninguem pode responder. Essa, por exemplo, em que quer saber como vencemos. Quem é que vence na vida, John optimista?

E esta outra, que me dirige com um leve tom d'ironia: como se estreiou em livro? Pois v. concebe, John, alguém concebe que eu seja capaz de me estreiar em livro?

Como queria v. que lhe respondesse como fui rececido pela critica do paiz? Lembre-se de que varios escribas da terra teem me taxado de imbecil.

Mas o que lhe não hei de nunca perdoar é o ter-me perguntado quantas obras tenho em elaboração e quantas para o prelo e ainda, com um requinte cruel, que nome lhes dou.

Depois de me haver assim afrontado, pergunta-me v. se gosto disto ou daquillo. Isso não se discute John.

Ha, porem, uma couza que lhe quero a todo tranze responder a serio. E' que eu não sei qual o que mais valeu pela mentalidade, dentre maranhenses do passado. O que eu lhe quero inculcar servindo-me de um vocabulo muito seu é que o que menos valeu foi o Sotéro. E, ainda, uma ultima: aquella em que se refere ao revolver. Que juizo faz v., John, do Código Penal?

E é tudo o que lhe tenho a dizer.

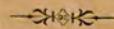
ANTONIO LOPES.

Ai! carta cruel... E, bem ali, aquella *menas* verdade de que no Maranhão não ha literatos!

Sim. Atmosfera propicia para a transflorecencia da criação estetica é que não temos. O meio é escandalozamente acanhado e, porisso mesmo, a burguezia pondera.

Ai! carta cruel...

C. S.



Em sonho

A' *inteligente normalista* Amelia Barboza

Pediste-me que o sonho te contasse
Que tu com isso não te importarias...
Contado tudo, enrubeceste a face,
E tempo houvesse mais tu chorarias!

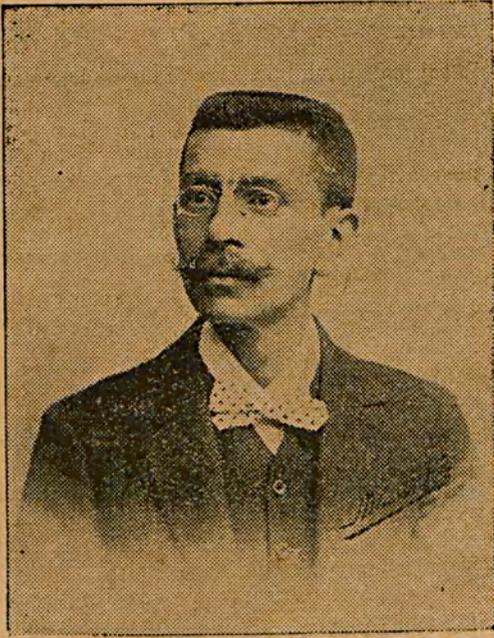
E como um tempo imenso se passasse,
Quatro dias, meu bem, tu me sorrias,
Dizendo que em tal sonho tu não crias,
Mas que contigo eu nunca mais sonhasse.

Curvo aos teus pés eu te implorrei chorando:
Perdoa-me querida esse medonho
Mal, pois sempre assim vivo em ti pensando

Que culpa tenho, amor, de haver sonhado?
E sendo tu a nevoa desse sonho,
Que culpa tenho, emfim, de haver pecado?

Henrique Vieira

Volcões de neve



COELHO NETTO

Honramos esta pajina com o retrato de Coelho Netto, o grande e maravilhoso estilista nacional.

Coelho Netto é a gloria mais viva de uma raça e o orgulho de uma literatura. Poeta, jornalista, dramaturgo, *conteur*, romancista, abranjendo todo o ramo da atividade mental Coelho vale tão somente por si só, pela facundia do seu poderoso talento e pelo enjenho admiravel da sua arte.

Mestre da palavra escrita e falada o grande escritor possui o encanto da linguaagem e a majia do estilo, manejando-os a ambos com o brilho d'astro e a pulcritude deslumbradora dum ceu lavado d'estio.

Falando—preluma e aclara e escrevendo as suas pajinas d'ouro, num estilo terso e sublime, têm a sonoridade quente, a harmonia divina d'arpas eolias e o encanto acromatico das paizajens lindas da Natureza em transfloração nos seus dias claros e luminosos.

Quem ha por aí, por todas essas parajens uberrimas em que se fala a lingua portugueza, quem ha que não conheça Coelho Netto?

Infelizmente a maioria conhece-o tão só de nome. Não sabe lá dos seus livros sinão pelas lombadas. E, com que melancolia o mestre lamentou essa falta numa carta. «A minha obra é mais conhecida dos ledores de catalagos —citam-se titulos, poucos são os que podem dizer do contexto Emfim, a arvore não produz flores para enfeitar-se, sinão porque é esse o seu destino».

Grande, e triste verdade!

E dando aqui o seu *cliche* nada mais o fazemos sinão em rendermos diminuto preito ao mestre querido que tão alto ha sustentado o nome da *Atenas Brasileira*, a sua terra amada, nome que lhe valeu pelo passado e pelo presente conferindo-lhe o mundo científico e literario.

Coelho Neto, a quando em ferias, enviará para *Os Anais* a sua transfulgente colaboração. E o publico da nossa terra terá a ocazião precisa de apreciar ao patricio illustre, pois que os seus escritos serão pequenos e leves, magnificos e suaves.

Esperemo-lo.

—E ha voleões de nevc?

—Ha, sim.

—Mas, quando, ha dias, me ensinavas a lição de geografia, explicaste que os volcões são montanhas donde saem cinza, fogo, lavas...

—A'! Esses, são os volcões que deitam fogo. Os de neve são pequeninos, assim...

E as duas mãos recóncavas mostravam o tamanho dum pomo.

—E devem ser frios, muito frios, pois não são?

—Não. São tépidos, teem um calor suave de pele macia...

—A'! Já sei! São as lavas que o aquecem!

—Tambem não.

—Então não deitam lava?

—Deitam sangue...

—Sangue?! E ficam vermelhos, não é?

—Não. O sangue vem, espreita a neve, e acha-a tão alva, tão alva, que, para não a macular, se aquieta na craterazinha, coagulado, como um botão.

—E não sái nunca?

—A's vezes, mas depois de se tornar muito branco, tão alvo como a neve.

—Que vontade eu tenho de ver um...

—Mostrar-te-ei dois...

—Ora, tão lonje ainda! Naturalmente quando nos cazarmos e formos fazer a nossa viagem de núpcias!...

—Mostrar-te-ei já, se quizeres...

—Quero, sim! Mostra, anda! Quero!...

E Corasentiu que os dedos do Lúcio tremiam, primeiro sobre os botõesde madrepérola da *blouse* de cassa branca, depois na maciez tépida do entre-seios.

.....
—Máu!...

E aconchegava as mãos pequeninas, que tambem tremiam, tremiam, sobre a abertura da *blouse* de cassa branca.

Domingos Barboza.

(DA ACADEMIA MARANHENSE)

Horas do pôr do Sól

Anda o sól a bater de viéz pela chapada:

Já não há o calôr alto do meio-dia...

A tarde chega frêscia... E, voltando á malhada,

Lonje, onde o rubro sól fulje, darda, lampêja,

—De volta da jardia—

Vem, fatigada e mansa, a boiada sertanêja...

Do taboleiro esguio, onde o alto céu é um manto,

E onde o ocazo parece uma enorme fogueira,

A vôar, em espiraes, do minimo recanto,

Avulta, sóbe e crece, em nódoas de esfuminho,

Uma nuvem de poeira,

Enegrecendo o céu e nevoando o caminho...

Quanto punje e comove esse cair da tarde,

Na tristeza floral do campo undozo e verde,

Quando o sól já não brilha e o dia já não arde!...

E logo que a tristonha e ultima sombra esponje

Essa fimbria de luz, onde o olhar se me perde,

Estende a noite e o sól se some ao lonje... ao lonje...

Nem há nada que mais a alma comova e traga
 Punjido o coração, do que o sól que se esconde,
 Toda tarde, na curva indefinida e vaga
 Do horizonte, onde morre, e nessa fimbria vasta
 Onde mergulha e onde
 Cai a noite serena e o céu limpo se afasta...

* *

E mais triste que o mar, no frio alvôr da praia,
 De um extranho bramir, de um som magoado e extranho,
 E' este sól que se põe, e, lonje, o olhar expraia...
 Que o mar leva consigo, a balir onde estronda,
 Um tosquiado rebanho
 De vagas, que percurte e bale em cada onda...

* *

Tudo, ao Morrêr do sól, de súbito se cala.
 E onde o céu beija a terra e se me vae a vista,
 Nessa h'ora vespéral sem o ruir de uma fala,
 O sól morre, o sól cambia, o sól baixa o horizonte,
 Num quadro panteista,
 Doirando o campo verde e o cabeça do monte...

* *

E o campo, êrmo e dezerto, é imenso e triste. Um lago
 Não é tão triste assim:—que a agua estagnada e morta,
 A menos que não tenha um cantar manso e vago,
 Logra um suspiro de ave, um cantico, um arrulho.
 E ainda a sêde confôrta
 Da ave que ouve, prevê e busca esse marulho...

* *

O campo não:—é vasto e abandonado. O ch'oro
 Das ravinas nem se ouve aqui nestas parajens!...
 E' o campo, o campo emfim... E só, como um agouro,
 Se escuta, á noite, o vento, a vir, como um segrêdo,
 Neste êrmo sem folhajens,
 Sem o abrigo de um poizo á cópa do arvorêdo...

* *

E mais triste que o mar, e mais triste que tudo,
 —Que um rio a marulhar e um lago quiêto e um monte
 Verde e uma praia alva e um esplanado mudo,—
 E' este campo, no frouxo e místico clarão
 Do nevoado horizonte,—
 —Onde tudo termina e começa o Sertão...

Ulpiano Brandão.

—*—

Recordação

Ao CRIZOSTOMO DE SOUZA

Havia dois annos que o Ranulpho casara com a Theresa.
 Numa bella tarde de setembro, achavam-se elles senta-
 dos á porta, cada um em sua cadeira de embalo, pensativos, a
 olharem para a fimbria azul do horizonte, que se patenteava,
 além, no pintoresco panorama da bahia.

O vento soprava forte, o mar batia, lá em baixo, nos
 paredões do caes.

—E' verdade, disse o Ranulpho, que é do bandolim?...

Traze-o para cá, eu não me estou sentindo, com muita
 disposição, para morrer de tedio; quero sahír, um pouco, da
 invariabilidade sem fim desses dias infinitos.

Theresa não deixou de estranhar, que o marido estivesse
 a morrer de tedio em dias infinitos ahi ao seu lado... mas, em-
 fim, como o Ranulpho tinha, as vezes, uns repentes de dizer as
 coisas sem pensar, ella ao voltar com o instrumento, perguntou-
 lhe simplesmente:

—Que queres?

—Advinha...

Therêza fitou-o, preludiou, uma apoz outra, todas as peças
 que sabia e o Ranulpho ia dizendo a cada uma dellas:

—Não... Não... Não...

—Não sei mais nenhuma, Ranulpho,—disse ella.

—Ora... procura.

Houve uma pausa.

Uma onda bateu de rijo na muralha. Tinha anoitecido; a
 lua ahi estava a rojar um feixe fraco de luz tranquillã.

Therêza começou. As cordas do instrumento vibraram
 harmoniosas, com o seu tinido metallico e as notas se foram
 ligando, uma a outra, como se se tivessem procurado e se bei-
 jassem no ar.

E os sons foram passando, camada sobre camada;
 Theresa, a principio hesitante, foi tomando corajem; a musica
 se foi tornando mais nitida e ao mesmo tempo a executora
 quase agradecida, pela acceitação do marido, como que dese-
 jando envolver-lhe em suas redes sonoras, fe-las tão tenues que
 a palheta apenas roçava nas cordas. Era uma symphonia velha.
 Therêza nunca a tinha tocado, ao Ranulpho, que lhe pedia
 sempre coisas novas. Ella olhou para o ceu e viu uma nuvem a
 correr para a lua. Distraiu-se e ficou a tocar machinalmente
 enquanto o Ranulpho todo a tremer, murmurava:

—Porque vibras assim tão docemente, oh doce bandolim?
 Porque?! Porque me dilaceras a alma avivando saudades es-
 quecidas que tinham adormecido a musica monotona e narcoti-
 zante do tempo?

E sem reparar que já tinha passado a occasião de repro-
 var a peça:

—Não, disse elle.

—Não o que?

—Não quero isso.

—Pois eu não sei mais nada.

E a Theresa se voltou, para o marido, com os olhos mago-
 adamente cheios de uma queixa immensa.

* *

Os quatorze annos são a idade classica dos amores sem par.
 E a esses amores ninguém ha que se não refira, sentindo o co-
 coração pulsar mais apressado e sem sentir delicadas recordações,
 a affluirem n'um mar sem limites de desvanecimento.

São devaneios queridos que se despreparam um a um, no
 vendaval do viver e que só hão de germinar no cerebro de
 novos outros quatorze annos.

Elles teem quase sêmpre a mesma forma, porque nascem
 sempre de uma das multiplas paixões a que o homem está sub-
 jeito na vida.

Paixões, que o teem acompanhado durante o desenrolar
 somnolento dos seculos—amor, odio, egoismo...

Paixões, que sempre se encontram a regular e a fazer pro-
 seguir com a força da crusa ao encadeiamento logico dos factos.

Continuemos.

Foi aos 14 annos na epoca dos tepidos e ameigados arru-
 los que o joven Ranulpho começou a gostar de Nha Lô.

Primeiro os seus olhos se encontraram e elles se fitaram
 durante um instante, depois fugiram com o olhar, procuraram-se,
 evitaram-se desconfiados, e, por fim, entenderam-se e amaram-
 se sonhando poesias e venturas, felicidades e loucuras tão pro-
 prias das illusões da juventude. Declarou-lhe elle o seu amor
 numa sala de baile já lá pela quinta valsa, a arfar de fadiga, a-
 pertando-lhe a mão.

Ella lhe tinha dado uma flor, dizendo-lhe sim, com o silen-
 cio e com os olhos.

Dahi em diante, onde estava Nha Lô, tambem se encontra-
 va o Ranulpho, sempre a olha-la, sem se cançar, alegre, espiri-
 tuoso, bom.

As vezes, Nha Lô, tinha ciúmes e chamava-o de voluvel,
 namorador, incivil; ao que o Ranulpho respondia muito serio:

—Você tem razão, Nha Lô, ha muito tempo que eu andava
 pensando n'isso... mas lá incivil não sou, não.

—Não incivil não,—dizia Nha Lô.

—Nem namorador, porque afinal a quem tenho eu namo-
 rado?...

—E'.....

—Agora você quer dizer que eu sou voluvel?

—Não, eu tambem não ia dizer isso.

—Então porque é que você está zangada?
 —Ora... pois se você não tira os olhos de Elvira.
 —Ah!... então você não me ama?
 —Amo sim! Porque?
 —Se você me amasse não veria nada... o amor é cego.
 E estavam feitas as pazes por entre duas longas gargalhadas.

Seis mezes se passaram assim, por entre as flores da primavera da vida, quando Ranulpho teve que passar dois annos fora a estudar preparatorios em Pernambuco. Durante esse tempo, nenhuma carta, nenhuma lembrança. Nha Lô viveu primeiro triste, depois resignada. Quando Ranulpho voltou foi visitar a familia de Nha Lô, num sitio a beira-mar. Nha Lô torceu-lhe a cara, mas a noite sua irmã, que tinha aprendido a tocar bandolim, sentou-se á porta rodeada por todos, e numa noite de setembro, com o vento a soprar forte, com o mar a bater as pedras da praia, com a lua a rojar um feixe fraco de luz tranquilla, começou a fazer vibrar as cordas harmoniosas do instrumento com o seu tinido metallico, e as notas se foram ligando uma a outra como se se tivessem procurado e se beijassem no ar. Era uma symphonia bella, amorosa, terna, nova em folha, chegada no ultimo paquete.

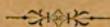
E foi ali, embriagado, louco, anhelante, que o Ranulpho disse arrependido quase aos pes de Nha Lô:

—Perdão! Perdão!

E foi ali que Nha Lô perdoou bondosamente, a afinar a voz com o farfalhar das cordas para ser ouvidas só por elle e a desenrolar suas queixas, ao som grave e cheio, do delicado bordão.

Era disso, que o Ranulpho se tinha lembrado, era della, da sua querida Nha Lô, que morrera tão nova, tão boa, tão meiga.

— José Macêdo



Magnus dolor

Desde o instante cruel, dolorozo momento
 Em que, cruel, milhões de espinhos espalhando,
 A minh'alma ferindo e o coração rasgando,
 O Amor—, esse immortal e terrivel Rebento,
 Do grande coração da Natureza, o peito
 Penetrou-me, que trago os olhos cheios dagua,
 E vejo reflectir nas lagrimas que deito,
 Em cada uma, uma atroz, uma profunda magua!

A minha vida outr'ora, alegre, socegada
 E feliz, talvez, como a vida de uma flôr,
 Desde essa hora fatal, eu tenho-a transformada
 Numa vida infernal, de amargura e de dôr!

Antigamente eu tinha azues e rozeos sonhos
 E guardava iluzões divinas e serenas.
 E hoje... só tenho, ó Deus, pezadelos medonhos
 E vivo triste, sob o pezo de mil penas!

E Ella, se perversura um instante sonhasse
 Quanto este eterno amor é tão grande e profundo;
 Se no seu coração impiedozo brotasse
 Esta verdade: que no universo, no mundo
 Inteiro, sou eu quem mais a ama, mais adora,
 Mais a quer sobre tudo—em su'alma de flôr,
 Em sua immaculada alma, talvez, raiasse
 De piedade divina, uma divina aurora,
 E do seu coração, ah! talvez rebentasse
 Uma esmola de amor! uma esmola de amor!
 — Balsamo ardente que me perfumaria a alma,
 Transformando, talvez, em uma vida calma,
 Esta vida infernal, de amargura e de dôr!

Mas, não terei, de certo, essa branca ventura!
 Ah! nunca hei de beijar a sua rozea boca!
 E assim, continuarei a viver—alma louca—
 Só, nesta solitaria estrada, amarga e escura,

Trazendo o coração desgraçado sangrando...
 Sangrando, porém, sempre inda mais adorando
 A cauzadora desta extrema e atroz Tortura!

Agonia infernal, extraordinaria e infinda!
 Ardente afeição que desgraçado me faz!
 E eu vou ficando mais, mais desgraçado ainda.
 Vendo que este amor, dia a dia, aumenta mais!

Heraclito Vespaziano



Antonio Lobo

Pelo *Diario Official*, o nosso consocio honorario Domingos Barboza levantou a candidatura de Antonio Lobo, nosso prezidente de honra, á cadeira da Academia Brasileira de Letras, em que se assentava Raymundo Corrêa e que tem por nome patronimico o de Beruardo Guimarães. E, logo em seguida, Frederico Figueira, o rútilo jornalista, o velho bom de alma de moço, tomou, entusiasta, um dos guiões do pendão que Domingos Barboza desfaldava na vespera.

Para essa candidatura estrugem *Os Anais* todo o seu aplauso, o mais expontaneo, o mais sincero.

Aluizio Azevedo, Coelho Netto e Graça Aranha, de gerações muito posteriores ao periodo áureo em que aqui fulgiram João Lisboa, Gonçalves Dias e Odorico, ao limpica trindade representativa d'aquelle ciclo, são de uma época em que aqui o talento literario era uma aza que se espalmava e partia para a Capital do Paiz

E concorrerá igualmente á vaga de Araripe.



Antonio Lobo, chefe incontestavel e incontestado da intelectualidade maranhense, representará ali, si para ali entrar, o Maranhão que, ao seu impulso e ao de uma geração literaria que surge cheia de fé e de esperanza, batalha na Cruzada reivindicadora das glorias mentaes do seu passado.

Bem haja a idéa de levar á Academia Brasileira o nobre e alto nome de Antonio Lobo, o Mestre eminentissimo cujo retrato sobremaneira honra hoje esta página de *Os Anais*.

No esquecimento

E' dolorosamente triste, entanto, é uma realidade a que tivemos a desventura de constatar.

Calar seria irmos, num indifferentismo criminoso e inesplicavel, engrossar mais a avultada onda, que parece não sentir o coração assolado pela acerbidade da tristura, abatido no con-fran-jimento da desgraça, quando a terrível Parca impiedosa ceifa um homem de valor, que indubitavelmente honrou esta terra maranhense, onde pela vez primeira seus olhos abriram-se á contemplação não compreendida ainda, dessas belezas incomparáveis, com que tão prodigamente nos dotou a natureza.

E este homem é o grande poeta Raimundo Corrêa, que genialmente tanjeu as cordas harmoniozas de sua lira, fazendo-as vibrar com a sublimidade sonora de seus versos, que bem traduzem, numa perfeição de forma e justeza de sentimento, a magna que lhe ia na alma dorida de vate infeliz.

Tivemos a boa dita daqui ter nacido inesperadamente, numa viagem, por entre o ruído metalico das maquinas dum vapor e o crepitar estonteante do mar, que houvera antes tragado, na escuridão dum fim de noite o imortal autor dos Timbiras.

E' interessante notar-se aí duas coincidencias: a do dia de seu nacimiento, a 13 de maio, mais tarde glerificado pela humanitaria lei, que aboliu com a escravidão negra, canero social que corroia de ha muito o paiz, e a de ter por berço o mesmo mar, embora em lugares diferentes, que servira de tumulo a Gonçalves Dias.

Bem cedo sua familia o levou para muito lonje do seu torção natal, e distante daqui, no sul, em meios mais promissores e adiantados, alvoreceu o seu talento, apoiado logo por uma aureola de merecido triumpho. Floreceu e tornou-se então notavel, espalhou-se sua fama, e foi como uma das primeiras luminarias da literatura contemporanea, que efetuou sua trajetoria numa grande dispersão de luz espiritual e desapareceu sem declinar.

Em sua carreira literaria não foi de toda nula a influencia de sua terra, que embora sobre ele não atuasse pelo fator cosmico, o seu afastamento muito, decerto, contribuiu para que amiude se encontre em seus versos uns tons pronunciados de tristeza.

Extremamente sensível, como os poetas o são, por demais afetivo, teve a desdita de perder na primeira idade a sua genitora, e creado assim sem o confortante e tepido aconchego dum colo materno, sem os afagos e carinhos duma mãe, tão necessarios á formação do nosso espirito, lutando depois com as duras adversidades duma vida embaraçosa, desconhecendo o seu berço, que bem soube amar, ele foi sempre um tristonho, um nostálgico.

Excuzado nos é procurar fazer, mesmo em largos traços, a critica de sua individualidade na literatura brasileira, quando é do dominio de todos a pujança mascula do seu talento, não só como um dos vigorozos poetas sul-americanos, como também um dos eruditos e finos conhecedores das ciencias sociais e juridicas.

Uma vez houve, que impellido pela crueza da nestalja punjente, procurou investir contra a sorte que o expatriara e com este intento partiu para o Maranhão, onde impedido por imprevisto acontecimento, não logrou chegar, o que o contristou deveras, como nos deixa ver o seguinte trecho d'uma carta sua: «Tão difficil é fazer uma viagem d'aqui até lá, que não me consolarei nunca de ter perdido aquella oportunidade que tive para vêr o Maranhão...»

Numa admiravel consolação, verdadeiramente estoica, resignou-se em o querer bem, em o ver através do prisma de sua imaginação ardente, mais viva ainda pelo brilho, que lhe emprestava o seu ardôr patriótico e não será, talvez, dezarrazoado aventar que ao sentir a vida extinguir-se ao frio sópro da morte, os seus olhos de moribundo se alongaram como tendo devizar no rumo do occidente, além das aguas revoltas do revolto Atlantico, iluminadas pela luz do sol poente, as alvas praias de seu Maranhão querido, onde se elevam palmeiras de umbrozias cópas.

Entretanto só nos parece (quanto nos é penosa essa con-

fissão!) que esse grande e desinteressado amôr, não é suficientemente correspondido pelos seus coestadanos, pois a nova de seu falecimento, ao contrario da de alguns outros maranhenses foi recebida aqui duma maneira tão indifferente, que outra coisa não podemos concluir.

Até hoje a não ser pequenas noticias dadas pelos jornais diarios, havendo mesmo um deles que exclusivamente se limitou a rejista-la no seu serviço telegrafico, nada, absolutamente nada se ha dito sobre Raimundo Corrêa.

Nenhuma sociedade literaria se abalou em promover-lhe homenajens funebres, nenhum só homem de letras do nosso meio se dignou a traçar-lhe o seu panejirico pela imprensa.

O nosso viver de provincianos pacatos continuou sem a menor alteração na sua classica quietude, essencialmente burgueza, sem nenhuma exteriorização de dôr, como se o illustre vate, que falleceu, não fosse um maranhense de reconhecidos merecimentos, uma das glorias da geração presente, um dos sustentaculos fortes do nosso renome de Athenas Brasileira.

A indifferença lavrou e lavra, assumindo já as proporções avantajadas duma ingratitude, que cumpre reparar.

* Depois de impresso o artigo acima lemos, em jornais da terra, que o ilustrado e benemerito governador do Estado, por um decreto justissimo, deu, a uma escola publica, o nome de Raimundo Correia, sendo necessario, portanto, o rejisto dessa nota digna e bela.

João Henrique.

Para "Os Anais"

Eu não poderia corresponder melhor á gentileza dos moços que escrevem «Os Anais», quando pediram a minha collaboração para o proximo numero da promissora Revista, senão escrevendo algumas palavras de animação e applausos á essa corrente intellectual, que, em torno de luminosa caudal, vem formando essa pleiade de rapazes estudiosos e intelligentes.

Nenhum paiz, por mais forte que seja a sua organização politica, pode ascender á prosperidade e a grandeza, si não tiver perlustrando a estrada do progresso, o desenvolvimento intellectual de seus filhos.

O retardamento da nossa nacionalidade em alcançar os grandes surtos do progresso, a que attingiu a outra America, num periodo de existencia igual ao nosso, não se deve a outra causa que não ao descaramento em que tem estado a instrucção popular em nossa patria.

Paiz excessivamente vasto, sem uma organização escolar que podesse abranger afastadas circumscrições territoriaes, entregues aos poucos recursos de Estados nimiamente pobres, sem meios facéis de comunicação, como são os do norte, não teve, ao começar a sua primeira organização politica, o desenvolvimento que aquelles deram ao ensino popular. E esse desenvolvimento, a pár de um rapido progresso, se irradiou em todo o paiz, por terem rebido de Inglaterra, povo essencialmente pratico e adiantado, os modernos ensinamentos para a conquista das especialidades em que se divide a industria.

Povos de um mesmo continente, os Estados Unidos e o Brazil, aquelles podem ter tanto genio inventivo quanto este. Mas, o grao de instrucção a que aquelles tão rapidamente ascenderam, preparou o espirito de seus filhos para as grandes descobertas que tanto teem maravilhado o mundo em todos os ramos da sciencia.

A velha Europa, não teria alcançado o grao de distincção que lhe deram a litteratura, a sciencia e as artes, si não tivesse aperfeiçoado os ensinamentos que lhe trouxe a civilização hele-nica.

Cultivando-os com excessivo ardor, encontrou na abnegação dos spartanos, na clarividencia de Pericles, na philosophia de Socrates, na integridade de Aristides, na sciencia de Aristotó, o caminho que lhe ensinou o amor da patria e a conduziu ao estado de florescia em que se encontram os paizes que a compõem.

E nós, além da necessidade que sentimos de diffundir o mais depressa possivel o ensino popular, unico factor capaz de elevar-nos a altura dos povos industriaes, regimen para o qual estamos

talhados pela riqueza e diversidade de recursos naturaes, reconhecemos que a falta de educação civica muito tem contribuido para retardamento do nosso progresso material e dos elementos que tem por dever sustentar a integridade da Patria.

Neste ultimo problema, cuja solução está pendente de espiritos superiormente educados, entra a organização physica do povo, que vae perdendo as qualidades ethnicas das tres raças que o formaram — a branca, a indigena e a africana — para nos dar um producto deformado na sua structura organica.

Todos os povos adiantados cuidam com o maior interesse deste problema sociologico, creando curso de gymnastica e hygiene nos estabelecimentos de ensino.

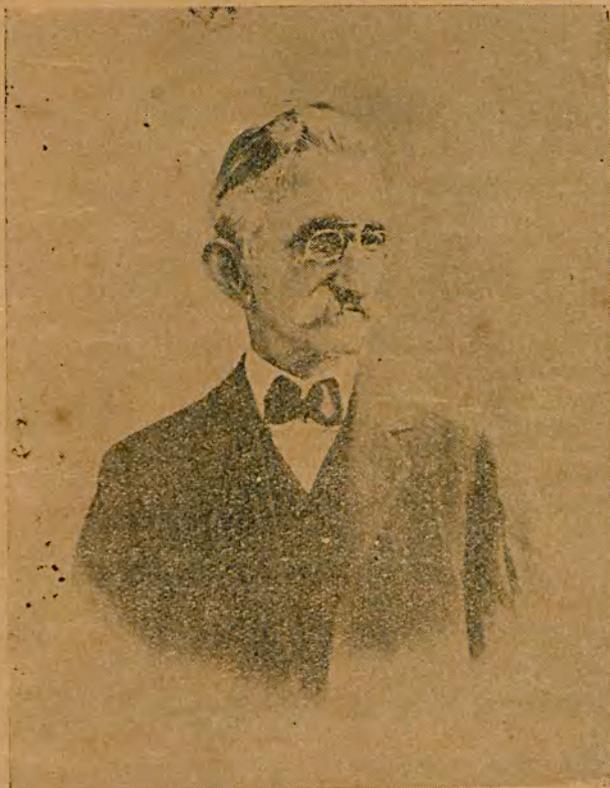
Os exercicios musculares, dando flexibilidade aos movimentos do corpo, desenvolvem o organismo e tornam creanças de-beis em homens fortes e sadios.

Todos os ramos de educação intelectual e pratica, que espiritos adeantados procuram desenvolver, para dar á nação brasileira as formas de um povo forte, precisam de uma tenaz propaganda da imprensa, guiada, especialmente pela mocidade aquella que não sente desfallecimentos nem recua deante dos maiores obstaculos e sacrificios, quando se empenha pela victoria de elevadas causas

E «Os Anais», dado o seu importante papel na imprensa maranhense, vem trazendo um concurso valiosissimo para o desenvolvimento de idéas que mais contribuem para a felicidade da patria: o concurso da intelligencia.

Trazendo, pois, os meus applausos ao brilho com que se vão desempenhando da sua luminosa missão, faço os mais sinceros votos pelo futuro litterario de moços, que se entregam com o maior ardor ao cultivo das letras patrias.

Frederico Figueira.



Frederico Figueira

Presidente do Congresso Lejislativo do Estado e membro honorario do Congresso Maranhense de Letras.

Ilustramos esta pajina com o retrato excelente do illustre coronel Frederico Figueira, o velhinho bom d'alma branca e sonhadora, o maior dos nossos jornalistas atuais.

Espirito rutilante de largo descortínio, acostumado ás mais

renhidas lutas da imprensa em pról da cauza publica, desde o albôr da sua mocidade fagulhante, tersando arma com a destreza dum general em chefe, Frederico Figueira vem, com todo o vigor do seu belo temperamento, duma geração sobrevivendo a outra geração, robusta e forte, que tantos louros ha conquistado, para gloria de sua terra, no centro litero-politico scientifico brasileiro.

Vivendo uma vida modesta e pacata como os altisonos apóstolos, afastado do rumôr bisbillhoteiro da cidade, lá no coração iluminado do seu sertão querido, a deliciar-se com a muzica divina da natureza numa orquestração poetica, prescutando o susurro detirambolesco da verde floresta que se estende afóra, na doçura aromatica de sua esmeralda, luzindo á luz forte de um sol sublime, Frederico Figueira chegou, pelo seu talento e grande esforço, á perfeição dum homem impoluto feito carater, entregue ao trabalho honesto e suarento posto que num meio ingrato às coizas da intelligencia.

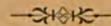
Orador fluente, quando fala, estrelas vôm dos seus labios iluminando maravilhosamente. A sua palavra facil e sonora tem a vivacidade coriscante dum espelho e o colorido dum pedaço de ceu de primavera. Os grandes serviços que ha prestado ao povo de sua terra, como batalhador intrepido pela sua grandeza progressiva, fazem que Frederico Figueira bem mereça o apreço justissimo desse grande povo que tanto o quer, admira e ama num entusiasmo, num delirio patriotico.

Velho, cabeça branquejada pela neve dos longos anos que se escaram tempo afóra; alma sempre remoça e impávida povoada de evocações ridentes e quimeras loiras, coração afetivo aberto para o bem somente, Frederico Figueira ostenta no seu mundo interior um castelo incantado de perene mocidade que o vitaliza e o arma nessa cruzada glorioza do Ideal, vivendo pelo ideal de ser e não apenas querer ser.

O Norte, jornal semanario que se edita na formoza Barra do Corda, ha vinte e tres anos, foi o baluarte em que Frederico, moço ainda, se revelou e armou guerreiro na defeza altisona da Republica e doutras grandes causas da Liberdade do povo, ao bem de todos e felicidade do paiz. E o seu brado d'alarme perdia-se nas baianças e ecoava por todos os recantos do nosso territorio.

A recompensa do seu trabalho, do seu esforço ainda não o teve. E tão somente agora, é que o povo, sabe-o um forte, um batalhador. E só agora é que Frederico Figueira recebe as homenajens desse povo, e quer por onde passe bocas lhe bemdizem, mãos lhe abençoam, numa febre louca de entusiasmo, de rejubilo, de reconhecimento.

Frederico Figueira hoje é o tipo representativo, por excellencia, dum passado gloriozo, cheio de serviços enobrecedores, prestados a terra querida.



Natalicio

PARA O CRIZOSTOMO DE SOUZA.

Hoje, fitando o azul fui, despertando
E vi, cantando pelo mundo a fora,
A passrada em festa que, nesta hora,
Está teu natalicio aleluiando.

E vai no espaço em largo vôo e pando
Emquanto ao céu a luz tinje e colora
Numa alegre canção viva e sonora
Esse teu doce nome modulando.

Do céu cahiam flores perfumozas
Por toda parte. Petalas de rozas
Eram os raios do surjir da aurora! . . .

E eu que não tenho flores para dar-te
Mando rizonho assim felicitar-te
Este soneto que te faço agora! . . .

S. Paulo

R. Fernandes Silva

Biography express

II

CLARINDO SANTIAGO

Noutro dia acoxou-se nos dezenove anos seguramente. D'estatura mediana, gordo vendendo saude, andar lento de hipocondriaco, fronte baixa, d'olhos a espraiecer em roda como quem procura alguma coisa, mesmo quando não a perdeu; cabelos encaracolados, outrora repartidos, hoje deitados para traz em minúscula ganforina; o nariz sempre aquelle mesmo nariz jocundo e pezado, a boca sempre aquella roza, roza d'amôr e de volupia... as orelhas — ai! suas orelhas!... E, no entanto, tem as mãos macias e molhadas como sempre a tiritar de frio. Suja-lhe a parte superior dos labios um buço esguelhado e atrevido...

Sinal particular: Inteligencia promissora. Quando o sol se esbate nas calçadas, elle que passa, nessa hora de luz, fecha o olho direito. Quem o vê de longe, toma-o por *piloto*...

Detentiva: Rezide á rua do Alecrim n.º 23, caza de *moradade-inleira* com um mirante agressivo afrontando o azul profundo do Ceu.

Nunca deixou de almoçar nem doente, nem... e *cóme muito*. As horas é que não são certas por que o é aluno do Liceu palmilhando micantemente o 5.º ano. E estuda, estuda... Mas não tem relijião. Vai á igreja da Sé, de Sto. Antonio, de S. João e da Conceição. Gosta d'ouvir as prédicas do grande conego Chaves. Nem tanto porisso, mas porque as *pequenas* la vão.

Fala descançadamente, picativo. A sua palavra mansa e doce tem o ruido do metal sonoro, a simpleza duma ironia que faz bem, e o mico duma vidraça ao sol. Não gosta de baile pois o baile para elle é uma imbecilidade grossa. Pois que então! A gente a voltejar na sala, sem mais nem menos, cançando a filha alheia!

Ai! o Clarindo não sabe dançar, não sabe e porisso não vai ao baile que é uma tolisse...

Contenta-se em ser poeta. Quando começou de versejar — pobres dos seus versos! — brilhavam apenas como uma lamparina acesa. E se algum lhes chegasse á cima e soprasse — pobres dos seus versos!

Hoje, não. Hoje sabe, com remexidos cuidados, talhar o marmore do Verso. E o faz com muito sentimento, muita emoção, dando-lhe um pedaço de sua alma e um bocado grande do seu coração.

Grafologia: Chiii... que de ciumento, Santa Barbara!... Mas, que de alma boa!

É membro fundador do Congresso Maranhense de Letras, foi delle secretario, hoje é 2.º vice-presidente, e tambem, por tempos muitos, foi redator d'*Os Anais*.

Buena-dicha: Ama a natureza como um sensual panteista. É tão erotico pelos sertões, que chega a loucura dum fanatismo.

Não odeia. O odio para elle é um veneno. Esquece-o fatalmente para não envenenar a sua alma branca de sonhadôr. Vida preciosa, útil e precisa, pois que o Clarindo Santiago é uma esperança forte e robusta da nova geração que surge nos prelios da intelligencia.

O primeiro—*O perigo das queimas e derrubadas*—é um livrozinho magnifico que se lê dum folego, escrito com correção e conhecimento. Nelle se vê patentemente demonstrado o perigo das queimas e derrubadas das nossas florestas, lamentando-se, a «ignorancia criminoza dos que não querem se render á certeza dos dezastrés eminentes». Mas, é clamar no deserto, porque ser ao contrario «é a eterna cegueira dos que ainda vivem prezos ás ideias, aos processos antiquados, surdos aos conselhos dos que os podem orientar com as lições da experiencia».

Oxalá se taes lições fossem tomadas a serio para bem da coletividade e o progresso supremo da nação!

* * *

O segundo da trindade é o *Melhoramento da industria pastoril do Piahy*, bem trabalhado folheto, não menos bem escrito. Piaenense da *gema*, Fernandes e Silva acendeu o seu patriotismo, empenhando-se pelo progresso da industria pastoril do Piahy mostrando o caminho que deve ella tomar se quizer progredir.

É um livrozinho bom, nem só pela divulgacão scientifica como pelo esclarecido da linguagem pura e massica, livro de muita utilidade para os fazendeiros que cooperam no soerguimento da industria pastoril da sua terra.

* * *

O terceiro—*Uma pajina nobilitante da historia da agricultura*, um belo trabalho que merece mais detida atencão.

Fernandes e Silva faz, com pericia num estilo doce e faguhante, o historico da Agricultura revelando-se á descoberta, aparelhado para os surtos dos grandes empreendimentos, duma cultura avantajada e preluída nunca vulgar em moços da sua idade.

Consio do seu valor deu lume ao seu trabalho sem a uzual imoestia dos novatos, sem vês-gume de pretenções.

É, doravante, continuar nesse asserto de nos dizer a nós as belezas da Agricultura com o caracteristico preparo do seu luminoso talento robusto e promissor.

Pela oferta dos folhetos—agradecidos.

Jornaes e revistas

Racebemos, com muito prazer o acuzamos, a remessa de *A Jangada*, bela revista, que se edita no Ceará, a formozza terra da luz, patria de Iracema.

A Jangada, que é bem impressa e em papel de primeira ordem, obedece a fecunda direção de Liberato Nogueira, Ulysses Bezerra, Leonardo Motta, dr. Antonio Theodorico, Paula Achilles, dr. Vianna de Carvalho, Gil Aurora, dr. F. Alves Lima, Eleias Lopes e dr. Ozorio Gomes, toda essa faguhante falanje de talentos robustos e promissores.

O sumario da apreciada revista compõe-se das seguintes *materias* (na fraze do tipografo arregalado! :

Cronica, A. Th. C.—*Pajina solta*, Ulysses Bezerra—*Mozzico Cearense*, João Baptista Perdigo de Oliveira—*Nereida*, Antonio Salles—*Mutações*, Alves Lima—*Um livro de Ouro*, Olympio Galvão—*Pajina intima*, Antonio de Castro—*Notirago*, Amadeu X. de Castro—*Reminiscencias*, Virgilio Gomes—*Magdalena*, Ramos Netto—*Buscando o céu*, J. Ferreira Sobrinho—*O conto de Satan*, J. Octavio Lobo—*Ao coração*, E. de Almeida—*Um episodio da revolta naval*, Paula Achilles—*Desgraça*, Mario Studart—Noticias—Bibliografia.

Agradecemos penhorados a gentileza da remessa.

—Recebemos, pela vez primeira, e magnifico semanario *A Bigorna*, publicado na linda cidade de Belem por uma plei de moços talentozos.

A Bigorna, que é um bem trabalhado jornal, luxuozamente impresso em papel setim, traz variada e brilhante colaboração, cheia, de estuziante *verve*, fazendo rir com arte, deleitando com uma ironia que faz bem.

Agradecemos a remessa d'*A Bigorna*, luminoso *organ boemio de uma porção de moços* paraenses talhados para os grandes surtos da intelligencia.

—Vizitou-nos, vez primeira, a excelente revista *O Mez*, que se edita em Timbauba, Pernambuco.

GANHENHO BIBLIOGRAFICO

O Perigo das Queimas e Derrubadas.—Melhoramento da Industria Pastoril Piahyense.—e Uma pajina nobilitante da Historia da Agricultura, trez folhetos por R. Fernandes e Silva.

Piracicaba, S. Paulo—1911.

O nosso talentozo confrade R. Fernandes e Silva, do Centro Agricola «Luiz de Queiroz», e membro correspondente do Congresso Maranhense de Letras, enviou-nos alguns exemplares dos livros referidos.

O *Mez*, impresso nitidamente em papel magnifico, tem um diretor proprietario o illustre escritor Jader de Andrade. O numero prezente traz variada e forte colaboração, boas gravuras e fartas noticias.

Não se póde dezejar melhor.. E o nome do seu diretor bem a recomenda.

As *trez vagas do Raimundo* (Raimundo Correia) é um bem elaborado artigo sobre a individualidade do altissimo poeta, o maravilhoso poeta das *Sinfonias*, sinfonias de luz, ladasha do céu!

E lembra o nome d'Antonio Lobo para substituir o mestre na Academia Brasileira de Letras, o «romancista em destaque no meio brasileiro e conterraneo do illustre morto».

O *Mez*, está digno de leitura. Graças a Deus !...

Rufinius.



Julia Lopes de Almeida

Damos nesta pagina o *cliché* magnifico da eminente escritora brasileira d. Julia Lopes de Almeida, socia correspondente do Congresso Maranhense de Letras na grande e suntuosa Capital da Republica.

A honra é toda e exclusivamente nossa. E folgamos imensamente por prestarmos tão pávida, quão sincera homenagem aos talentos literarios da glorioza escritora que é a mais forte e a mais perfeita mentalidade feminina neste vasto e fecundo Brazil.

E isto o fazemos com muita estima e muita admiração.

REJISTO & NOTAS

“A Ateneida”

É o titulo de uma revista de letras que Antonio Lopes, Domingos Barboza e Astolfo Marques projetam lançar á grande circulação de janeiro proximo em diante. O publico já está bem informado do que pretendem fazer os diretores de A ATENEIDA, prestijiados por nomes fulgurantes, não só das letras maranhenses como do paiz e do estrangeiro.

O succésso da A ATENEIDA será uma béla conquista no mundo das idéas. É licito esperá-lo da attinidade sinceramente orientada dos diretores da nova revista ateniense.

Grande circulação, formato moderno, idéas modernas, gente moderna—eis tudo o que faz prever que a A ATENEIDA será uma revista ideal.

A gente moça que trabalha e luta em «Os Anais», sauda com entusiasmo a A ATENEIDA e os seus diretores.

Nós

Rejistando a nossa vizita que lhes fizemos assim se esternaram os jornais diarios da S. Luiz e do interior e Estados sobre o nosso reaparecimento.

«Pacotilha» com a assinatura de F. mal encobrimdo o sr. Fran Paxeco, o mestre e escritor reputado:

“Os Anais”, revista do Congresso Maranhense de Letras inserem os retratos de Domingos Barboza, Dunshee de Abranches Medeiros e Albuquerque, Fernando Mendes e Luiz Domingues.

Enumeramo-los, na ordem por que saíram. Os colaboradores são os srs. Crizostomo Souza, que relata uma interessantissima entrevista com o brilhante autor dos «Mozaicos», H. Vespaziano Ramos, Jose Macedo, H. Leitão, João Henrique, A. Bona. Fecha com chave de ouro, dando-nos a conhecer o estatuto dos congressistas.

“Os Anais”

Foi distribuido hontem o 6.º numero da revista «Os Anais» que ha dois anos se vem publicando nesta capital, orgam do Congresso Maranhense de Letras.

Por motivos imperiozos. ha mezes que essa optima revista não circulava.

Impressa em bom papel com 10 pajinas, toda ella traz boa colaboração dos principiantes em couzas literarias e farto noticiario.

Veem nesse numero os retratos de Domingos Barboza, dr. Luiz Domingues, senador Mendes de Almeida e outros vultos da nossa terra.

Tem essa revista como diretor, Crizostomo de Souza e redatores, João Henrique e Ulpiano Brandão.

(Do «Diario do Maranhão»).

“Os Anais”

Recebemos hontem um numero dessa apreciada revista do Congresso Maranhense de Letras.

Escrita por um grupo de moços talentozos traz um farto e escolhido sumario, publicando os retratos do dr. Luiz Domingues, Medeiros e Albuquerque, Dunshee de Abranches, senador Fernando Mendes e Domingos Barboza.

Pela delicadeza da oferta os nossos agradecimentos.

(Do *Diario Official*).

“Os Anais”

Sob a direcção de Crizostomo de Souza, circulou no dia 17 do corrente, esta apreciada e bem feita revista do Congresso Maranhense de Letras, que tem como redatores os intelligentes moços João Henrique e Ulpiano Brandão.

O presente numero traz na primeira pagina o retrato do festejado prosador e jornalista nosso illustre confrade Domingos Barbosa, estimado director da Imprensa Official, com a *enquete* de que fôra encarregado de fazer, pelo Congresso Maranhense de Letras em torno dos litteratos da terra, o sr. C. S.

Em seguida estampa tambem os retratos dos jornalistas Medeiros e Albuquerque e Dunshee de Abranches, deputados federaes e belletristas de conhecido valor; do Dr. Fernando Mendes de Almeida, senador por este Estado e proprietario do *Jornal do Brazil*, do Rio; e do Dr. Luiz Domingues, benemerito Governador do Estado.

O indice dos artigos de que se compõe a sua collaboraçãõ é o seguinte:

O Maranhão litterario, C. S.; Dunshee de Abranches e Medeiros e Albuquerque, redacção; Noite de inverno, soneto, Heraclito Vespasiano; Como na historia, Coelho Netto; Senador Fernando Mendes, redacção; O dia 30, José Macêdo; O dr. Luiz Domingues e nós, redacção; Oázis, soneto, Hemeterio Leitão; Biography express, perfil, ...; A mendiga, João Henrique; Mal secreto, soneto, Antonio Bona; Alma dorida, Crizóstomo de Souza; Cauhenho bibliographico, Rufinius; Congresso Maranhense de Lettras, Constituição.

Gratos pelo exemplar que nos enviaram.

(Da *Levista Tzypographica*, de 30 de Setembro de 1911.)

“Os Anais”

Recebemos o ultimo numero da bella revista *Os Anais*, que se publica em S. Luiz, como organo do Congresso Maranhense de Lettras. Vem cheia de atrativos o presente numero desse esplendido mensario em que escrevem os mais esperançozos plumitivos da ultima geração litteraria de nossa velha Athenas. Por elle verificamos que o nosso companheiro dr. Antonio Bona foi eleito membro correspondente do referido Congresso.

D'A *Imprensa*, de Viana, de 29 do pp.

“Os Anais”

De S. Luiz do Maranhão, recebemos a vizita d'*Os Anais*, bem feita revista do Congresso Maranhense de Lettras, futuroza associação fundada ha dois anos n'aquella capital. O numero que temos em mão, vem cheio de boas produções e estampa os retratos de Medeiros e Albuquerque, senador Fernando Mendes, Dunshee de Abranches, Domingos Barboza e Luiz Domingues.

A linda revista do Congresso está sendo confeccionada nas oficinas da Imprensa Official do Maranhão, por ordem do eminente governador daquelle Estado, sem nenhuma remuneração. O dr. Luiz Domingues é socio honorario do Congresso e, desta forma, dá mais uma prova do grande interesse que toma pela mocidade estudiosa e progressista de sua terra.

O *Diario* retribuirá com agrado a vizita d'*Os Anais*.

Do *Diario do Piahy* de 27 de outubro.

Contos do Sertão -Circulará brevemente o segundo livro de Viriato Correia, *Contos do Sertão*, que está sendo impress. na França.

O novo livro do rebrilhante autor dos *Minarêtes* será um triumpho, valendo-lhe uma consagração definitiva.

Contos do Sertão vazados naquelle estilo terso e cantante que só o sabem fazer artistas como Viriato Correia, virão alcançar os maiores successos, de como nenhum livro brasileiro ha feito nestes ultimos anos.

O nome do seu autor já é uma recomendação.

Murmúrios -É mais uma verzejadora se vem juntar ao meio intelectual da terra—a senhora d. Mariana Luz, poetiza de lá das quebradas cinzentas do Itapecurú. Bons deverão ser os seus versos. Porque, ante os seus olhos, ha uma pagina aberta desse grande Evangelho de Luz, que é a Natureza, onde deve ter aprendido muito.

Dai o apparecer-nos com os seus brandos *Murmúrios* (quem sabe?) versos a circular brevemente em reconchudo volume.

Pela rama -Aparecerá, por estes dias, á publicidade mais um livro de Antonio Lobo, o notavel escritor brasileiro, cujo nome já constitue uma das maiores glorias litterarias do Maranhão de hoje.

Pela rama é um delizioso livro de cronicas ligeiras, que o Mestre traçava diariamente ha gordissimos anos atraz, pelas colunas do venerando *Diario do Maranhão*.

O novo livro do consagrado academico maranhense virá, ainda uma vez, afirmar a sua alta cultura nunca vulgar principalmente num meio como o nosso. Pois elle nem só trata do

mais sensacional assunto com superioridade e bizzarria como de mais leve sempre com demonstrações vibrantes de espirito superior duma invejavel cultura filozofica e um estilo terso, sonoro e empolgante.

Antonio Lobo é o chefe do movimento litterario do Maranhão, o formozo principe das nossas lettras, na feliz expressão de S. Exc. Dr. Luiz Domingues, illustre Governador do Estado, que é um homem de saber, profundamente culto.

Que o Mestre, alcance francos triumphos.

Contos da minha terra—Acha-se, de ha pouco nos prelos das oficinas da Imprensa Official o novo livro de Domingos Barboza, o preluminozo beletrista maranhense, tão já apreciado do publico letrado e dos grandes circulos litterarios.

Nome feito e querido na litteratura nacional, não precisamos de encarecer aqui quem é elle, Domingos Barboza, o harmoniozo fidalgo dos *Mozaicos*, o doce e fino artista de *O Domínio Vermelho*, esses dois livros de contos de tanto valor.

Sabem-no todos, querem-no todos, e lêm-no todos com a mesma gulodice e admiração com que lêm Ramalho, Eça, Coelho Neto, Flaubert. Isto é apenas um *furo* que damos, gostozamente, aos ncssos leitores. Mesmo e porque estamos certos de que o livro do gloriozo e bizzarro *conteur*, prestes a apparecer á publicidade, será mais uma aureola de luz que o envolverá num resplendor de gloria—gloria nem só para o seu nome como para nós, todos nós que nos orgulhamos de o contar como amigo. que muito o queremos e o admiramos.

Dai, o dizer-se sempre com tais documentos:—O Maranhão será sempre o gloriozo Maranhão litterario, a iluminada Atenas Brasileira.

Baixos relevos—Entrarão brevemente para os prelos os autografos em maioria ineditos, do livro de contos *Baixos relevos* com que Luiz Viana se estreará, em livro, na litteratura brasileira.

Conhece-o toda a gente que, á tarde, após o classico jantar, lê a *Pacotilha* e dá um simpatico lance d'olhos pelas estreitas colunas do respeitavel *Diario do Maranhão* saboreando coizas de segunda-feiras e magnificos contos d'altos e baixos relevos firmados por elle.

Luiz Viana, o *Vianinha* é um artista, moço ainda, na verdura aromatica dos seus vinte e quatro anos, e um discipulo de Emile Zola, com um talento de raça, que lhe é maior do que a idade e maior do que o corpo tão pequeno para tamanho espirito!

O livro *Baixos relevos* trará, estamos certos, para o seu autor, a simpatia de todos os intelektuais do paiz e de fora d'elle, e os aplauzos.

“Os Anais”

É este o titulo de uma excelente revista litteraria que se publica na capital do Maranhão, sob a direcção e redacção dos srs. Crizostomo de Souza, João Henrique e Ulpiano Brandão

Impressa nas oficinas da Imprensa Official de S. Luiz, o ultimo numero apresenta uma feição artistica recomendavel, sendo para louvar a nitidez da impressão, principalmente das illustrações contidas em diversas paginas, entre as quaes os retratos dos srs. drs. Luiz Domingues, Governador do Estado e Senador Fernandes Mendes de Almeida; dos Deputados srs. Dunshee de Abranches e Medeiros e Albuquerque, membros honorarios do Congresso Maranhense de Lettras e do sr. Domingos Barbosa, literato, fundador da Academia Maranhense e da Universidade Popular, efetivo da Oficina dos Novos e honorario daquelle referido Congresso.

O sumario, variado e interessante, intelijentemente desenvolvido, é o seguinte:

«Maranhão Litterario C. S.; Dunshee de Abranches e Medeiros e Albuquerque; Noite de Inverno (soneto), Heraclito Vespasiano; Como na historia, Coelho Netto; Senador Fernando Mendes, redacção; O dia 30, José Macedo; O Dr. Luiz Domingues e nós, redacção; Oázis (soneto). Hemeterio Leitão; Biography express (perfil); A mendiga, João Henrique; Mal secreto (soneto), Antonio Bona; Alma dorida, Crizostomo de Souza; Cauhenho bibliographico. Rufinius; Constituição do Congresso Maranhense de Lettras».

Do *Jornal do Brazil*, do Rio, de 29 do passado.

CONGRESSO MARANHENSE DE LETRAS

Fundado a 1 de Outubro de 1909

Patrono Geral — **JOÃO LISBOA**

Sede: Rua Afonso Pena n.º 55

MEMBROS EFETIVOS

Arthur Castro
Araujo Filho
Ataide Paxeco
Braz Aranha
Clarindo Santiago
Crizóstomo de Souza
Cezario Veras
Eider Pestana
Furtado da Silva
Heraclito Vespaziano
Henrique Vieira
Hemeterio Leitão
João Henrique
Leal Macêdo
Mariano Castro
Ribeiro Viegas
Rodrigues Lopes
Raimundo Mendes
Raimundo Lopes
Raimundo Mattos
Ulpiano Brandão

PATRONOS

Paula Duarte
Nina Rodrigues
Henrique Leal
Arthur Azevedo
Teofilo Dias
Gomes de Souza
Almir Nina
Almeida e Oliveira
Candido Mendes
Gonçalves Dias
João Henrique
Adelino Fontoura
Luiz Antonio
Souza Andrade
Gomes de Castro
Viveiros de Castro
Odorico Mendes
Trajano Golvão
Celso Magalhães
Raimundo Corrêa
Petro Nunes Leal
Franco de Sá
Joaquim Serra
Gentil Braga
Aluizio Porto

OS ANAIS

Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

SUMÁRIO:

O MARANHÃO LITERARIO	Redação
GOELHO NETTO	Domingos Barboza
A SERTANEJA	Ulpiano Brandão
O CONGRESSO DE LETRAS	Redação
INSONIA	Heraclito Vespaziano
AS SETE BASTARDAS DE APOLO	Braz Aranha
SANGUE	Agostinho Pavão
GANÇÃO SEM METRO	Crizóstomo De Souza
IDILIO	Raimundo Mendes
OS BEMAVENTURADOS	João Rodólfo
GASTIGOS DE MINHA MÃE	Henrique Vieira
QUERUBIGA	Anselmo Junior

Toda a correspondência desta revista deve ser dirigida ao seu diretor à RUA DA PALMA, N. 21



1912

NÚMERO VIII

OS ANAIS

REVISTA MENSAL

Congresso Maranhense de Letras

Diretor:
CRIZOSTOMO DE SOUZA
Redatores:
HERACLITO VESPASIANO
e BRAZ ARANHA

O Maranhão literario

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Coelho Netto, o maravilhoso estilista brasileiro, responde á «enquete» do Congresso.

Não, não foi debalde o esforço empregado para a vitoria da nossa *enquete* literaria. Vingou a idéa, e aí está, a vencer sem ruidos, sem grita-multa.

A prova? Demol-a a tempo. Alguns dos nossos melhores escritores já se pronunciaram.

Agora, dois mais. O primeiro é Coelho Netto, o excelso patricio, cujo nome, nas letras, honraria a qualquer literatura, e que, para nosso orgulho, bastaria para manter por si só os creditos de povo culto desta iluminada Atenas Brasileira.

Coelho Netto acedeu ao nosso pedido, não se fazendo rogado. E' que ama o seu torrão natal; os seus olhos se voltam para elle. Outro se faria de *bom*. . . , como dizem os nossos roçeiros. Elle, não. Quer que os seus conterraneos, por nosso inter-medio, saibam de um bocadito encantador da sua vida por demais fadigante, porisso mesmo ainda mais glorioza.

E' sempre o artista policrômico, d'imaginação maravilhosa. Tem o estilo impecavel, cantante, na suprema harmonia dos vocabulos que se cruzam e se entranham com a pompa sutil das coizas delicadas e a perfeita concepção da arte pura.

Com vinte anos de vida literaria, Coelho Netto possui atualmente uma magnifica bagagem livresca, sendo o escritor brasileiro que mais se avanteja pela facundia criadora do seu talento d'esteta sublime e pelo encanto de sua forma inconfundivel e empolgante.

E' membro da Academia Brasileira e honorario do Congresso Maranhense de Letras e de varias outras associações litero-cientificas do Brazil e da Europa.

Foi assim, como se vai ler, que o fulgurante artista do *Inverno em flôr*, respondeu-nos aos quezitos. Indagamol-o:

- Desde que ano escreve?
- Desde 1879.
- Que idade tinha?
- 15 anos.

- Lembra-se de sua primeira produção?
- Com saudade. Era um poema epico, em oitava rima, á maneira camoneana, no qual os deuses gregos andavam em intima camaradajem com os santos catholicos. Era obra para 20 cantos bem puxados. Meu pai, que da historia literaria sabia apenas o que ella diz da mizeria dos poetas, estancou-me a veia épica com piedosa ternura para que eu não acabasse mizeramente, numa enxerga de hospital, com os credores em volta vociferando a minha oração funebre em ca-lão.

- Que era o mestre nesse tempo?
- Estudante de preparatorios no Collegio Pedro II.
- Qual a sua primeira produção publicada?
- Um conto n'A *Gazetinha*, de Arthur Azevedo.
- Como venceu?
- Trabalhando, rindo e confiando.

—Dentre as suas produções qual a que mais preza?

- Todas.
- Como se estreiou em livro?
- Editando as *Rapzodias*, em 1890.
- Como foi recebido pela critica do paiz e de fóra d'elle?

—Bem.

—Quantas obras tem em elaboração?

E para o prelo?

- Nove. Todas.
- Que nome lhes dá?
- Banzo* (contos), *Rei negro*, *Babel*, *Euterpe*, *Terra virgem*, *Rudá*, *Os barbaros* (romances), *Conferencias literarias*, 2.º vol., *Literatura dramatica*.

—Que genero de literatura mais gosta de perpretar?

- Todas, em proza.
- Qual é o autor que mais exerce influencia no seu espirito?

- A natureza.
- Que poeta estrangeiro mais aprecia?
- Shakspeare.
- E brasileiro?
- Raimundo Corrêa.
- E romancista estrangeiro?

- Flaubert.
- E brasileiro?
- Tavora e... Aluizio.
- Dos autores teatraes estrangeiros de qual mais gosta?

- Shakspeare.
- Dos brasileiros?
- (E o mestre não respondeu). . .
- Que muzica mais aprecia?
- A de Beethoven... e a de Chopin.
- De que perfume mais gosta?



JOÃO FRANCISCO LISBOA.

E' o grande imortal, pompozo e soberano estilista da «Vida do Padre Antonio Vieira». Classico brasileiro por excelencia é tido como um dos maiores fidalgos cronistas de todos os tempos.

E' o patrono geral do Congresso Maranhense de Letras.

- Do que recebo das flôres.
 —E de que flôr?
 —Da roza
 —Qual a côr da sua predileção?
 —Branca.
 —E agora. No entender do mestre qual, dos maranhenses do passado, mais valeu pela mentalidade?
 —João Francisco Lisbôa.
 —Mais, e desculpe a bisbilhotice: que prato mais aprecia?
 —O que cómo com apetite.
 —Gosta mais de fraque ou de paletó?
 —De paletó.
 —E de que chapéu?
 —De feltro mole.
 —Arma-se de revolver?
 —Não, de paciência.

Está aí satisfeita a nossa curiosidade. O glorioso escritor d' *Água de Juventa*, posto que á altura de sua fama invejável, não se deu ao vexame de decer até nós e responder-nos aos quezitos que lhe apresentamos. Fosse outro, alguma mediocridade chata!...

Hozanas, pois, ao Mestre-Perfeito, o fidalgo Artista da *Treva*, o Príncipe d'Harmonia e da Forma.

* * *

A proposito tambem da nossa *enquete*, recebemos do illustre dr. Godofredo Viana uma delicadissima carta que abaixo estampamos.

Espirito d'elite, escritor d'alto merecimento, Godofredo Viana não é tão somente essa coiza que é um bacharel em ciencias juridicas e sociais mas um bacharel na acepção scientifica do vocabulo, poeta, *conteur*, juriconsulto e já notavel...

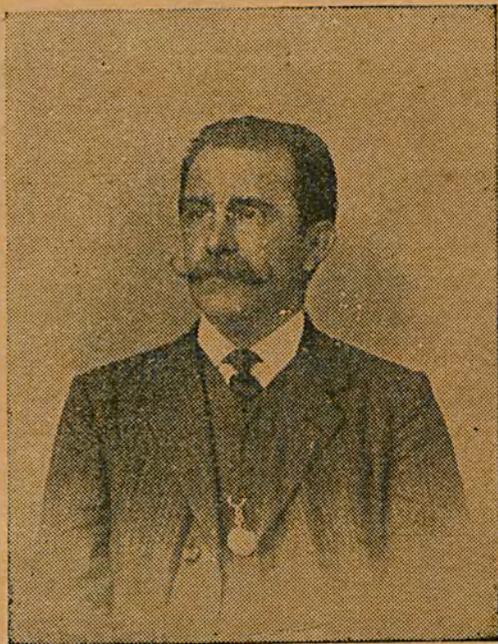
Tudo isso numa só pessoa distinta—que bom!—numa terra acanhada e charlatamente burgueza como esta!

Moço ainda, dum passado que o honra sobremaneira, Godofredo Viana ajusta à gloria de bacharel a gloria d'escritor vigoroso e sadio. Sabe-se-lhe um dos nossos belos talentos em plena primavera. Mas si se lhe disser, não o acredita. A sua modestia falou assim. Outro, que não elle, mas enrudilhado num diploma de bacharel, viveria espetando o ar com o dedo só para selhe perceber o anel rebrilhante, tomava arês de sabedoria enxinelada e sentaria, á tarde, na porta do bufete, bebericando cerveja sob a agonia dum sol glorioso a morrer nas barreiras do ocazo!

Tal, porém, se não dá com Godofredo Viana. Possuidor de nobre talento e duma solida cultura, jamais vulgar num meio como o nosso, revelou-se moço ainda, e, a quando academico, na Bahia, fundou com outros a *Nova Cruzada*, sociedade literaria que ainda hoje ali vive com brilhantismo.

De principio fez versos d'amôr, contos despretençiosos, e depois... Depois engalfinhou-se pela ciencia do Direito e bacharelou-se. Veiu para o Maranhão, onde hoje presta ao Estado os seus valiozos serviços e é juiz substituto federal. Tem publicadas duas obras notaveis: *Formas processuaes* e *Codigo do Processo Civil e Commercial do Estado do Maranhão*, ambas essas que lhe granjearam destaque nas letras juridicas brazilicas.

Se fosse menos modesto, com todo aquelle tom austero e mesmo solene, proprio do magistrado consio



ANTONIO LOBO, o mestre da actual geração literaria do Maranhão, polemista sempre vitorioso, beletrista perfeito, orador brilhante, cientista segurissimo e pedagogo profundo.

É inspetor geral da Instrução publica, catedratico de lojica do Liceu, e prezidente honorario do Congresso Maranhense de Letras.

do seu alto papel na sociedade, talvez já houvesse editado mais esses magnificos trabalhos que se es-tardalhaçam na poeira de sua gaveta: *Timidez e Orgulho*, *A suposta anarquia*, e *A caza alhéia*, contos, estudos, retalhos, filozofia...

Godofredo Viana burila o conto a Machado d'Assiz, contos suaves recortados d'ironia fagulhante, d'alta moralistica social, e, vezes outras, num fundo filozofico, repulidos com a forma preciza á encantadora concepção estetica, revelando o belo entre o estilo formozo e terso e o entrelinhar majistral da fraze refeita num vernaculo deliciozo!

Como poeta... não, não falemos; pois poeta elle só o foi quando ao limiar dos seus dezoito anos! Agora, Deus o livre!...

Ser poeta neste tempo progressivo é pedir mizericordia para que se lhe dê entrada no hospicio ou... na penitenciaria!

Está. O dr. Godofredo Viana é membro fundador da Academia Maranhense, honorario do Congresso Maranhense de Letras e efetivo da Oficina dos Novos.

É a gloria mais viva do bacharelado entre nós. Culto, conhecedor profundo da ciencia em que se diplomou, Godofredo Viana merece o destaque que goza entre os seus pares. A sua modestia é que o atravanca e o faz quazi um tímido. Conclue-se pela carta que se segue, respondendo á *enquete*:

Meu caro Crizostomo De Souza.

Palavra de honra que me deixou atordoado o seu *questionario*, com aquelle enxame incomputavel de

pequenas interrogações, caindo improvisamente sobre mim, no passo de carga de um ataque inopinado, a pontas rebrilhantes de baionetas.

Nem sei para onde me vire: *quó me vertam nescio*.

Tenho, porém, meu caro redactor, que foi involuntariamente que você me poz nestas dificuldades; foi, de certo, sem querer que me levou, assim, á parede, não me deixando outro recurso senão coser-me com ella, apavorado e tonto.

Deu-se com você (e ainda mal que commigo tambem...) um factio que nada tem de extraordinario.

Quanta vez resolve a gente, num largo gesto de brigão, aggreddir a bengaladas (ou a pontos interrogativos, que é quasi o mesmo) um *quidam* qualquer que nos irrita os nervos ou deixou cair sobre nós, na limpoza de nossa vestimenta moral, o pingo de lama de seus insultos; e porque a noite é escura, ou porque se está cego de raiva, paga o pato o primeiro malaventurado que passa, confundidos, desastradamente, Pedro com João, Sancho com Martinho...

E vae depois não ha remedio senão pedir mil perdões, e jurar que aquillo não era para Pedro, que a bengalada não era para Sancho.

Você queria de certo puchar pela gola um litterato, trazel-o á ribalta d'Os Anais, confundil-o, ator-doal-o, derreal-o com perguntas.

Eu passava, por accaso.

E eis senão quando você vem a mim, injusta e furiosamente.

— Mas, por Deus, o amigo está enganado.

Está. Eu não sou litterato, meu caro Crizostomo.

Verdade seja que á volta dos quinze annos comecei a rabiscar umas cousas num jornaleco do tamanho do papel em que vem o seu *questionario*: não chegava bem a um palmo. Você certamente já advinhou que por esse tempo eu cursava o Lyceu e que minha *primeira producção*, como você chama, foi um soneto, de um pieguismo legitimo, besuntado da tristura inconsolavel do Casimiro de Abreu.

Depois, com o correr dos tempos, rumei, de vôo arrancado, para o Castro Alves. E comecei a espetar o infinito com a ponta aguda de versos estardalhantes, em oitavas bulhentas, mas inoffensivas.

Entrementes, graphava uns contos com pretenção a Hoffman, ou puchando, decididamente, para a *Noite na Taverna*, do Alvares de Azevedo.

Não sei como, toda essa cousa passou. Desfizeram-se as sombras. Quando dei por mim, andava deslumbrado, a aquecer-me ao sol da clara poesia bilaqueana e da prosa sonora de Coelho Netto e Catulle Mendès.

O meu entusiasmo explodiu, então, nos jornaes diarios de S. Salvador e em quanta revista litteraria surgia na gloriosa capital bahiana.

Mas, tambem isso passou. Você comprehende que eu não podia, já com a consciencia de minha responsabilidade, continuar nessas desastradas incursões pelo *sagrado dominio da litteratura*.

Recuei, e enconchei-me na especialidade que me coube por sorte: o Direito.

Mas porque, apesar de tudo, me tivesse ficado este maldito vesio de rabiscar, vim, atrevidamente, á luz da *publicidade* com as «Formas Processuaes».

A «Timidez e Orgulho», «A supposta anarchia» e a «Casa Alheia», de que você deve ter noticia por um livro do Lobo, deixei-os na gaveta, amarellecendo.

Com franqueza, estão muito bem ahi.

Ora, diante desta exposição clara e sincera, você não reconhece, meu caro redactor, que está positivamente enganado e que foi cruel commigo, que me desancou sem rasão, por méro equivoco, lastimavel em-bóra?

Fio do seu criterio a reparação da clamorosa injustiça.

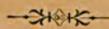
Entretanto, como mesmo sem ser litterato a gente pode gostar de flores e de musica, de perfumes e de bons pratos, pode se andar de fraque ou de paletot, de chapéo de palha ou de chapéo côco, eu sempre lhe direi, já que você pergunta, que me agradam decididamente todas as musicas, — desde a da *Vassourinha* até a da *Princeza dos Dollars* — alegam-me todas as flores, de todos os perfumes, de todas as côres; não tenho prato de que mais goste (si você quiser, faça excepção para a feijoada, á bahiana), e uso indistinctamente, paletot, fraque, e, conforme a solemnidade, *croisé*, ou casaca.

Só não usei ainda *smoking*, chapéo de palha e botinas amarellas.

Pode fazer desta o uso que lhe convier.

28—2—1911.

Godofredo Vianna.



COELHO NETTO, o artista fidalgo do «Inverno em flôr», o impecavel estilista brasileiro do «Sertão».

Coelho Netto

Rua do Rôzo, 79. E' onde vive o Artista.

— Coelho Netto?

E elle, irrompendo, com o meu bilhete de vizita na mão:

—Meu patricio! . . .

Um abraço. Outro. Mais outro.

E eis feita uma camaradagem larga, franca, sincera.

Quando as saudades dos meus e da minha terra mais aguilhão, é para lá que eu vou, como para um grande banho de luz.

A hospitalidade beduína desse lar vem sempre receber-me á porta, com um abraço do Mestre, com uma palavra gentil da virtuosíssima espoza do Artista, com a grazinada dos pequerruchos, com um beijo da boqui-nha fresca da Violeta, a minha *nora*.

E' quase sempre no gabinete de trabalho do grande artista que nos reunimos.

Ao centro, a sua forte meza de trabalho, toda entalhada em jacarandá. Nella Coelho Netto tem feito grande parte da sua Obra imensa e inapagavel.

Em torno, largas estantes peçadas de livros, carinhozamente encadernados em oiro e vermelho. Ao fundo, um contador.

Fofas poltronas convidam ao repoizo. Um fofo tapete abafa os passos.

Aparecem Raphael Pinheiro, preocupado com o seu reconhecimento, Sylvio Bevilacqua, o fotografo — poeta, Gustavo Barroso, para nós *João do Norte*, dizendo reminiscências do seu lonjinho sertão cearense, Gilberto Amado, brilhantíssimo, Alcides Maia, doutissimo, Guaraná, provocando controvérsias para que o Mestre fale, encha as horas de erudição e de proza irizada.

A Bá, a velha Bá, eternizada no *Inverno em flor*, surge com um delicioso café fumegante.

A pequenada entra, contando triunfos do *foot-ball*.

Quando alguém se amodorra e trái um recolhimento, vem logo, solícita, a distrai-lo com a sua límpida inteligência e a sua imensa bondade, mme Coelho Netto . . . Mme. Coelho Netto, não: D. Gaby.

Para toda a gente que a conhece e que lhe admira a educação e o espírito, é mme. Coelho Netto. Para nós outros, que também a admiram-os e que temos um lugar no imenso coração do Artista, é d. Gaby, a bondosa.

Outras vezes a reunião é em torno da meza de jantar, saboreando acepipes maranhenses, feitos nas velhas tradições da cozinha nortista.

Depois, volta-se ao gabinete do Mestre.

O Maranhão fornece o assunto a cada passo. Coelho Netto levanta-se, aperta a piteira entre os dentes, suga fumaças densas, e fala horas inteiras do Maranhão, das suas coizas, vibrando todo de amor pela terramater, amor que elle ensina também aos seus. A cada vez que se palestra do Maranhão vem á conversa o nome de Antonio Lobo, a quem Coelho Netto cerea do mesmo afeto que eu.

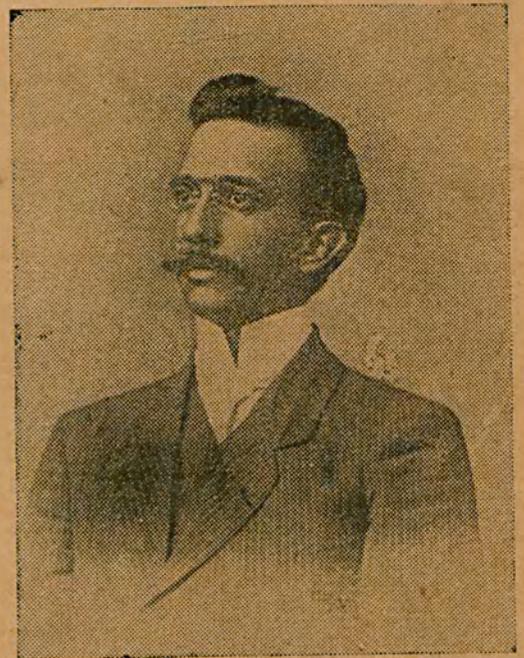
E volta-se a falar do Maranhão, e das suas coizas, e dos seus homens.

Coelho Netto precisa ir á Europa, fazer uma estação d'aguas em Baden-Baden. Mas hezita. E, piscando os olhos, abrindo os braços, confessa: receia dezapregar-se daqui, como tanta gente. E isso o faz hezitar, a elle, que reparte o grande carinho do seu grande coração pelo seu lar, pelos seus amigos, pela Terra Maranhense, pela Terra Brazileira . . .

São sempre assim, de inteligência e de coração, as horas que se passam ali, naquelle quieto recanto da rua do Rôzo, com as janelas abertas para o jardim e as portas abertas para a felicidade. Porque a casa de Coelho Netto é um lar onde vivem a Arte Soberana e a Ventura Perfeita.

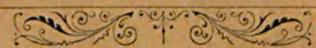
.....
Domingos Barboza.

—X—X—X—



DOMINGOS BARBOZA, gloriozo criador dos «Mozaicos», membro fundador da Academia Maranhense, efetivo da Officina dos Novos e honorario do Congresso Maranhense de Letras, eminente diretor da Imprensa Oficial do Estado, Inspetor do Teatro S. Luiz e prezidente do Instituto de Assisténcia á Infancia.

A sertaneja



Inda tão pequena, pelo campo em fóra,
Quazi á madrugada, caminhando além!
Brilha nos seus olhos um albor de aurora,
Nos seus labios rubros um sorriso enflora,
E nos seios mornos uma aurora tem.

Seus cabellos negros, negros, de Moema.
Caem-lhe óndulantes sobre os hombros, para
Envolver-lhe os seios—ideal poema—
Virgens como os labios rubros de Iracema,
Almos como os lírios de uma aurora clara.

Quem a vê sozinha, caminhando triste
Na dezerta estrada que bem longe vai,
Não supõe, de certo, que em sua alma existe
O Desgosto austero, tendo a Dôr em riste,
Da Saudade amarga de perder o pai!

Quem a vê descalça, caminhar serena,
Pensativa e muda, com o olhar gelado:
Olha nos seus olhos uma luz amena...
Os seus Sonhos mortos seu olhar condena,
E a tristeza paira nesse olhar maguado!

Pobre dos que rogam, tendo a garra adunca
Da Amargura n'alma, no sereno olhar!
Se procura um sonho, não o avista nunca,
Nem a terra esteril os seus passos funca,
Nem o Bemsecreto lhe ilumina o lar!

Quantas vezes trilha, na manhã sombria,
Pelo campo em fóra, procurando o pão!
Tudo dorme ainda pela estrada fria...
E ella vai sozinha, triste, na agonia
Dos que têm no peito grande Coração.

Leva o Bem no peito, pensativa e boa,
Lenta, acabrunhada numa dôr incrível...
Tem na voz amiga, caminhando á tóa,
A serenidade mansa da lagôa,
E o mestiço collo quazi indescritível.

Ai! que dor tamanha, mistica, latente,
Poude, um dia cêdo, lhe envadir o olhar!
E hoje, pelos campos, a cantar, dolente,
Leva esta Saudade que não deixa a gente,
Leva esta Saudade que lhe faz chorar!...

S. Luiz—19—12—909.

Ulpiano Brandão.

O Congresso de Letras

A sua fundação—O seu 3.º aniversario

Foi por volta de 1909. Por esse tempo formavamos um grupo d'entuziastas a pugnar pelas coizas da intelligencia. Fundavamos clubes literarios, revistas, periodicos e tudo, afinal, morria fulminado pela indifferença criminoza do meio, com a mesmissima facilidade com que surjia! E porque sempre, aqui no Maranhão, ha de se lutar com extraordinario esforço e grande força de vontade, para elevar-se uma ideia á realizacão dum ideal.

Ora, a ideia da fundação dum congresso de letras naceu entre aplauzos e, todos nós, batemo-nos por ella. A principio, porém, os apedentus e os polixinelos d'esquina com pretensões a criticos sorriam despidoradamente. Venceriamos? E começamos de nos congregar. Já a ideia corria e as azeções chuviam calorozas.

Afinal, em fins de setembro daquelle ano reunimo-nos difinitivamente em sessões preparatorias. Discussiamos o projeto criador da nova associação. Sobre elle cruzavam as emendas. Uns batiam-se para que fosse congresso beletristico e, outros, em parte, queriam um congresso maranhense d'artes e letras.

Ja por esse pé. Para darmos tiro de morte na questão fomos de consultar Fran Paxêco, o mestre que todos queremos, e, com a sua reconhecida competencia, aconselhou-nos que antes fizéssemos um Congresso Maranhense de Letras. Não era lá por nada, mas ficaria melhor!

Assim, pois, fizemol-o. E a 1. d'outubro era fundado, nesta cidade, o Congresso Maranhense de Letras com o efetivo de trinta membros. Daí, criamos *Os Anais* como seu organ official na imprensa e mesmo para



SENADOR FERNANDO MENDES, o jornalista infatigavel redator-chefe do *Journal do Brazil*, uma das folhas de maior destaque na America do Sul. Parlamentar erudito, orador vibrante e representando o Maranhão, no Senado Brasileiro, com excedivel brilhantismo.

E membro honorario do Congresso Maranhense de Letras e de varias outras associações literarias do Brazil e da Europa.

campo d'ação onde os seus associados pudessem difundir mais pronunciadamente o seu amor a Arte por meio da palavra escrita.

O Congresso teve a sua melhor época. Eramos auxiliados pelos seus membros honorários, que, espontaneamente, se prestavam a ter convôco. As homenagens que, porisso, e mais pelos seus altos merecimentos, lhes prestamos ainda não correspondem ao muito que lhes devemos e tanto mais a Antonio Lobo, o chefe incontestável da nossa intelectualidade, Fran Paxêco, Domingos Barboza, Godofredo Viana, Coelho Neto, quanto aos ilustres patrióticos conde dr. Fernando Mendes d'Almeida, nosso eminente representante no Senado Nacional, e o dr. Luiz Domingues, inclito chefe do poder executivo do Estado cujo retrato honrará o nosso proximo numero, que sairá em edição especial em homenagem a Gonçalves Dias.

Formavamos, por esse tempo, uma falanje intrepida de sonhadores a batalhar, entre todos a destacar-se pela perspicacia de energias vingadoras e pelos seus talentos, esses que se chamam João Henrique, Ulpiano Brandão, Leal Macedo, Arthur Castro, Heraclito Vespaziano, Crizostomo De Souza, Furtado da Silva, Braz Aranha, Eider Pestana, Ribeiro Viegas, Acrizio Rebêlo, Clarindo Santiago, João Lima e tantissimos outros.

O Congresso então foi como que uma conquista espiritual para esses que delle cuidam envaidecidos e crentes do triunfo da ideia que vinham de semear. Nunca pouparam esforços para isso, nem nunca jamais esmoreceram diante dos obstaculos que se lhes antôlhavam.

E aí temos o Congresso. Se muito não ha feito, pelo menos ha procurado fazel-o. Mesmo porque muito aqui se não pode praticar e fazer posto que para tanto se esforce e trabalhe. Falta-nos melhor estímulo. E, como noutra numero dissemos, «ser homem de letras, nesta triste Atenas Brasileira, é ser um ente perverso e endiabrado incorrendo no odio tacanho da burguezia balôfa e palradora.

«Não temos uma atmosfera propicia para a facundia e larga transfluencia da criação estetica. Os que cuidam d'arte são crivados d'apodos e doestos e, não raros, ao depois d'estonteante entusiasmo tão comum da juventude, estatelam vencidos e jogam-se estupidamente a emperrear vejetando no fundo de repartições publicas» ou ao sêbo de balcões d'armazens onde a cretinice ergue o seu altar dezopilante!

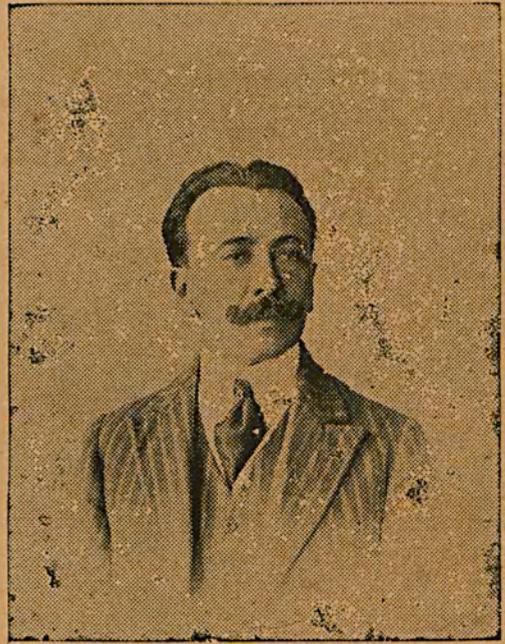
Nem porisso tambem trabalhamos hoje com o mesmo ardor. E' que já nos sentimos em deminuta parcela do todo que eramos. A maioria dos congressistas acha-se fóra do Estado, uns em Recife, outros na Bahia e alguns pelo sul espalhados, a estudar. Um dia, porém, novamente nos reuniremos.

Hozanas!

E, lá lonje, como todos fremirão hoje d'alegria a lembrar-se, numa suave e consoladora recordação, dos nossos dias aqui vividos, dois anos atraz, tempo em que andavamos em garrula e deliciosa boemia literaria, e em que fundamos o Congresso Maranhense de Letras, que comemora hoje o seu 3.º aniversario!

Abençoada ideia essa que, num dado momento, nos reuniu como irmãos, em congresso literario para comungarmos juntos a mesma ostia do saber, crentes das vitorias dos dias vindouros e amparados á sombra bemfazeja dos justos e dos bons.

Salvé!



DUNSHEE DE ABRANCHES, representante do Maranhão na Camara Federal, jornalista vitorioso, poeta, orador emérito, e romancista aclamado.

E o prezidente da Associação da Imprensa do Rio, prezidente da Comissão de Diplomacia da Camara, e membro honorario do Congresso Maranhense de Letras.

© Insonia ©

Alta noite. Sem calma,

Louco, insone, sozinho,

Não sei que coiza estranha me consome,

Me faz sofrer e faz sofrer minh'alma!

Não encontro repoizo no meu leito...

A lembrança do seu formoso nome,

Então, é como um to-turante espinho

Que me tortura e que me fere o peito.

E como se fizesse uma oração

Ao grande amor que o peito me perfuma,

Na ancia cruel de um padecer infindo,

Vai meu maguado e triste coração,

—O louco miserando—

As letras do seu nome, uma por uma,

Baixo, com zelo e amor balbuciando

E com amor dizendo e repetindo!

Tudo silencio. Apenas,

Do leito á cabeceira,

As pancadas monótonas e tristes

Do pequeno reloujo de aljibeira

Marcando as minhas penas...

Medito: ah! Se eu pudesse, agora, vel-a!
 Mas... nenhuma esperança...
 E penso em coizas mil para esquecel-a,
 Tiral-a da lembrança
 Um instante siquer, um só momento...
 Mas... tudo, tudo em vão, tudo de balde!
 Lonje do meu espirito fujir,
 Mais linda, sem cessar, no pensamento
 Me aparece... aparece qual estrela
 Branca e linda, a fuljir,
 A cintilar no azul do firmamento!

E uma estranha, uma grande e atroz saudade
 O coração me invade!

II

Tremulo, abro a janela...
 No alto, a lua extraordinaria e bela,
 Envolta em seu clarão palido e baço
 Sobre, cansada, a escarpa azul do espaço!

E como louco, como alucinado
 Procuo descobri-la no azulado
 Infinito, entre estrelas luminosas...
 Vel-a no céu, no alto do céu, sorrindo,
 Branca estrela entre estrelas refuljindo
 Num branco altar de lirios e de rozas!

Mas... nenhuma esperança...
 E na agonia que, de maltratar
 Meu coração não cança;
 Na loucura cruel de um sofrimento
 Extraordinario e mudo
 Que me faz pela triste vida andar
 A tudo alheio e indiferente a tudo,
 Eu deixo-me ficar...
 Nessa, a quem amo, nella só pensando...
 Até que, as azas pelo azul batendo
 Ante a luz da alvorada
 Que enche do espaço o Adyto estupendo,
 Anunciam: os passaros em bando,
 A aparição na abobada azulada,
 Do sol que vem rompendo!

Heraclito Vespaziano.

OS CONGRESSISTAS MARANHENSES

As sete bastardas de Apólo

(RUBEM DARIO)

Rodearam-me sete figuras, todas vestidas de seda.
 Os seus gestos eram cadencias e os seus aspétos
 harmoniozos encantavam.

Ao falarem, a sua voz era muzica e, se fossem
 nove, acreditar-se-ia que eram as muzas do sagrado
 Olimpo.

Havia nelas melodia e luz e atraiam como um
 iman supremo.

Adiantei-me para o grupo majico e disse:

—Pela vossa beleza, pela vossa atração,—sereis
 azazo os sete pecados mortais, as sete cores do iris,
 as sete virtudes ou as sete estrelas que formam a
 constelação da Ursa?!

—Não! retorquin a primeira figura.

Não somos virtudes, nem estrelas, nem cores, nem
 pecados. Somos sete filhas bastardas do rei Apólo,
 sete princezas nadas no ar, do seio misteriozo da
 nossa mãe— a Lira.

E a primeira avançando exclamou:

Eu sou

DÓ

Para subir ao trono de minha Mãe, a sublime rai-
 nha, ha sete degraus de ouro purissimo. Eu me acho
 no primeiro!

A outra declarou:

—O meu nome é



Braz Aranha, redator-secretario d'Os Anais, ex-
 presidente do Congresso e hoje seu secretario-
 geral.

OS CONGRESSISTAS MARANHENSES

Sangue



ARTHUR GOMES DE CASTRO, ex-presidente e hoje orador oficial do Congresso.

Meu cérebro evoluciona, o peito pulsa,
E a paixão me aprisiona ao seu domínio;
Resulta disto tudo, a mais insulsa
A mais tetrica faze do extermínio.

—Sangue! Sangue em jorrada! a voz convulsa
Do peito rompe com um ar fulminio
É meu cérebro infreme só compulsua
A ordem terminante do assassinio.

E' que quero morrer... quero matar;
Quero ver sangue, em suma, sangue, sangue!
Sangue muito a crescer tal como o mar ..

Eu não quero deixar que uma só veia
Se dilate, n'um corpo, frio e langue...
Mas quero ver de sangue a terra cheia.

Th. 7- 12-1906.

Agostinho Pavão.

O autor do presente soneto era maranhense, um rapaz esperançoso, cheio de vida e de talento. Num assalto de bandidos havido na cidade de Floriano, Piauí, fora barbaramente assassinado em 1907. Vê-se, pela sua brilhante produção, que era mesmo um poeta. E promedia bastante. Faleceu na roçea idade de 20 anos quando os primeiros sonhos de florecente mocidade lhe asseberbavam a alma so nhadora de poeta e amante.

Pobre moço!

Estou no segundo degrau do trono. A minha estatura é maior do que a de minha irmã *Dó*, mas a irradiação dos nossos cabelos é a mesma.

Falou depois a terceira:

— Conhecem-me por

MI

Tenho um par de azas de pomba e revão sobre as minhas companheiras, debulhando uma seara de trigos de ouro.

Intervem a quarta:

— Chamo-me

FÁ

Deslizo por entre as cordas das harpas, por sob os arcos das violas e faço vibrar os sonoros peitos dos *bassos*.

Murmura a quinta:

— Acudo ao nome de

SÓL

Ocupoo degrau elevado no trono de minha mão Lira. Sou como um astro e resplandeço, em côro, com as minhas irmãs. Para abrir o sifilo do trono, na porta de prata e na porta de ouro, ha duas chaves misteriozas. A minha irmã *Fá* tem uma e eu tenho outra.

Atalha a sexta:

— Respondo ao nome de

LÁ

Penultima do poema de Malarmê. Desperto os apagados e titubeantes instrumentos de muzica e a divina Filomela descança nos meus seios.

A' ultima que permanecia em silencio, afirmei:

Oh! tu, que estás colocada no mais alto degrau de tua mãe—a Lira! E's bela, harmonioza, fascinadora! Deverás ter um nomê suave como uma promessa, fino como um trinado.

E ela me retrucou:

SI

Braz Aranha.

Canção sem metro

A ti, Castalia de Luz, somente a ti, meu terno amor!

I

Janeiro!
A chuva tamburila lá fóra. Aqui dentro, este mêdo,
a ansia louca d'amar e de ser amado!
Vejo-te... E de mim tu fojes. Porque te vais?

II

Fevereiro!
Tardes d'oiro á beira mar; céu reconcavo, aguas
cantando...
Retilintar de guizos, doce loucura.
Como te vais, amor! Porque me deixas? Vem,
tenho os olhos razos d'agua. Vem unjir-me da luz pie-
doza do teu meigo olhar!

III

Março!
A noite cái silente e alva. Ai! que frio...
Vives distante... Porque não vens, amor?
Olha: a saudade dói como as setas e vôa como os
passarinhos. E as minhas saudades irão ter contigo.
Espera...

IV

Abril!
Sinjela tortura do real, meu sonho idílico, triste
quimera—em tudo te vejo: no céu, se evoco os teus
liquidos olhos e, na terra, por onde passo, a ver em
tudo o teu doce perfil de santa!...
E sinto a saudade crucl de te não ver, a doce sau-
dade dos teus lindos cabelos, côr dos trigais ao sol!

V

Maió!
Avè, ninhos cantando! Céu d'esmeralda liqui-
feita, campos verdes, flôres e luz pelos caminhos em
festa!...
O' noites brancas d'estrelas, claras e luminosas
noites de minha terra, sob o paliúm do luar arjenteo,
avé!
Chegas—tudo sorri e canta.. Olho-te e és ainda
a mesma: indiferente e muda a fujir dos meus olhos,
a fujir...

VI

Junho!
O' formozo mez das fogueiras, das primas e das
comadres!...
O horizonte esbrazeia. E que linda que vai a Pri-
mavera e que belo que vem o Verão!
E dentro em mim este amor, o impeto de te querer
e de te beijar...



CRIZOSTOMO DE SOUZA, presidente do Congresso e dire-
tor d'«Os Anais».

VII

Julho!
Olha-me assim... Por ti, quanto há sofrido o meu
pobre coração ao resplendor dessa paixão calada!
A! teu amor me arrasta a doridos escolhos! Tem
pena:—da-me a roza da tua boca e a luz bendita dos
teus lindos olhos!

VIII

Agosto!
Luar de prata. Namorados cantando... Gemem
guitarras, soluçam bandolins...
Na Igreja. Entrás... Olhas-me e sorri. Olho-te...
Lembras-te? Amamo-nos!...

IX

Setembro!
Ha por tudo um calor que se não contém. Encon-
trei-te afinal!...
—Amo-te... dizes pela primeira vez.
—Amo-te... E tu sabes que eu te amo!

X

Outubro!
Eu e tu, nós dois sozinhos... Os teus olhos pas-
seiam sobre a redondeza da paizajem magnífica!
Tenho, entre as minhas, as tuas mãos liriais.
como são leves, ai! que veludo! como são leves!
E como somos felizes!...

XI

Novembro!
 Paz de lágrimas. Luto. . Sinos dobram a finados,
 os ciprestes choram ao vento!
 No cemiterio: --tu chorando, em pranto desfeita, e
 eu chorando...
 A nossa melancolia é um salmo.

XII

Dezembro!
 Vou deixar-te, adeus.
 Natal! Dulcida tristeza que nos empolga!
 --Ai! beija-me mais, assim, assim...
 Horas de partir. E eu parto e tu ficas...
 Beija-me, Querida... Como é suave o teu saudozo
 beijo!
 O exílio ensina a amar com amôr. E o meu pensa-
 mento viverá em ti, pensando. Espera. Atravez da
 distancia a saudade duplica o amôr.
 Adeus, Querida! Santa, adeus!

— ❦ —

Idílio

Orlada tibiamente com o desdobrar manso e suave das vagas em pleno refluxo, coberta por brilhante e humida arêa literalmente ajazada de filigranas e rendilhados feitos pelo espriar irrequieto e voluvel das aguas, assistindo ativa e vitoriozamente ao retrogradar das ondas do orgulho mar como um valente guerreiro vendo o seu terrível rival humilhado e fujindo, contemplando o esvoaçar por sobre a sua vasta superficie, em todos os sentidos, da passara marinha, alacre e festiva, quebrando a monotonia da manhã que nasce, formando indefinida e irregular zona entre o profundo oceano e extensas e gigantescas dunas, ensoberbecida toda pela sua belêza, pelo atraente e singular panorama que então oferecia áquelles que sobre o seu dorso prezenciavam o rompêr d'aurora, quedava se impassível e serena a costa atlantica da ilha.

As fimbrias tenues do horizonte, enrubecidas pelos primeiros e ofuscantes beijos do sôl nascente, desvanecêram se; as ultimas estrelas, atemorizadas pelo excessivo brilho dos apollineos raios, escondêram-se no azul candido do firmamento; o espesso vêu que envolvia a naturêza rompeu-se e o astro-rei surjiu d'entre as vagas, majestozo, onipotente, esvaecendo a doirada alcatifa das languidas nuvens matutinas...

Como um liberto dos ferreos grilhões neptunianos, nos quais inquizitorialmente jouvesse, Apollo, num vôo alado e forte, desprendeu-se do nivel das aguas, todo inundado de luz e esparjindo luz, como uma altaneira aguia luminosa galgando espaços e rompendo nuvens...

Murmurio triste e soluçante das ondas... estrelas moribundas a sumir-se no além.. estrofes tímidas e dolentes dos zefiros... beijos ciciantes das expirantes vagas na praia.. nuvens nostalgicas a desfazer se nos espaços... tudo... tudo, enfim, emocionava a



HERACLITO VESPAZIANO, 1.º vice presidente do Congresso e redator d'«Os Anais».

C. S.

alma e convidava os escravos de Cupido a celebrar, ahí, o seu culto paradiziaco, imperecível...

Extaziados ante esse portentozo panorama, jaziam sentados, á fralda da duna mais proxima do litoral, gorducha mocinha e um meninote travesso, seu irmãozinho, á espera de peixe.

Recostada dolentemente ao macio declive arenozo, espriando com meiguice tentadôres olhares á vasta amplidão do mar, com os seios a tufar sob a modesta bluzza de chitinha clara, como pois torneados montes, a bela joven era a fiel reprodução de uma deidada grêga contemplando os vastos dominios de Neptuno.

Inumeros tarrafeiros voltavam ás suas cazas. Dentre estes destacou-se um, em sua direção, como se ella fosse um poderozo iman, que o atraisse com os seus passionais olhares...

—Bom dia, Margarida. Quazi que morro... hoje... de saudades!...

—Oh! De quem!?...

De ti..., retrucou elle, maliciozamente, soslaido-lhe uns olhares brejeiros...

A pequena côrou, e os seus olhos responderam... Seguiram, depois, para os seus lares, por entre os velados das dunas e, encobertos, um beijo explodiu da seus labios, repercutindo pelo espaço afôra...

Junto ao local que estava Margarida, a pouca distancia, numa atitude contemplativa ao infinito, como que ainda não deziludida da sorte, permanecia absôrta uma corpulenta mulher, com a cabeça nevada de bastos cabelos côr de prata. De quando em vez atirava uns olhares volutuozos, satânicos, a um velhusco cavalheiro, o qual pudicamente abaixava a vista.

Sumindo-se elles, Margarida e os companheiros, por entre as dunas, a velha dos olhares malinos suspirou, exclamando:

—Que descarada! No meu tempo não se via disso... Depois, diminuindo a entonação da vóz, proseguiu, entre os dentes:

—... Ah! talvez o pequeno seja como o meu mano José. Com um vintezinho no bolço nada dizia á velha...

Raimundo Mendes.

OS CONGRESSISTAS MARANHENSES



CLARINDO SANTIAGO, 2.º vice-presidente.

Os bemaventurados

Lá, lonje, nos confins do sertão do meu Estado, em um logarejo sadio, banhado pelas aguas claras do sereno, poético e tradicional Alpercatas, existe uma trindade bemaventurada de velhos que entre os milhares de habitantes d'aquellas parajens lonjiquas, tiveram em moços a maravilhoza idéa de procurarem aprender alguma coiza.

E tem graça, seriamente, aquelles homens; passam ali a vida dos inocentes.

O mais educado de todos, que é tambem o mais simples, o Sr. Meirelles, tem um montão de compadres e admiradores que todas as noites reune no varandim de sua pitorêsa vivenda para ouvir-lhe a proza instrutiva e a leitura bôa e concencioza da Historia de Carlos Magno, da Historia Biblica e livros outros que obteve ainda no seu formozo tempo de juventude.

Os outros, porem, não são assim tão queridos; apresentam-se em cena só quando as suas individualidades são essenciaes; em um ajuntamento, um noivado, uma dezobriga, por exemplo.

A desobriga que não é nada mais senão a obrigação expontanea do Vigario, todos os anos, vizitar os *amados fiéis* da sua freguezia, fazendo-a sempre de junho a novembro, depois que cessam as chuvas e os ventos geraes, fôra realizada naquelle tempo por um padre muito novo e injenuo, que vinha de receber o presbiterato, havia pouco.

Uma ocazião, isto é fato conhecedissimo de toda aquella zona, realizou-se debaixo de um estrondo e de grande pompa, uma festança em caza do Capitão Zezão, em honra ao casamento do Mathias, filho do

Capitão que era tambem inspetor do quartirão, patente e logar que arranjara por obra e graça do Espirito Santo d'aquelles sitios, o inolvidavel Dr. Francisco Dias Carneiro.

O Zezão, depois da celebração do casamento do filho e de desarranjado o altar, em roda de numeroza assistencia, trepa na cadeira e convicto de um papel importantissimo, fala:

Viva o noivo, viva a noiva!
Viva o padre que cazou!
Viva todo o acompanhamento
Canaro e beija fulô!

E agora todos que *tamos*
aqui nesta reunião
Vamos comer minha gente,
um pedaço do leitão!

Palmas e muitas palmas reboaram após o recitativo e o Zezão decia aos abraços de todos os amigos. Pelo que acabamos de notar o Capitão Zezão, que é segundo desta trindade engraçada, tem uma bela veia poetica.

A' meza bem organizada de acepipes, os mais saborozos sentou-se aquella gente melhor,—o Zezão, os noivos, o Vigario, o Meirelles e o seu inseparavel amigo e contemporaneo Sebastião Fagundes, velho amulatado que acompanhava todo o movimento politico da côrte e da capital porque assinava com todo o gosto *O Paiz*, folha brilhantissima que obedecia a direção de Themistocles Aranha. Bem servido o leitão o chibarro, o arroz de forno e a galinha de mólho pardo, Dona Maricotinhas (este era o nome da mulher do Zezão) apresenta aos convivas o melhor que pudéra preparar para sobremeza, um bem recheiado prato de bananas fritas cortadas em rodinhas, o abacate batido, e melhor que tudo isto um colôssal alguidar com qualhada fresquissima.

—*Cumpadre Fagunde*, fala D. Maricotinhas, não é servido de umas rodinhas de bananas?

—Obrigado, cumadre. Eu quero é qualhada. Onde ha qualhada não se fala em bananas.

—Não apoiado, fala o Meirelles, a qualhada não leva a primazia, dêz que vemos sobre a meza a delicioza manteiga vejetaal que é o abacate.

—Apoiado! Apoiado! O abacate, diz o Mathias, além disso tem outras propriedades.

—Cala a boca rapaz, bate-lhe no braço a cabisbaixa noivinha roendo as unhas da mão esquerda, a ouvir atentamente toda aquella *farrambamba*.

—Ora, ora... seu Meirelles, fala o Fagundes com sua impagavel verbozidade, você sabe o que é a qualhada? A qualhada é uma essencia que tirada da natureza da rez e posta num vazo de um dia para outro fica um tanto ou quanto *putera*.

Com o palavrorio do homem ficaram todos estupefactos, e o Zezão numa curiosidade unica, balbucia:

—*Putera?*

—Putera sim. Putera quer dizer pôdre.

Com a explicação do Sebastião Fagundes trocam-se olhares de admiração e cochichos entre vizinhos.

—O homem fala francez, fala sim.

—E' o bicho, diz outro.

—Isto não é francez, é latim, com licença aqui do Sr. Vigario.

O padre que se entretinha gulozamento a comer uma aza de gallinha, vira-se paulatinamente para o improvisado sabio:

—Barco encalhado não ganha frete, meu amigo. Passe a farinha, que não gosto de conversas na hora da comida. E' costume meu desde seminarista.

A festa estava de uma sorte excepcional. Todos os fazendeiros daquela redondeza, cativos das gentilezas da distinta familia, levavam as mais vivas saudades, todavia a rapaziada alacre e afoita não se dava por bem servida e com licença dos velhos e feliz acquiescencia das moças, organiza uma dansa para maior solenidade d'esse dia.

D. Maricotinhas, coitada! procura desculpar-se alegando a caza ser muito pequena para bailes.

—Por isso não, salta folgazão, o Fagundes, já bastante esperto com os grogs da *tarragona* que foi servida no almoço, nossa caza está ás ordens. E abrindo-se em sandices, com a delicadeza que lhe era propria, vomitou todo este aranzel:

—Ella todos vocês conhecem, é de uma devassidão enorme; la pode se estar na franca libertinagem.

Toda a mocidade resignava-se com o grande coração do Fagundes que lhe facilitava algumas horas de prazer; o padre, entretanto, poucas horas depois, surpreendendo aos donos da caza procurava sair dezazado e tristemente.

A familia do inspetor do quartirão alheia ao que se passava, pedia que se demorasse mais e axijia que dissesse o porque de sua despedida.

—Tenham paciencia. Eu sou padre e não gosto de dansas. Vão para a devassidão, que para o ano outra mais não me acontecerá

O Meirelles que comprehendêra a injenuidade do sacerdote e o mau emprego das frases do Fagundes, quebrando do seu silencio, acalma os animos, rezervadamente.

—Padre, não se encomode. O meu amigo não se soube explicar. A devassidão que seu Fagundes falou é porque as suas salas são muito grandes.

—Auh! Auh! Percebo, e a libertinagem então porque nellas se pode estar em franca liberdade! Bemaventurados os pobres de espirito, porque é delles o reino do Céu, diz o Vigario, sacudindo levemente a cabeça e fazendo o Pelo Signal da Santa Cruz.

João Rodólfo.

Castigos de minha mãe

Uma vez a baunilha recendente
Vinha na arajem pura e trescalante.
E o sol, como um ponteiro aurifuljente,
Girava ainda por sobre o levante.

Creança, não sei que fiz, que descontente
Chamou-me a minha mãe, com um semblante
Que havia de ter medo muita gente:
«Atrevido, malcreado, petulante!»—

E eu chorando fiquei a escutar...
Quando a mamã, em fortes embaraços
Disse chorando por me ver chorar:

«Não te zangues, meu filho, são gracêjos»!
E apertando-me ao peito, deu-me abraços,
E chegando-me á bôca, deu-me beijos.

Henrique Vieira

OS CONGRESSISTAS MARANHENSES



RIBEIRO VIEGAS, atualmente em Piracicaba, S. Paulo.

QUERUBICA

Para o LAUDELINO DE MELLO.

Vejo-te os olhos negros que me falam
O teu sorriso, infim, tenho-te ao lado,
Bebendo o doce arôma delicado
Que as tuas formas divinais exalam!

Vejo-te o plumbeo côlo issetinado,
Todas as graças que de ti resvalam,
Enquanto nos meus teus labios estalam
Na volupia dum beijo demorado!...

Teu amor, para mim, não se completa...
Quando te vi e busquei - tímido poeta!
Tinha então crenças, fé, sonhos, dezejões...

Hoje volto, afinal, deziludido...
Pois o teu coração só ha mentido
Na loucura fatal de longos beijos!

Anselmo Junior.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO



CONGRESSO MARANHENSE DE LETRAS

Fundado a 1 de outubro de 1909

Patrono geral—JOÃO LISBÔA

Sede: Rua Afonso Pena n. 35



PATRONOS

Adelino Fontoura
Almeida Oliveira
Almir Nina
Aluizio Porto
Arthur Azevedo
Celso Mahalhães
Candido Mendes
Franco de Sá
Gomes de Souza
Gomes de Castro
Gonçalves Dias
Gentil Braga
Henriques Leal
João Henrique
Joaquim Serra
Luiz Antonio
Nina Rodrigues
Odorico Mendes
Pedro Nunes Leal
Paula Duarte
Raimundo Corrêa
Souzandrade
Trajano Galvão
Teofilo Dias
Viveiros de Castro

MEMBROS EFETIVOS

Glarindo Santiago
Cezario Veras
Eider Pestana
Braz Aranha
Acrizio Rebêlo
Raimundo Lopes
Furtado da Silva
Ulplano Brandão
Heraclito Vespaziano
Grizóstomo De Souza
(Vago)
(«)
Ataide Paxêco
Rodrigues Lopes
Henrique Vieira
João Henrique
Araujo Filho
Mariano Castro
(Vago)
Arthur Castro
João Rodolfo
Leal Macêdo
Raimundo Mendes
Hemeterio Leitão
Ribeiro Viegas



OS ANAIS

Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

SUMARIO:

OS MORANGOS	Domingos Barbosa
DE LECONTE DE LISLE	Antonio Lopes
O QUERER	Coelho Netto
NO BAILE	Leonete Oliveira
AVE AMOR	Grizostomo De Souza
ANIMA DOLENS	Heracito Vespaziano
EUGLIDES DA GUNHA	Raimundo Lopes
TON COEUR	Glarindo Santiago
O CHICO	João Redolho
SONETO	João Teixeira
BILHETE INTIMO	Anselmo Junior
BIBLIOGRAFIA LITERARIA	Redação

Toda a correspondência desta revista deve ser dirigida ao seu director a MEX DA PALMA, N. 21



1912

NÚMERO VII
IX

OS ANAIS

REVISTA MENSAL

DO

Congresso Maranhense de Letras

Diretor:
CRIZOSTOMO DE SOUZA

Redatores:
HERACLITO VESPAZIANO
e BRAZ ARANHA



DR. LUIZ DOMINGUES.—Benemerito chefe do poder executivo do Estado do Maranhão, jurista emérito, escritor consumado, estadista de largos descortinhos, politico de verdadeiro prestígio, parlamentar que por tão largos annos illustrou a tribuna do Congresso Nacional com o brilho da sua palavra esmerada e pura como representante de sua terra natal. O Congresso Maranhense de Letras honra-se de o ter entre os seus membros honorarios.

Os morangos

Para o MILTON BARBOSA LIMA.

Em torno da meza, onde reluziam cruamente cristais e pratas e onde rozas murchavam em jarros chinezes com bambús vermelhos e ventarolas doiradas no bojo, conversava-se animadamente.

Criados de cazaca e pés sutis murmuravam por traz dos convidados:

— *Chartreuse? Pipermín*—com as garrafas cheias do topazio e da esmeralda dos licores.

—Lindas uvas—, murmurou deleitado o Sanches Leite, fitando o grande centro de meza, em que uma bacante erguia, sobre a fronte coroada de anémonas, um grande prato azul—em ajiado, transbordante d'uvas moscatéis, cheias, frescas.

—Lindas, de fato,—retrucou o comendador Paes.

—Mas aqui, meu caro senhor, não ha frutas como lá,

na minha terra. . . O pecego! Ai o pecego! Pois não lembra a penugem do rosto das moçoilas fortes, vertendo sangue? E o medronho? Não conhece? A côr da bôca duma cachopa, meu amigo...

E em torno da meza passou uma grande hozana á beleza e á doçura dos frutos formozos e sápidos.

—Tu, de que fruta mais gostas?

Era a Lili Barros, a clara e loira Lili, que disfarçava o pecego do rosto e o medronho da bôca atraz do pequenino leque de gaze. Falava ao Claudio Ramos, poeta sensualista de grandes lunetas d'aro.

—Dos morangos...

—Acho-os tão feios, os morangos! Parecem-me tão primitivamente silvestres...

—Dos morangos em leite...

—Em leite? Mas tu me disseste um dia que não os toleras assim...

—Não os tolerava. Mas desde aquella tarde, em que me mostraste aquelles dois, nadando em leite, nunca mais dormi sem rolar horas nas colchas revoltas, ansioso por sugá-los...

—Eu?!

—Tu

—Quando?!

—Na noite seguinte ao casamento da tua prima. Estavamos no terraço. Os noivos tinham entrado na sala. «Como elles estão resplandecentes de ventura!»... murmurei-te ao onvido. . . Tu coraste.

—Claudio...

—Coraste, sim. O seio arfava-te...

—Claudio...

—Arfava, sim, como agora. Tinhas a mão fria. Aqueci-a com um, dois, trez, sei lá quantos beijos! Beije-te, depois, o pecego do rosto. Depois, o medronho da bôca. Depois...

—Claudio...

—Estavas decotada. O seio arfava-te ainda mais. Desviei de leve as rendas do decote...

—Claudio...

—E beije-te, beije-te muito. Nunca mais me saíram da mente e do dezejo dois pequeninos morangos boiando num tépido e perfumado mar de leite...

—Claudio...

—Olha, foi assim... Assim...

E uma nesga de luar, coando-se pela trepadeira do terraço, ia, na meia escuridão da noite, entrever duas fórmas pequenas e rozadas sobre um fundo branco de neve, que os labios do Claudio sentiam morno, e eram como dois pequeninos morangos, boiando num mar de leite tépido e perfumado...

No alto, as estrelas piscavam, muito atentas, muito curiosas...

Domingos Barboza.

De Leconte de Lisle

I

FIAT NOX

A Morte Universal é o fluxo do mar,
Ora, calmo, a crescer, muda e invisivelmente,
Ora a praia a galgar, implacavel, fremente,
Rebentando em cachôes, a rugir e espumar.

Si a ventura na vida é um breve instante, e a gente
Em vão busca fugir á angustia secular,
Quando acontece, um dia, o abismo nos tragar,
Tudo se muda em sonho e esvai-se-nos da mente...

O coração humano! ó victima dos erros
E das traições do amor! preza do eterno mal
Que queres livre ser e beijas os teus ferros! —

Olha; a onda cresce e vem, para do teu inferno
Te arrebatat ao fogo e ao suplicio, e, afinal,
Envolver-te na sombra e dar-te o olvido eterno...

II

AO HOMEM MODERNO

Vives, covarde e vil, sem um sonho na vida,
Mais velho, mais senil do que a gleba infecunda,
O Século extirpou de tua alma vencida
Todo impulso viril, toda paixão profunda.

E' vazio o teu ser, que de tudo duvida...
Tornaste a terra de tal modo nauzeabunda,
Com tua estirpe ruim, ávida e fementida,
Que só a morte vinga essa esterqueira immunda...

Homem, deicida atróz! breve é o tempo, no emtanto,
Em que sobre um montão de ouro inutil, a um canto,
Depois de haver comido o ultimo grão de poeira,

Tendo exgotado o mundo, e a tortura infinita
Da impotencia sentindo, ó grande parazita!
Morrerás bestialmente atulhando a algibeira.

Antonio Lopes.

O querer

A ambição, que é a virtude do querer, faria a gloria da vontade se não degenerasse em vicio.

Ambicionar é desejar intensamente com todas as veras d'alma, e pode-se dizer que o ambicioso é o unico ser que segue um roteiro sem d'elle desviar-se um passo.

Infelizmente essa energia que, aproveitada, seria estímulo ao Bem, transforma-se em fraqueza no coração que invade.

Assim, a ambição do ouro faz o avaro; a ambição de fama faz o presumido; a ambição de gloria faz o sanguinario; a ambição de virtude faz o fanatico; a ambição de belleza faz o casquilho.

Se a modestia intervisse equilibrando a ancia da ambição com a bondade, o ambicioso seria o homem por excellencia; seria o trabalhador acatelado, o talento discreto, o guerreiro magnanimo, o honesto, o aceiado.

A vontade é um instinto violento e sofrego: livre tresvaira em crime; domado, é o vigor do character.

Para quem sabe querer, a vida não tem entraves e estou até em affirmar que a propria morte attende a intimação da vontade.

O que se entrega, com desalento, á doença, succumbe antes de morrer; o que reage, senão logra prolongar a vida, vai por seu pé até á beira do tumulo.

A mulher deve desdobrar a vontade querendo por muitos—por si e fará a sua honra; pela casa e fará o seu dever: pela Patria, e fará a sua gloria. Querer por si, é contentar-se; querer pela casa, é desejar; querer pela Patria, é aspirar. E todas estas manifestações da vontade irradiam da mesma virtude—a Fé, que é o supremo desejo. Sem Fé não tem força o querer.

O que anhela e não confia, jamais consegue o que almeja. O dizer: «eu quero!» é uma voz, o levar o querer ao acto é um arranque, realisa-o é uma victoria.

Coelho Netto.

No baile

Chega. Vem pre-suroza, ansiando o peito,
sob o fino vestido de cambraia,
e abre os labios num rizo satisfeito,
que num furtivo olhar ao espelho ensaia.

Num movimento rapido, com geito,
concerta as pregas da elegante saia,
e ajita o leque ás suas mãos afeito,
a espera ansioza que a seus pés lhe caia,

«Vossa excellencia—diz um cavalheiro,
quer dar-me a honra de dançar comigo,
schottisch ou polca, o que tocar primeiro?»

... E os dois, num gésto que o prazer realça,
vão nas azas de um amor antigo,
aos primeiros acordes de uma valsa!

Leonete Oliveira.

Avé, amor!

PARA O EMÍDIO DE MELLO.

Madrugada ainda.

Quando olharam para traz viram a cazita lonje, perdendo-se sob a neve que caía em toalha a estender-se, branquejando os montes.

Um frio rijo retalhava. As arvores, umas esguias, rotundas outras, baloiçavam pendendo os ramos em flôr. Vibravam do coração iluminado da floresta, canticos selvajens, saudando o dia que irrompia viçozo e claro. E a neve diluía-se, e, no alto, passaros espalavam as azas em revãos num mergulho suave pela amplidão rizonha.

Um perfume morno de lirios frescos enchia a atmosfera.

E Hilda e Thadeu fujiam, vencendo a esteira longa d'areia alvissima a rebrilhar como prata. Lonje, quando sumiam, deixando a cazita num ponto indistinto e vago, amortalhada de sombras, ella acenou com o lenço alvo:

—Mamã, adeus!... Despedia-se do sitio em que florecera a sua mocidade pulcra. E chorou, sumindo-se na dobra do caminho.

Thadeu prendeu-a nos braços, aconchegou-a carinhosamente ao peito, beijando-a á fronte livida, tremulo, implorava:

—Não, não chores... Fujamos, querida. Olha, o sol já redoira as alfombras e as cristas dos montes. A natureza está em festa... Vem, vem para o meu amor. Fujamos desse bulicio...

Amanhecia. O sol erguia-se, a oirajar os bosques sombrios. Os campos reverdeciam, trescalando docemente. Era a réjia vitoria do perfume na magna comunhão dum conglobamento delicioso. Uniram-se a embriagar o espaço!...

Era a resurreição das flores. Rozas, madresilvas e lirios abriam-se pelas alamedas, gloriosas e micantes. E Maio, o lindo mez florente, entrava triunfal para as alegrias marianas e fartas dos namorados e poetas sonoros, por entre cristalização de luar orjiaco e facundia bizarra de sol abraçador!

Hilda abandonava a choça paterna para entregar-se á lascivia brutal do amor que lhe preluminou a alma. Fugia com Thadeu, o primeiro homem que a acariciou, o homem que a fez chorar pela vez primeira. Nunca vira outro sinão aquelle, nunca amara outro tambem. Thadeu era o eleito de sua alma pecadora!

Fugia com elle, ia mundo afóra. E ao partir levava consigo uma saudade apenas: a saudade de sua mamã, dos seus de caza. Mas Thadeu vencera-a, o seu amor ponde mais. Forçozo era partir, chorando embora...

Foi pela alvorada. Fugia, abandonava a cazita, branca de neve, pela companhia volutuozza do homem que a queria para os seus beijos e abraços, entre palavras dulcidas e ternas!

A mamã que se ficasse—que importava? O papai ficaria para a consolar a quando por ella chorasse de saudades.

Venceram leguas, corriam, corriam... e andaram todo o sol, e o dia expirava e a noite recaia novamente; nuvens pezadas e negras velavam o ceu!...

E elles ambos, já dentro da noite fortemente negra, esbarrandaram ao pé duma colina enorme. Cançados, estalfados, rolaram por terra, amolecidos... De roda, pirilampas a faiscar punham traços fugitivos de luz na escuridão insondável. Um susurro se fazia dos lados, e folhas resequidas estalidavam...

Hilda, esfarrapando os cabelos bastos, triste, avançou para Thadeu, puxando-o:

—Malvado! o teu amor é um calvario. Vamos... restitue o meu socego, dando-me a paz dulcíssima do lar que lá lonje deixei a soluçar por mim. Reentregame aos carinhos de minha pobre mãe... Porque mi os roubaste? Achaste-me feliz e fizeste-me desgraçada!

E caiu estatica, silencioza como esfinje apumando o dezerto. Thadeu atirou-se-lhe em cima, tremebundo:

—Vem! Na solidão também se busca o amor. Esperava-te assim, cativo de tua beleza, embebido á luz meiga dos seus lindos olhos. Afinal chegas no formozozinho mez de Maio, éra em que abundam as rozas jaldes e o compo se cobre d'oiro. As assucenas trescalam, e os jasmims popeam o seu doce aroma, e os lagos refrescam numa paz serena d'aguas claras...

As serras vestem-se de flores e os passaros gorgeiam... E tudo canta, tudo sorri sob o effluvio de Maio... Chegas afinal quando eu bem te esperava. Vem! Eu te amo... E' por isso que eu te quiz aqui no meio da solidão para as nossas nupcias, abençoadas pelo ceu, e testemunhadas por aquellas estrelinhas indecizas que piscam ali, alem...

Vem! Vamos de buscar a Terra Prometida... Todo esse rumor que sentes em roda de ti, não tenhas medo, é a felicidade eterna... Não, não fujas! Pa remos por instantes, fraternizemos as nossas almas, e esperemos pela madrugada fuljida que aí vem perto...

E Hilda, que despertara pelo atoar duma ventania, solevantou-se, e, achegando-se a Thadeu, atracaram-se chorando, em soluços comunicativos que cortavam o ambiente cheirozo. Ficaram ali, numa doirada aliança, á espera da alvorada para reencetarem a grande viagem, ascendendo á aleluia purificadora dum noivado, na ventura eterna do seu amor!...

Crizostomo De Souza.

Anima Dolens

Eu não devia assim te ter amado.
Quando me rebentou dentro do peito
Este infinito amor que me tortura,
Eu devia primeiro ter sondado
Teu pequenino coração estreito
Antes de olhar a tua formozura.

Devia, antes de tudo, procurar
O teu intimo lêr. Com zelo e calma,
Conhece-lo primeiro e adivinhar
Do amor todo o segredo na tu'alma.

Mas, sem cautela e sizo.
Deixei-me prender pelo teu sorriso
E pela rara graça que tu tens.

E agora só, querida,
Quando este amor é minha propria vida
E o maior dos meus bens;
Quando eu o sinto forte como nunca,
Como jamais senti;

—Mão que de espinhos meu caminho junca—
Quando pra tudo com desprezo olhando
E até por tua culpa almas odiando,
Eu quero e amo unicamente a ti.
E' afinal, amor, quando conheço,
Conheço e compreendo
Teu cruel e impiedoso coração!

Vê, agora as angustias que padeço!
Imajina o estupendo
E terrivel vulcão
Que eu tenho agora no intimo do peito
Queimando o meu dorido coração
Em mil pedaços feito!

Calcula a grande dôr que me vae n'alma,
O infinito tormento
Que me faz padecer,
Triste e sozinho, quando
Eu com o amor lutando
No silencio da noite triste e calma,
Procuo te afastar do pensamento
E um instante, um instante te esquecer!

Mas, te esquecer... loucura,
Loucura estranha que jamais se finda!
Se, na angustia de minha desventura,
Na imensa dôr que o peito me devora,
Eu sinto e vejo que te amo agora
Como nunca te havia amado ainda!

Heraclito Vespaziano.

Euclides da Cunha

A nossa civilização de emprestimo confinou-se, de certo modo, no ambito estreito das cidades do litoral e esterilizou-se na imitação, não raro ininteligente, da cultura européa.

Ao terminar do seculo passado, na literatna científica brasileira, o mimetismo coletivo tomara proporções eceptionais.

«Começamos a aprender de cór a civilização».

«O espirito nacional reconstruia-se pelas cimalthas, arriscando-se a ficar nos andaimes altissimos, luxuozamente armados». (1)

(1) —E. da Cunha—«Discurso de Recepção», pajs. 351—352 do «Contrastes e Confrontos» (2.ª edição).

Subito, appareceu um livro orijinal; não pedantescamente emplastrado de citações recortadas ás obras estrangeiras; bazeado, não só na intelijente apropriação dos conceitos destas obras, como tambem na observação, não raro diréta, da natureza e dos homens.

Eram «Os Sertões», a estréa de Euclides da Cunha.

Como observa Araripe Junior, este livro se acha animado de um «tumulto estético, que a muita gente arripou». Realmente, a proza euclidiana movimentase, muitas vezes em arranques s'berbamente épicos.

Tanto bastou para que uma critica estreita classificasse de *nefelibata* a ciencia euclidiana, não lhe perdoando a linguagem colorida, viva, de poeta — sabio.

Queriam, talvez, que Euclides da Cunha em linguagem moderada e com nomenclatura latina, dissesse eruditamente sobre a flora das caatingas...

Apezar desses espiritos por demais acanhados para a compreenderem, a obra triunfou, pairando muito acima dos livros anômicos da literatura brasileira de então.

Qual a razão desta vitalidade incontestavel, deste vigor todo espontaneo do livro que revelava com tanto brilho o seu joven autor?

A razão é simples.

A obscura camada etnica e social dos homens do sertão resurjiu quer pelo efeito da hereditariedade, quer em razão do influxo immediato do meio fisico rasgando os peizados estratos de quazi trez seculos da civilização imitativa das cidades.

Apontou, emergente, numa saliencia: a figura, em nítido destaque, do escritor d'«Os Sertões».

Observador infatigavel e sagaz, impetuozo no estilo, não raro temerario, elle reflete as qualidades vigorozas dos desbravadores desses sertões, que o seu genio desvendou aos proprios brasileiros.

Euclides da Cunha é uma especie de bandeirante audaciosamente surjindo no nosso meio intelectual.

Pode-lo-iamos, dentro de certos limites, e até com mais verosimilhança, aproximar do jagunço, (2) porque elle não tinha aquella inflexibilidade dos paulistas; a sua vida é cheia de longas treguas de onde desperta para arrancadas vitoriozas.

Na verdade elle não se pode de todo ajustar ao tipo do bandeirante «brutal, inexoravel, mas lojico» como elle proprio o definia.

Nenhuma sub-raça o pode, em absoluto reivindicar: o seu genio as sintetiza e transfunde; a sua obra revela, integra, a vida interior da nossa terra e das nossas gentes.

Mas, por ter muito de espirito das gentes sertanejas do Brazil, Euclides da Cunha não deixa de ser um cientista dos tempos modernos, e dos maiores que temos tido.

E, como homem de ciencia, não se lhe pode contestar um grande merito no transformar a seu modo, vantajozamente, um genero da literatura scientifica.

Como já notou Afranio Peixoto, (3) o *ensaio* tomou na obra de Euclides uma forma orijinal, abarcando em seu dominio a biolojia, a geolojia e até a fisica.

Até agora essas ciencias eram tratadas izoladamente em massudas monografias, ou, pelo menos, em notas laconicas. Euclides, fundindo as em um só corpo

harmoniozo, encadeando-as geograficamente, tratou a biolojia, a climatolojia, a etuografia, a geolojia e a historia em artigos de feito literario, quazi todos a proposito de um homem, de um fato, de um povo, de uma época.

Os «Contrastes e Confrontos» e «A Marjem da Historia» são formados de artigos desta especie.

«Os Sertões» são um estudo de contexto semelhante, mas assumindo as proporções de um grande livro.

O estudo do carater de Euclides da Cunha nos leva a uma notavel conclusão, confirmando aquilo que se sente ao ler as suas paginas.

Euclides da Cunha foi um *herói*.

Não o dizemos por méra imajem, mas sim como expressão da realidade pura.

Elle entra naquela larga e verdadeira definição de Th. Carlyle, que caracterizou o verdadeiro heroismo *originalidade e sinceridade*. Deixando de parte os caracteres *providencial e profetico*, que dependem de questões de crença, verificamos que Euclides da Cunha entra, sem restrição alguma, na grande familia luminosa dos heróis.

Toda a obra é *sincera*, porque nelle, o pedantismo literario não ponde transformara a sua palavra eloquente em um jogo de frases sem fundo, como as litanias traji-comicas da maioria dos simbolistas, ou as elegancias arcadicas de certos parnazianos.

Todo elle está na passagem admiravel de Taine que vem exarada no limiar d'«Os Sertões», como diziza da sua obra de historiador:

«...il s' irrite contre les demi-verités qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n'altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les mœurs, qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l'âme».

Sobre a sua orijinalidade nada acrecentaremos ao que acima ficou dito do aparecimento d'«Os Sertões», e que basta para demonstrar, não só a sua orijinalidade em relação aos homens do seu paiz e do seu tempo, mas, em sentido absoluto, a sua vizão real e intima das couzas.

Emfim, Euclides da Cunha não só era capaz de analizar profundamente a verdade dos fatos, como de a ostentar destemerozamente, à luz da publicidade.

Nos «Sertões» ha uma pagina revoltada e eloquente que tradnz o amor à verdade e o desprezo da covarde dissimulação; depois de verberar os crimes do exercito brasileiro na campanha de Canudos, irrompe-lhe, indignada, a palavra contra a animalidade desses *civilizados*:

«Nada tinha a temer. Nem mesmo o juizo remoto do futuro».

«Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacavel, revolta, dezalinhada e incorréta; sem attitude porque a deprime o assunto; violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque refléte uma nódoa — esta pagina sem brilhos».

E' assim que elle costuma dizer a verdade nua e crúa.

Em qualquer escrito seu, vemo-lo verberar a injustiça, acoitada sob as convenções, trazendo-a em plena publicidade e esmagando-a com a sua ironia

(2)—Esta denominação, tem aqui o sentido largo em que a emprega. E. da Cunha, de «Sertanejos da região das sêcas».

(3)—«Discurso de Recepção».

Ta richesse

Tu es belle,
Tu es bonne,
je t'appelle
chère madone.

Outre zone
n'a pas telle
chère personne
chère mam'zelle !

Il n'y a pas
Si douce âme
ici bas

Tu es chère;
Tu es la femme
de ma prière...

Clarindo Santiago.

Ton cœur

J'aime un cœur
très subtil,
le plus cher
et gentil.

Bien qu'il
fût pêcheur,
sans péril
j'aime un cœur.

Il vant l'or;
je l'adore.
je suis

son amour;
et m'aimour
je lui dis.

Clarindo Santiago.

implacável. O erro não encontra indulgência diante delle.

Elle descreve ironicamente a marcha da brigada Girard, a *mimoza*; depois de acentuar, inflexível a depressão do quadro dos oficiais, ainda em marcha para a luta, lança um paradoxo cortante, que revela uma chaga viva do nosso exercito:

«Salteára—a um beri beri excepcional, eziijindo, não já a pericia de experimentados medicos, senão o exame de psicologos argutos. Porque afinal o medo teve ali os seus grandes heróis, revelando a coragem estupenda de dizerem a um paiz inteiro que eram cobardes».

Elle tinha a relijião da verdade.

E a sua grande alma panteista, em vez de procurar investigar a realidade atravez de nomenclaturas, atravez de palavras, foi buscá-la nas caatingas do sertão e nas matas da Amazonia, á propria intimidade da Natureza, que amou, compreendeu e revelou.

A sua vida é um ultimo e decisivo argumento a favor do seu heroismo.

Resume se em poucas, mas significativas palavras:

Desconhecido — revoltado — repellido pela sociedade, como um estouvado, — reabilitado perante ella combatendo contra os seus vícios — vitoriozo e glorificado — morto em plena gloria — eis Euclides da Cunha em sua carreira comovente, acidentada, trajica.

A sua morte tão brutal e inesperada foi o termo, infelizmente logico, desse conflito entre o homem e o meio — um penetrado de sãos sentimentos, morrendo na defeza da sua honra, o ouro não correspondendo á honradez altiva do primeiro.

A vantagem fisica que assistiu os seus adversarios, decidiu da luta, como se sabe.

E a morte — imenso deazastre para o Brazil mental — veio surpreender o escritor no momento da victoria. Mas o seu nome sobreviverá ao seu tempo. A queda foi uma apoteoze.

Elle morreu em plena gloria, como os heroicos sertanistas caídos na rota das parajens do ouro.

Raimundo Lopes.

O Chico

E' um gosto conhecê-lo ali, pelo sertão. Nacêra de um casal de cearenses pobres, cujo homem (desse casal) entendia de sapateiro, e seguira a carreira do *pai*, honrada e trabalhosamente.

Todos alli apreciavam-n'o muito, pelo seu todo de homem decidido, pelo menos para descomposturas.

Era mesmo um grande nos *cacuriús* da redondeza, nas novenas e leilões dos arrabaldes

Uma vez, em S. Francisco, pitoresca villazinha colocada á esquerda do ajigantado rio das Garças, realizara-se com muita pompa a festa de S. Sebastião. Depois da novena, assistida pela melhor gente, efeteou-se o leilão.

O Ventura, tipo amulatado e forte que ainda vive ali cortando *boi* de dois em dois dias, era o corretor, o homem que falava mais alto n'aquella reunião.

Começou o leilão pelas flores, passou aos doces, depois aos *meites* e o Chico nada dizia embóra o corretor de quando em vez o estimulasse:

— Diga alguma coiza, seu Mestre.

— *Non* é hora, respondia com sua voz de caveta de Reis.

Chegado o momento de oferecer as joias mais grosseiras, o corretor, ativo na sua lide, pegou de um bonito cacho de bananas maduras e fallou:

— Um cacho de bananas...

— *Xinco* tostões, fallou com firmeza o Chico.

— Dez, disse o corretor.

Todo o povo reparava atentamente de onde partia o lance, e o Chico, sequiozo pelas frutas, não esmoreceu:

— Mil e *xem*.

— Mil e cem... mil e cem... mil e duzentos...

E donde partia o lance não se sabia. Era delle mesmo, do Ventura que sempre fora um tipo muito proza, e queria pegar o nosso homem a geito.

— E *xeicento*. *Diaos!* quem é este danado?!

—Mil e seiscentos... e seiscentos... Mil e setecentos.

—Dez mil reis. Quero ver quem fala mais alto. *Xão* caras, mas *xão* minhas.

Gargalhada geral em todo o recinto da barra e o Ventúra teve a vitória de mandar a *bucha* ao Chico.

Regressava satisfeito da figura que fizera com a sua joia cubiçada, quando se desprenderam-do cacho, duas bananas, mais tarde, uma, depois duas mais. Aborrecido do prejuizo que ia sentindo paulatinamente o nosso homem, impaciente sobremaneira como poucos homens heí conhecido, atirou todo o cacho em plena rua:

— *Orês* não me querem, diaxos... vão para o inferno!

E seguiu livre da joia cubiçada.

*
**

Sapateiro conceituado, cujos trabalhos eram muito procurados, não só pela rezistencia do material que applicava, como pela modicidade dos preços, um bello dia o Dr. Seabra mandou chamal-o e encomendou-lhe um par de gallochas.

—D'aquellas bem feitas, que só o Mestre sabe fazer.

—*Xim xinhô*, respondeu o Chico carregando muito ao x e tirando as medidas.

Voltara no dia seguinte sobraçando a encomenda-

O medico achara uma obra bem acabada e aconselhara ao mestre que não se perdesse assim num lugar tão pequeno.

—Vá para o Rio, *seu* Mestre, falava com animo o doutor, experimentando o calçado que lhe apertou imenso no pollegar e muitissimo no minimo.—Sua obra está muito chic, mas falta altura. O Sr leva, metta-a na forma e traga.

Horas depois tinha o Dr. Seabra em sua porta o sapateiro e as gallochas.

—Vamos, *xeu* Dr. metta.

—Ainda aperta um pouquinho; indica o facultativo calçando a gallocha esquerda.

—*Diavos!* E pegando da faca de tenda, de que se não separava, *beneficiou* a gallocha da pala a biqueira.—Metta agora, *xeu* doutor.

O Dr Seabra, pasmado com a cena comica que presenciara, fez uns gestos de sisudez e depois de estrepiteza gargalhada:

—Está bom, está muito bom. E o Chico saira a fazer um novo calçado que ficara muito mais bem feito e agradara imenso ao freguez.

Outra ocasião procurando um vidro de graxa economica de que se servira para engraxar uma bota, não conseguindo arrolha-lo, sem que a rolha deixasse de erguer-se naturalmente por cauza da fermentação pegou de um martello e batendo sobre a rolha fez todo o liquido alastrar-se pelos moveis e paredes da pequena officina.

*
**

Eis ahi o Chico, o impagavel artista, que pelas suas façanhas e impaciencias galgou a immortalidade n'aquellas zonas do Parnahyba, elle que sempre delicado, com os seus olhos cor de mar e bigode farto e aloirado todas as vezes que lhe apertavamos a dextra respondia com um rizo propriamente seu e carregando sempre no x.

— *Muita saúde! Muita saúde.*

João Rodólfo.

Sonêto

A ALBERTO DE JESUS.

A subir o Amazonas caudalozo,
Triste e maguado vais assim seguindo!
E este teu Maranhão fica saudozo,
Maguado e triste por te ver partindo.

Cada passo que auzente tu vais dando
Elle sente-se mais apaixonado,
Por te ver assim distante navegando
E sem poder seguir seu filho amado.

Vais! Porém elle fica assim sofrendo
Por te ver transformado em andarilho,
Terra outras extranho revolvendo!

E' assim que está em ancias esperando
Receber o seu humilde e amado filho
Que se encontra distante navegando.

João TEIXEIRA.

—X—X—X—

Bilhete intimo

MEU CARO FELICISIMO DA CONCEIÇÃO.

Chegando dum passeio que fiz, õntem á tarde, uma tarde arrepiada e tepida, á quinta Vitoria, tão linda sombreada d'arvores ali á beira rio Anil, onde fui assistir ao primeiro ensaio de *foot-ball* do Ateniense Sport Club breve a instalar-se, encontrei em casa, logo á porta da rua, um recado seu, muito do seu feitio.

Que vossê, meu caro, estava fulo de raiva. Precizava de me falar a mim e voltaria mais tarde. E, envaidecido como ando da sua honroza amizade, fiquei um tantinho atordoado. Que, por ventura, lhe haveria feito?

A minha consciencia, placida como uma criancita a dormir, não me acuzou siquer. Mas não era só. Com saber que vossê estava ferozmente zangado comigo, todo eu tremia, preocupadissimo. E dê que lhe diga, excelente Felicissimo, eu nem jantei. Acredite mesmo: nem jantei, tal o incomodo que produziu em mim o seu recado!

Esperei-o, como promettera.

A noite passava. O meu relogio pancadou 8 horas. Desculpe, agora lhe faltei a verdade: eu não tenho relogio. Foi o do vizinho que deu oito horas sumidas e tristes.

Assim sendo, a ver que vossê me não aparecia, e nem sombra sua surjia, tomei do paletô (eu já estava de colarinho, gravata, colete, e calças) e saí rua fóra á sua procura.

Vaguei por todas as praças, erreí por todas as igrejas e nada de vossê! Afinal, e já eram dez horas, fui ao Theatro-Cinema-Palace. Por felicidade minha invadi o Bar que ha junto desse cinematografo. Quando ouvi um berro de simpatia:

- O' lá! Sejas bem vindo!

Era vossê, sr. da Conceição, que ali estava acantoadado a chuchurrear um copo de cerveja e remoendo sandwick mole e gordurozo. Via-se, pelos seus beiços que rebrilhavam de gordura!

Folguei imenso. Encontrei-o afinal e, ao vel-o, também gruni de satisfação: «Viva, excelente Felicissimo da Conceição, trez vezes viva»!

Vossê sorriu. Sorrimos ambos. Vossê chamou-me para perto e deu-me lugar junto de si. Sentei-me. E vossê continuou de remoer sandwick, a rechupar o copo de cerveja. Eu lhe não quiz, por forma alguma, fazer companhia. Por muito e por via da sua insistencia, aceitei um *poock* delicioso e saboriei-o gostosamente.

Mas a fumaça do meu charuto o incomodava, tanto que de quando em vez vossê fungava, abanando o nariz com a mão delicada. Eu, por minha insolencia, disfarçava...

- Mas, meu caro, para que me querias? Soube, lá a caza, que me dezejavas falar a mim!

Foi então de como lhe dezafeí para o seu dezafeio. E vossê perorou. Que estava aborrecido comigo por via de haver eu dito a alguem que não gostei do seu conto publicado num jornalzinho literario da terra. Que nem só me limitei a dizer que o não havia apreciado, mas propalei dele coizas terríveis. Que, porisso, vossê queria uma satisfação!

Cruel! Não, Felicissimo da Conceição, não o disse tal. Afirmei isto apenas: que o seu conto primava em tudo—no *estilo caminhando á perfeição e na forma, dum fundo agradável, e na idea muito bem gravitada e repolida*.

Mas, e dê que lhe seja franco, o seu conto me não agradou. Não agradou por isso: além de proclamas alto a Hipocrizia, diz sadiamente da vida solta dos lupanares e muito de picante da intimidade escandalozza dos amôres volutuozos de messalinas!

Ora, vossê sabe que por esse pé é que Rabelais, o mestre adoravel, é detestado por muitos dos que se dizem ledores!

E se me crêr, ha muita gente do seu e do meu conhecimento, que vota um odio grotesco ao nosso impecavel: oelho Netto pelo *Album de Caliban*, ao suavissimo e perfeittissimo Eça de Queiroz e desde Flaubert, Zola até ao ainda nosso Aluizio Azevedo, o doce e refulgurante artista d'*O Cortiço* e d'*O Mulato*!

Veja só! O seu conto está bom, e não digo como os competentes: «está bonzinho» e só por mero orgulho de superioridade deles. Quanto á sua linguaagem—é regular!

Vossê, com certeza, ha de conclamar que cá lhe estou de pilheriar. Absolutamente, não. Assim possa eu dizer d'outros tão bem e tão alto!

Pois que, meu caro! E sabe? Ao escrever-lhe este *mal traçado* bilhete-intimo, ainda tenho a cabeça meia aturdida. E como vim de chegar dum club spor-

tivo, penso então que para se alcançar a Gloria é mesmo facilmente como se vencer um *goal* na arena *futbolica* (é de *foot-ball*, inglez!). Pode ser?

E' assim ou quasi assim a Gloria. E' um jogo, mas um jogo espiritual. Vossê, com certeza, está na arena. Mas quê! Tenha bastante cuidado...

Pode vossê ser um forte, a principio, como poderá ser um convardão ao fim. Se, porém, alguem lhe fôr ao encalço e vossê se não arvorar de musculento hade se pirar. Já a Gloria lhe não facinará mais, não terá para vossê esse atractivo delicioso com que vossê sonha na ambição crua de ser no Futuro o que não é no Prezente: um gloriozo pelo talento e pela audacia do espirito batalhador!

Não se aborreça com isso. Sem ser um moço gloriozo, (note que vossê já trespassou os... vinte e quatro!) contudo vossê bem é uma esperanza. A geração futura lhe saberá render as homenajens de que é digno, posto que a minha lho apedreje e lho desprestijie escandalozamente! E não sei se com justiça!

Caramba! Bem que eu me podia furtar de lhe importunar com este maldito bilhete. Mas é que eu l' estou prevenindo com tempo para depois lhe não ver de costelas afundadas, um olho perdido como o secular poeta Camões, e até mesmo com a cabeça quebrada, deziludido completamente da Gloria!

Ha azazos medonhos na Vida! E isto é uma simples advertencia. Sei que vossê poderá fazer muito. Mas também pode fraquejar e cair e até estalar uma perna! Por isso eis a maneira por que lhe aconselho a calar, ou melhor a não publicar suas produções literarias a que todos acham de escandalozas, insipidas. Eu, por eu mesmo, acho-as assim, mas lhes não nego o seu merecimento. Mas é que a nossa gente ainda se não adaptou a seu modo d'escrever!

Fica assim dito aqui o que, por gentileza dispensada, lhe não disse a muito e não lhe quiz dizer noutra dia, á noite, ali ao Bar do Theatro-Cinema-Palace, onde vossê rechupava um copo de cerveja, remoendo sandwick gordurozo, e eu saboriava um delicioso *poock* como um bom burguez que me envaideço de o ser!

Com o que sou, renovo-lhe a minha admiração e a minha estima.

Anselmo Junior.

Bibliografia literaria

Recebemos o n. 4 da *Via-Lactea*, revista mensal que se edita na capital bahiana sob a direção dos brilhantes beletristas Eurico Brazil e Renato Fioravanti.

O prezente numero oferece ottima e sadia leitura, trazendo farta e elegante colaboração d'escriptores reconhecidos e vitoriosos como Pethion de Villar, Hermes Fontes, dr. Filinto Bastos e outros.

Traz também um soneto-antografo do excelso Euclides da Cunha, escrito de volta de Canudos, em 1897, no album da dra. Pragner Fróes.

Estampa o retrato, á primeira pajina, do illustre dr. Filinto Bastos, propecto professor da Faculdade de Direito da Bahia.

A *Via-Lactea*, está magnificamente impressa, recomendando-se pela arte encantadora do seu belo feito.

Agradecemos á gentileza da vizita pelo que retribuiremos.



CONGRESSO MARANHENSE DE LETRAS

Fundado a 1 de outubro de 1909

Patrono geral—JOÃO LISBÔA

Sede: Rua Afonso Pena n. 35

PATRONOS

Adelino Fontoura
Almeida Oliveira
Almir Nina
Aluizio Porto
Arthur Azevedo
Celso Mahalhões
Candido Mendes
Franco de Sá
Gomes de Souza
Gomes de Castro
Gonçalves Dias
Gentil Braga
Henriques Leal
João Henrique
Joaquim Serra
Luiz Antonio
Nina Rodrigues
Odorico Mendes
Pedro Nunes Leal
Paula Duarte
Raimundo Corrêa
Souzandrade
Trajano Galvão
Teofilo Dias
Viveiros de Castro

MEMEBROS EFETIVOS

Glarindo Santiago
Gezario Veras
Eider Pestana
Braz Aranha
Acrizio Rebelo
Raimundo Lopes
Furtado da Silva
Ulplano Brandão
Heracito Vespaziano
Grizostomo De Souza
(Vago)
(«)
Ataide Paxeco
Rodrigues Lopes
Henrique Vieira
João Henrique
Araujo Filho
Mariano Castro
(Vago)
Arthur Castro
João Rodolfo
Leal Macêdo
Raimundo Mendes
Hemeterio Leitão
Ribeiro Viegas

1912

NÚMERO X

OS ANAIS

REVISTA MENSAL

DO

Congresso Maranhense de Letras

Director:
CRIZOSTOMO DE SOUZA
Redatores:
HERACLITO VESPASIANO
e BRAZ ARANHA

O Maranhão literario

Ainda a «enquete» do Congresso—A poetiza dos «Flocos»—Leonete Oliveira—De como ella nos falla.

Manhan. Sol barbaro, esbrazeante e impavido galgando o azul macio e forte pelos lonjes do ceu. Atravesso a praça, lesto. Entro na Rua da Paz e enfito Biblioteca Publica a dentro.

A poetiza Leonete Oliveira, á sua secretaria, lá está de pensenê faiscante, lendo uma pajina de deliciosa ironia da Correspondencia de Fradique Mendes. Que alegrão para mim! E sorridente avancei:

—Poetiza dá licença?

—O!, vá entrando. Faça favor d'entrar para cá. . .

Empurro uma grade e uma porta, pezada e mole, se abre. Entro e tomo uma cadeira. O meu olhar bisbilhoteiro pereorre todo o salão. Lá em cima, no seu lugar de diretor, perramente sentado o sr. Amaral que espeta o olhar atravez os oculos, e me comprimenta sacodindo a cabeça. De roda, umas estantes desfalcadas e altas, enfiando se ao tecto raxado galhardamente polvilhado de têlas d'aranhas. Ao fundo, a estante Roca, embaciada, vivendo como uma suave rapariga que já fôra de *panca*, já tivera *roda*, já vestira seda e hoje veste chita de cruzado, e, em vez de *brillantina*, passa nos cabellos *sêbo* de Holanda.

Leonete Oliveira é a unica poetiza na terra e se ha outra que eu desconheça, que me perdôe. Quando começou de publicar os seus versos foi log, num jornal diario, a *Pacotilha*. Teve, de primeiro, vexame d'aparecer com o proprio nome porque, num meio quazi hostile como o nosso, duma indiferença criminosa ás coizas da intelligencia, meio em que se mais propala mal de tudo e de todos—uma moça fazer versos! Que ridiculo, que escandalo! Ainda uma moça só para enxotar paixão arranhando um piano encomodativo, vá, quer-se! Mas, versejar como qualquer malandrão pezado, isto é que não! . . .

Foi porisso que dona Leonete apareceu timidamente assinando os seus primeiros versos com o gordissimo pseudonimo de *Angela Graci*. Quando menos se esperava, um dia claro, dona Leonete surje pela mesma folha com um soneto brilhante, e d'então para cá todos a ficaram conhecendo.

Por onde pa-sava ouvia sempre esta nota que lhe resoava na alma, vinda d'alguma janella, dum corredor, duma loja e com admiração:

—Lá vai a poetiza, dona Leonete Oliveira! E' aquella a poetiza. . .

Uns ou umas, franjiam o sobrolho e outros ou outras sorriam maliciosamente, desdenhando.

E está. Em 1910 fez uma conferencia sobre *A mulher* na Biblioteca Publica.

Por esse tempo havia publicado os luminosos *Flocos*, livro de versos, impresso na Tipogravura Teixeira, e prefaciado por Antonio Lobo, o mestre, e por Domingos Barboza. A critica nacional recebeu-a com aplauzo e muito carinho. O critico mais divertido foi o faguhante Viriato, o Viriato corre a, por ser o mais amigo da poetiza que se não adoeceu e gostou até! Ele tinha razão de brincar com ella, elle que a cor hezia tanto, desde menina travessa! . . .

Agora, porém, darei á palavra á talentosa poetiza que conta 24 anos apenas, nascida em 1888, nesta iluminada Atenas Brasileira. Depois de lhe haver explicado a *enquete* dona Leonete acedeu ao meu pedido. Antes, porém, andou esguelhada de braço com a modestia.

Quem era ella para figurar na *enquete* em que co laboravam os nossos melhores escriptores!

E endaguei recomendo a entrevista:

--Desde que ano escreve?

--Desde 1907.

--Que idade tinha?

--19 anos

--Lembra-se da sua primeira produção?

--Lembro-me:

Foram uns versos de *pé quebrado*,
—flores e sonhos que andei juntando:
inda hoje os leio de olhar maguado,
todas as creanças abandonando.

Nesses versinhos, toda a minh'alma,
cheia de afetos eu derramei;
ai! que saudade que não se acalma,
do lindo sonho que então sonhei!

—Bravos! Que era vossê nesse tempo?

—Que era eu? Nem eu mesma sei. . . o que fui hontem, o que sou hoje e o serei amanhã—uma incompreendida!

—Qual a sua primeira produção publicada? Em que jornal a publicou?

—Foi um soneto. . . de amor, bem entendido, que publiquei na «Pacotilha»

—Dai, como venceu?

—Ainda não venci. O caminho é escabrozo e máu. Encontra-se a todo passo cada *matacão* de meter medo. (Refiro-me ás más linguas, aos nulos, aos dezoocupados) Vencerei um dia? Não sei

—Dentre as suas produções, qual a que mais preza e guarda com carinho?

—Amo-as todas, sem distincção, com o mesmo entranhado carinho; porque em todas ellas ha uma grande parte da minh'alma

—Como se estreiou em livro?

—Com um volume de versos—*Flocos*, editado na Tipogravura Teixeira.

— Comolhe recebeu a critica do paiz e de fora delle?
 — Avalie vossê: de Portugal disse-me Abel Bote-
 lho: «Acho os seus preciosos versos bem dignos ainda
 de mais lizonjeira apreciação do que a que, nos res-
 pectivos prefacios, lhes fazem os srs. Domingos Bar-
 boza e Antonio Lobo». . . Do Rio disse-me José Ve-
 rissimo: «Os seus formozos «Flocos» são a revelação
 de mais um talento—poetico nessa terra bendita de
 poetas» . . .

— Disse o uma verdade. Quantas obras tem em
 elaboração? E quantas para o prelo?

— Tenho em elaboração uma obra. Pronta para o
 prelo, nenhuma.

— Que nome lhe dá.

— *Mirajens*

Que genero de literatura mais gosta de per-
 pretar?

— A poezia porque mais se coaduna com a minha
 maneira de sentir.

— Qual é o autor que mais exerce influencia no
 seu espirito?

— Nenhum. Deixo-me guiar apenas pela minha
 fantazia. O porque disto, não sei.

— De que poeta estrangeiro mais gosta?

— Guerra Junqueiro. Porque é incontestavelmente
 um grande poeta; porque sabe sentir e dizer sem re-
 buscamento de rimas nem preocupação de estilo.
 Conquistador incruento, o seu gladio é a idéa lumi-
 noza e redentora.

— E brasileiro?

— Olavo Bilac. Porque seus versos ora têm a suave
 doçura de uma noite enluarada, ora o calor fecun-
 dante de um esplendido sol de verão.

E de romancistas estrangeiros de qual mais gosta?

— Eça de Queiroz e Emile Zola. Porque? Não sei
 dizel-o. Para falar deles seria preciso sentir no
 cerebro a mesma centelha que alumiu em vida os
 seus cerebros potentes, e isso não é dado aos que
 rastejam na sombra, humildes e pequenos.

— E brasileiro?

— Coelho Netto. Pela linguagem acurada, pela
 beleza da forma, pela perfeição de estilo.

— Dos autores teatraes estrangeiros qual o seu
 eleito?

— Francamente, nenhum.

— E dos brasileiros?

— Arthur Azevedo. Pela sua alta concepção de
 artista; e porque me delicia, e me agrada, e me
 comove: como dramaturgo, prozador e poeta.

— Que muzica mais aprecia?

— Todas; porque adoro a muzica.

— De que perfume mais gosta?

— «Enigmaz»; pela suavidade.

— E de que flor?

— A *saudade*; porque é a flôr do sentimento, o
 doce «amargo d'infelizes» . . .

— Qual é a côr da sua predileção?

— O azul celeste que é a côr dos sonhos e das
 iluzões.

— Bem. E agora no seu entender, dos maranhenses
 do passado, qual o que mais valeu pela mentalidade?

— Gonçalves Dias. Porque nenhum outro, como elle,
 soube forjar o verso com mão tão habil e poderosa.

— E mais. Desculpe a bisbilhote exajerada. Que
 prato mais aprecia?

— Isso é conforme. Si estou atacada da dispepsia,
 nada me agrada. Mas, por felicidade minha,

Tenho appetite constantemente,
 e de um quitute gôsto, de um só:
 cômo e devoro gulozamente,
 um gôrdo prato de mocôtó.

— Pois que, poetiza! O mocôtó! . . .

E a poetiza gosta mais de ver um senhor de
 fraque ou de paletó?

— Ora! de fraque. . . que duvida! O fraque dá
 uma certa importancia até mesmo áquelles que não a
 têm pelo merito pessoal. Ai está.

— De que chapen mais gosta?

— Do meu, porque é meu.

— Arma-se de revolver em caza, notadamente á
 noite para castigar ladrões?

— Não. E nem compreendo a utilidade do revol-
 ver. Para *castigar e ferir*, basta a lingua, porque a lin-
 gua é a mais terrível e poderosa das armas!

— E' um *destroyer* perigozo! Lingua, lingua. . . Pois
 não é?

E digo adeus e saio como entrara, sorridente,
 pitoresco. Fóra o sol é como uma papola de fogo,
 requeimando, ardendo!

C. S.

Poeta

A' memoria de Lyeurgo de Paiva, o malgrado
 artista do "Flores da Noite."

Sublime sonhador das esperanças,
 Louco poeta, oh! alma enamorada!
 E's bem feliz, agora que descanças
 Na solidão tristissima do Nada!

Tu que tiveste a vida das creanças
 De misticos sonhos embalada,
 E' claro que desfrutas as bonanças
 De uma vida ditoza e abençoada

Morreste, mas teu nome vive ainda,
 Tal como a estrela deslumbrante e linda
 Que lá, no Azul, esplendida, fulgura

A' noite, quando as flores que cantaste
 Cobrem, tristonhas, baloçando na haste,
 De lagrimas a tua sepultura!

João Rodolfo.

Na Floresta

Eseurece O ar esfria. O plúmbeo céu nevoento
 Parece dezabar, de tão cerrado. . . —ameaça
 Um diluvio. . . E o arvoredo, ao sussurrar do vento,
 Curva a copa e farfalha. . . Ha um frio que não passa.

Por todo o êrmo frechando as fistulas, traspassa
 Um súbito terror, de momento a momento. . .
 Regougando, o trovão flamívomo estilhaça
 Num gemido de dôr e morre, num lamento. . .

Anda, a pairar no espaço, um cheiro de serralhos. . .
 E a chuva chicoteia o seio da floresta.
 Onde parte o silencio o gemido dos galhos. . .

Ao rasgar dos fuzis, todo o arvoredo freme. . .
 Um sulfúreo clarão as folhas verdes cresta. . .
 A noite escura chora e o frio vento geme. . .

Ulpiano Brandão.



MEDIEVOS

A TI, MORENA SOLARENÇA, QUE, NO
CASTELLO REAL DA TUA PERFEIÇÃO,
PRENDESTES PARA TODO O SEMPRE O MEU
ERRADIO AMOR.

I

Sou pajem - menestrel de porte airozo e fino ...
Nos castelos feudais dos príncipes tudeseos,
Onde, em linha opulenta, o estilo bizantino
Se mistura a bizarros e áureos arabeseos,

Venho trovas de amor, hinos madrigalescos
Cantar ante os barões de olhar torvo e felino,
Enquanto, pela noite, os campos pitorescos
Repetem-me o cantar em luminoso trino.

De lonje venho já. Tranquilo chego á liça,
Abaixa-se ante mim a ponte levadiça,
Na torre barbaeã os infanções divizo.

E vou cantar ... Mas eis que um rizo se dezata
Da tua voz tanjido á guitarra de prata.
E emudeço escutar-te a múzica do rizo.

II

De Augusta mão real simbólica pranchada
Recebi sobre o hombro. E, armado cavaleiro,
Sentia, sob o pezo da armadura, a cada
Instante borbulhar-me o instinto de guerreiro.

Parti valente, herói e nobre. E da Cruzada
Que á Terra Santa foi libertar o Madeiro,
Voltei trazendo rubra a lâmina da espada
Do sangue máu do moiro herético e rafeiro.

A coiraça e o elmo rijos da armadura,
Rompeu-mos da moirama a cimitarra dura
E rasgou-me do guante os finísimos folhos.

Disposto a combater parti de novo ... E a lança
Aos teus pequenos pés mimosos de criança
Quebrei: venceu-me a luz brilhante dos teus olhos.

III

Um dia, iluminado de uma luz extranha,
Nova crença eu senti borbulhando no peito.
E tão grande era a fé, e tão forte, e tamanha,
Que me eri entre os bons e entre os santos eleito.

O burel, ao meu hombro a carícias afeito,
Cinji. E, á doce luz que as madrugadas banha,
Parti a levantar um eremitério estreito
Entre as urzes erueis da encosta da montanha.

E ali, na solidão, nas preces e na calma,
Ciliciando o corpo e perfumando a alma,
Eu tinha a Perfeição por unico dezejo.

Depois ... Depois, um dia, o meu burel sagrado
Eu vi por minhas próprias mãos despedaçado
Na ânsia de sugar o mel que tens no beijo.

Ruy de Sá.



Talvez...

Para o Domingos Barboza

Ninguém estudava aquella hora na *republica*.

Seriam tres horas e faria um quarto que chegáramos da academia. Como sempre, contavam-se historias de todo genero, discreteava-se sobre letras, recitavam-se versos, philosophava-se muito e maldizia-se muito mais.

De vez em quando, na intermittencia de umas phrases sonoras, lá esfusiava uma blasphemia. O Gilberto, nas suas narrativas, caprichava nos verbos e na nitidez das imagens, enquanto o Miranda nas suas palavradas, acanalhava o ar com gestos feios. O Rocha fallava então da garrídice das duas filhas do novo general chegado naquelles dias do Rio.

—Sabem, - gritou-nos o Gilberto - o demonio do meu rival embarcou!

—Qual delles? interrogou maliciosamente o Gomes.

—O tenente, aquelle estúpido por quem a Edith Maia apaixonou-se.

—É tu gostavas da Edith? E nunca nos disse nada, o salado...

—Como foi isto? Conta, conta, gritámos nós todos.

—Eu não amava a Edith, mas hoje adoro-a.

—Já começa o *coração de alfenim mole*.

—Não interrompa, «seu» idiota. Adoro-a!

—Pilheria.

—Por Deus! Creiam, nunca pensei que desse nisto.

Encontramo-nos, achei-a bella, distincta, simplesmente; mas pouco a pouco, á proporção que me approximava della, fui, com isso que vocês apelidaram o *meu faro*, descobrindo-lhe noves veios de esthesia occultos na ondulação negra daquelles cabellos, nos rasgões tragicos daquelles olhos, na nervosidade daquelles labios.

Aquelles cilios vertiginosos que vocês nunca viram de perto —ah, nunca viram! — têm não sei que força introspectiva.

Que voz! Quando ouço aquella voz meia aflautada, sinto que uma onda symphonica me inunda e, pelo espaço, vae se quebrando nos tons mais proprios para expressão musical dos sentimentos!

—Sempre phantastico este homiem...

—Queres fazer da tua virgem uma Réjane...

—Ora bolas, não phantasio cousa nenhuma.

Si vocês a ouvissem veriam dentro dos cinco minutos de uma palestra cerrada, como sua voz sabe descer, levemente ao pianissimo das notas ciciantes, como medeia no grave das notas melancolicas, como sobe bruscamente ao agudo tempestuoso que contorna os delirios.

—Vamos ao facto, adiante.

—Vocês sabem que a Edith não me podia amar, simplesmente porque amava ao tenente.

—Percebemos, percebemos.

—Mas o tenente felizmente não a amava...

Gilberto accentuou com visivel prazer o adverbio da phrase e continuou:

—Pode lá um bruto comprehender e sentir a gran-

deza espiritual daquella menina?! Edith via bem isto, e, coitada! soffria como se a estrangulassem. Entrementes, o meu amor crescia, crescia...

O rapaz poz a mão tremula sobre o peito, fez uma pausa ligeira e proseguiu:

—Ha tres dias o tenente partiu para o Rio, a serviço e nem lhe disse adeus. Hontem a noite fui vel-a. Encontrei-a naquelle banco, o Gomes sabe, sabe e já andou por lá — junto ao carramanchão das trepadeiras brancas. Uma restea do luar, por entre a renda das folhas verdes, coava-se-lhe nas faces.

Vi que as tinha vermelhas e tinha os olhos vermelhos e inchados.

Chorava com certeza.

Depois que lhe apertei a mão, disse-lhe com voz suplicante, ao sentar-me:

Não chores Edith... Peço-te, não chores mais. Isto passa.

Devias prever tudo isso. Elle é indigno de teu affecto, porque não te comprehende!, ah! não te comprehende como eu te comprehendo!

—Peço-lhe, não me falle assim, encommoda-me...

—Perdõe-ma, perdõe-ma si a offendi. Não fallarei mais nisto.

Adeus! E estendi-lhe a mão n'um gesto nobre de despedida.

A pobre criança, — creiam — n'um impeto, agarrou-me pela manga do paletot e com voz confusa balbuciou:

—Desculpe-me, fui grosseira, sinto não sei o que na cabeça, não sei o que digo, não se vá...

E n'um gesto repassado de carinho, acrescentou:

—Sou muito má, não sou?

Estas palavras tocadas de uma sonoridade piedosa e triste me fizeram estremecer.

—Não, nunca! Não te julgues má, Edith!

Acaso, pode um anjo ser má?!

Tu alma, como eu vejo tu' alma?! Nella não ha as cores sinistras das almas ruins. O encarnado vivo dos assassinos, o cinzento eseuuro dos scepticos, o negro retinto dos trahidores, não entraram nas suas tintas. O que eu vejo nella são tons claros... São os aljofares das espumas marinhas, o roseo dos poentes incendiados no crepusculo, o verde claro das esperanças, o azul cantante do céu brasileiro

O branco representa tua pureza e tua intelligencia; o roseo teu amor e a poesia que emana de ti; o azul tua fé e o verde tua esperança, nossa esperança!

Não pode fallar.

Anciava. Tremia toda.

Puz a minha ua sua mão e senti palpitações de azas na sua carne.

Toda su' alma subira a garganta e debruçara-se na varanda dos seus olhos muito abertos.

Um leve sorriso de morte, esboçado nos labios, foi á resposta indecisa, commovedora e breve.

—E julgas que a conquistaste? interroguei eu, ancioso.

—Talvez... talvez... respondeu-me o Gilberto n'um suspiro dramatico.

Num quarto visinho um calouro, o Minervino, imitava a voz guttural do Laurindo Leão: «a philosophia antologica, conceituando o universo...»

Soriano Filho.

Ciclo do Amor

No baile

Esta, que ora vos conto
 É uma historia de Amor
 —Antes um breve conto—
 Relicario de mortos ideais.
 De onde se evola o penetrante odor
 De velhas couzas, que não voltam mais.

Alvorada

Lembras-te bem? Num dia de verão
 Sob o casto esplendor do firmamento
 Resurjia, a florir, meu coração.

Foi das matas, ali, na verde entrada
 Que primeiro te vi; nesse momento
 Do amor a clara e tepida alvorada

Brilhou, serena, em meu surprezo olhar
 Imerso no suave encantamento
 De te ver, de te ouvir e de te amar.

Concepção do Amor

Que é este grande amor?
 Não n'ó sei bem; mas creio, firmemente
 Que é o mesmo grande amor
 Que tudo sente.

Creio que todo o ser

Seja ave ou planta
 Homem, mulher,

Deve sentir o mesmo amor que encanta
 E eleva á compreensão da Natureza.

Foi este amor o que senti, quando a beleza
 Sua se revelou aos meus olhos surprezos
 Falei-lhe! ella sorriu, e na mesma hora
 Voou para ella o turbilhão dos meus desejos
 Sonhos e aspirações.

Eis porque agora.

Nestes versos de tão sinceras iluzões
 Eu canto o meu amor, que com certeza
 É um pouco desse amor universal,
 Eterno como o Bem e como o Mal,
 O eterno amor, que em tudo canta
 Que nos atraí, que nos encanta
 E eleva á compreensão da Natureza.

Quando o Amor morre

Quando o amor morre, o enfraquecido laço
 Que unia os corações, tenta abrazá-los
 Na ancía final de um derradeiro abraço

Tenta iludir a proxima evidencia
 Do desenlace e quer ainda enlaça-los
 Para sempre, na mesma e forte ardencia.

Mas chega então a hora final do Amor
 E nos amantes fica, ainda, a irmaná-los
 Da Saulade o dulcissimo travôr.

Raimundo Lopes.

Para o Aerizio Rebêlo

Foi no Club Recreativo. O calor era intenso; respirava-se abafado. A luz farta dos candieiros d'abat-jour vermelho, punho nos salões uns tons fortes de claridade bizarra.

Os enfeites, repregados com esmero, davam ás paredes a vivida apoteóze de côres cambiantes, em evocativos quadros carnavalescos, na orjia crúa de carieaturas.

Os salões fremiam Grotescos mascarados repassavam de lado a lado, tecendo chalaças, na maioria repetidas e reles, sem vislumbre de Chiste.

Alguns, aos púlecos dezabridos, povoavam o meio ambiente de pilherias agressivas, numa algazarra pertubadora. Outros, passavam cabisbaixos e encolhidos envergonhados, talvez, do todo ridiculo com que provocavam a indiferença fulminante dos outros e o rizo-zito canalha de comentadores parvos. Um bobalhão fofudo e balfo repulia frases sonoras, numa pieguice gaiata, a inculcar o seu instantaneo amôr a uma linda *camponeza* roliça. Um gordissimo *careca*, meio obezo, barbudo d'enorme correntão antigo, *croizê* preto e calça branca, sobraçava um grosso tomo, em momice detetida, rodopiando salões afora, a passar receitas. Davase pelo nome de doutor!

Um *pirot* saltitante e esgonçado, esbugalhando os olhos atravez da mascara curta para a anca dum *dominó* verde, rosnou enfiando o dedo no ar:

— Hum! Que bom! Ipe! Ipe! . . .!

Gargalhadas estridentes e demoradas reboaram fessando a satira. O ruido era enorme. Os salões atupiam de confeti que caia intenso num fartalho sêco. E o rôdo desprendia-se á larga, a perfumar a atmosfera calida. Guizos retiltavam baralientos, num claro alarido. De quando a quando o estridulo classico:

— Vossé me conhece?

Volutuosas *ciganas* esbeltas e rechonchudas, com toalhas purpureas repassadas ao ômbro, polvilhadas de magnificos bordados, transcorriam os salões, a ler a *sorte* dos que lhes espalmavam as dexttras!

Estava-se em plena embriaguez do gozo efemero á loucura comunicativa de Deus-Momo. E a orquestra, lá do fundo do corredor acanhado, vibrava d'espaco a espaco em estonteadoras polcas e *maxices*, numa orjia harmonica de sons enervantes. Os mascarados voltejavam ao compasso da muzica picativa, sedentes, num assanhaço!

Quando a orquestra calava, davam os braços, rodeando o compartimento, em trocadilhos dulcissimos d'amor e, ás vezes, abancavam no bufete, rechupando copos de cerveja.

A noite ia alta, e o céu todo pespontado d'estrêlas. A lua esbatia-se nas vidraças, prateando a cidade. Havia nas ruas dezuzado rumor de gente.

Quando menos se esperava, a orquestra executou a polca da *Casta Suzana*. E o sereno e romantico Gilberto Veloze, aprumando o *smocking*, alizou a gaforina loira e acaichoada e, montando o monoculo chispante ao olho direito, achegou se a um lindo *dominó* cor de lilaz, á janela, a gozar a frescura agradavel da noite alva sob a claridade maravilhoso do luar;

—Tu a qui, dominó?

O *dominó* olhou-o de cima abaixo e retorquiu:

—Cada um sabe de si...

—Pois que então! Sofres? A tua dôr é simpática.

Dize lá porque essa tristeza...

—Ora, deixa-me! Tenho a alma a chorar...

—A tua alma a chorar?

—Sim. Ha um ano por este mesmo tempo, neste mesmíssimo dia comecei de sentir a dor duma cruel separação. A alegria fugiu-me para sempre deixando-me a tristeza como piedosa companheira!

Havia um ano que a sua mamãi sucumbira. E chorou. Si ali fóra foi pela simples razão de se divertir. Disfarçon-se e la estava. E o luto? banalidade... o sentimento é sempiterno e mora no coração. O luto é uma fantasia que passa e o sentimento fica. Banalidade... E ele que a ouvia atento apoiou a cabeça sobre as mãos numa atitude recolhida. Porque sim! *Aquillo* não era tão vulgar como supoz á primeira vista. Havia *naquillo* qualquer coisa d'originalidade. Era mais qu' tudo uma soberba tentação:— dois seios sensuais a estuar, repontando tezos a espetar como alfinete; as mãos tão finas, tão finas que nem o veludo; dois olhos claros e liquidos, e que pequenino pé, que delicado pezito como se fosse de boneca!...

Era mesmo de provocar. E o Gilberto, enlevado por aquelas formas graciosas, aquela ternura de voz, aquela tristeza salmodica, não se conteve:

—Vamos! dize-me quem és, o teu nome?

—Dizer-t'ó? não, tu és profano... Ficas a saber que sou um tristíssimo coração a disfarçar sua melancolia na alegria risonha de Momo...

—Nem mesmo assim podem os teus olhos conter as lagrimas, enquanto os teus labios esboçam um sorrizito de dôr que me ilumina! Vamos, meu doce *dominó* mostra-me o teu lindo rosto...

—Lindo? Que feio, que feio!...

—A tua modestia embriaga-me os sentidos. Tem pena, dize quem és?

.....
—Dize lá, dize!

—Branca de Lourdes...

—Tu? Pobre de ti! E aqui neste recanto ingrato é que vens de buscar lenitivos ás tuas dôres! Pobre de ti...

—E' a vida! Que queres?

—Sim, contenta-te, não chores. Olha, eu te amo, vites e não sei porque força magnetica, poderosa e invensível, comecei de te querer e de te amar...

—E eu!... dá-me a tua mão... E o doce Gilberto Vellozo estendendo a mão para ela, sorriu deslumbrado. Ai! que ela o amava do mesmo modo! E Branca de Lourdes colocou a mão dele sobre o peito que arfava e disse meia escarlate:

—Sentiste? Palpita por ti, creê...

—Os ceus que te abençoem, querida minha! A vida é isto: um eterno enigma, por um eterno contraste!

—E eu não te creio. As tuas palavras cá ficarão. E, sonhador que és, já amanhã nem vaga reminiscência terás de mim...

—Torturas-me, filha!

—E' a tortura do real, poeta!

Silenciaram. Ele pegou-a na mãozinha, acariando-a. Dai beijou-a. A lua decia os marmores do poente e as estrelas bruxoleiavam. A noite findava e as coizas iam despertando do sono imóvel que a noite fizera igual.

E eles ambos encaminharam-se rumo do bufete, ruminando os seus amôres na harmonia deliciosa de frases melifluas dum meigo carinho pagan!

Crizostomo De Souza.

Minha casa

Fica á beira da estrada a casa que eu habito.
Tem um aspêto pobre e antigo de fazenda:

—Ao lado o velho forno e a casa da moenda
Com uma construção espêssa de granito...

E' uma deliciosa e rustica vivenda.

Tendo, no fundo, o mar, que eu, demorado, fito.

—Onde se põe o sol... É eu, da minha tenda
De trabalho, olho o mar, ajoelhado e contrito...

Parece esse *retiro* um ninho de poesia...

Onde o sol por imprime um poema de tristeza

E o sol nado me evoca um mundo de alegria...

Tudo cala com a noite... E ao vir da madrugada,

Ficento, ao sol que doira e acorda a Natureza,

Lonje, os carros de bois cantando pela estrada...

Ulpiano Brandão.

Ave fugitiva...

Para o João Teixeira



Celere, num rufar de azas, alçaste o vôo e te foste, abandonando o ninho que te viu nascer e te aquecia ao frescor das madrugada claras.

Fascinaram-te as côres da aurora, o vozear dos ninhos, o murmúrio das aguas, a canção dos ventos.

Assim, batestes as azas e partiste.

Foste longe, ver, talvez de perto, o calix prateado das estrellas, a rosa ruborisada da aurora.

Olhaste a natureza em sua pompa de luzes e de flores. Sorveste o ar puro que banha os astros, essa aragem bemfazeja que beija os lyrios, que beija as rosas, e, risonhamente, abrindo o casto biquinho, entoaste uma canção.

Era sonho teu deixar o ninho e voar, voar, furando as rendas opalinas do espaço, batendo as azas cantando.

E te foste.

Mas, quanta saudade deixaste!

O companheiro, que nasceu contigo, que ficara dormindo, silente, sob o rubôr da manhã, ao se sentir sozinho, sem ouvir a melopéa do teu gargantear saudo-

so, sem sentir a tepidez da tua candida plumagem, ergueu a cabeça, suspendeu as azas.

Ruflou-as nervosas, e voou cantando.

Foi ás clareiras, carpir a tua saudade, ouvindo arrulhos plangentes, cantos magoados das juritys da matta

Não quiz voltar sem ti.

Percorreu as quebradas, lá, onde as outras aves garrulejam tristonhas, ás manhãs sem sol, ás tardes merencoreas.

Inspirou se na doce tristeza que a tudo crepuscular e evolou um canto—suprema recordação de ti.

A voz, melliflua, na sua infinita doçura, desprende-se, inspirada pela tua immorredora saudade.

E' que as aves não sabem chorar; não sabem soffrer caladas cantam; é assim o canto a sua lagrima, o seu soluço, a sua alegria

Célere, airosa, como te foste, voltaste.

Que viste?...

Tens as azas tremulas, queimadas pelo sol.

Andaste muito e a tua revoadada em torno das alfombras, sem pousar, sem beber o orvalho dos lyrios, foi como um sonho, foi como uma illusão que se desfaz, porque, tão célere, como foste, nada gravaste das côres, dos aspectos que se desenrolavam á tua vista fugitiva.

A nostalgia é assim—dissimula as alegrias, estiola as illusões.

Fugiste, emballada por vividas chimeras, na sêde irresistível de vêr e de gozar o que a natureza tem de mais bello e poetico; mas a nostalgia, a negra nostalgia te nublou a alma, fazendo-te forte para regressares á côma verde florida em que se emballa, como um coração cheio de amor, o teu ninho perfumado.

Passaste o dia ante a fogueira do sol, voando, cantando.

Anoitecendo, venceste a saudade—dormiste.

Abrindo-se a umbella da aurora—voaste.

Vieste reviver o teu passado, em que cantavas e em que sorrias

Estás bem agora, gozando a reivindicação do teu dominio claro e poetico, donde vês, assim, sorrindo, o despertar das manhãs de luz, o desenrolar dos luars de prata...

Quero-te alegre, como agora cantas, quero-te cantando como agora estás.

Porque, azas abertas, sacudindo as pennas, evolou o teu canto com a graça, o enlevo de quem sonha.

E o sonho é o ideal de quem vive para a Perfeição, ó ave querida, que regressas ao ninho cantando aos rumores da aurora...

João Lima

O Passado.

(Paul Janet.)

Recordação!.. Recordação!.. Imagem da vida passada, illusão do passado extinto, sombra do que não mais existe!..

Fragôr atenuado das nossas alegrias e das nossas tristezas; dos nossos sofrimentos e das nossas lutas: quem poderá dizer o que tu trazes de doçura na hora prezen-

te, o que tu emprestas de encantador ás horas para sempre dezaparecidas?

A medida que as coizas, vagarosamente se distanciam de nós, elas se tingem das mais ternas sombras que se assemelham ás cores lindas das manhãs de outono.

Quazi sempre costumamos ter mais admiração por nossa vida passada do que por nossa vida presente.

Porque só no presente é que vemos o mundo, como disse Olavo Bilac e como realmente ele é—cheio de miserias e de torpêzas, cheio de almas grosseiras que vencem e dominam e de almas puras que ninguém compreende nem ampara...

Na nossa imaginação festejamos com mais prazer os anos quazi apagados na bruma do passado, como costumamos festejar os velhos amigos que reencontramos e que não tinhamos mais esperança de ver, um dia.

Como são tão bons esses prazeres, no entanto!..

Té esquecemos as torturas da vida, da luta pela existencia...

O nosso coração fica embutido de fraqueza para essa parte da nossa vida que não vivemos mais; a imaginação cobre-se duma fluidez vaporosa que dá ás coizas passadas uma graça secreta e encantadora e nos inspira a doce melancolia.

Como é incompreensível a melancolia daquilo que vai dezaparecendo atravez dos escombras do passado!

Há ocasiões em que as coizas que não voltam mais, se nos afiguram reaparecer no presente: os fios dantes quebrados se renovam e nós então recomeçamos aquilo que tinhamos como acabado para sempre.

Eis aí uma das grandes alegrias da vida.

Certo esse delicado tecido da nossa existencia humana tem alguma solidez, alguma força.

XI 1912

Aurelio da Rocha Lima.

Natal

Todos os anos aquelles moradores dos vizinhos povoados affluem para Sta. Luzia, irresistivelmente atraídos pela sedução do festejo que ali se realizava pelo natal.

Em grupos, em magotes compactos, despediam-se pelas estradas amplas, longas, torcicolando ao vize dos pendores, coleando atravez das planices.

Grupos daqui uniam-se a outros grupos adiante e lá se iam estrada em fóra, inquiseros ruídozos.

A frente, a gente moça—latagôis fortes, e lindas raparigas; vestidos de côres vivas—trefogas, com os corações a saltar de contentes.

E logo atraz, os velhos soltando densas baforadas dos cachimbos chuchurreantes

Não raro estendiam-se todos, a um lado e outro da estrada, cedendo passagem a cavaleiros, ou a comboios que jornadeavam, arfando ao pezo da carga.

Mas logo reateavam a marcha para Sta. Luzia.

De lonje a bandeirola de um mastro norteava osromeiros para o arraial.

Penetravam no sitio em ondas pela larga estrada que desembocava em frente da caza da festa—baixa, avarandada á frente, encantoadada ao fundo daquelle reconcavo tristonho da serra.

Ao meio do terreiro amplo e limpo elevava-se a latada grande, coberta de pindoba nova. E para os lados então ficavam, a caza do forno, a estribaria, e, num cercado, o capinsal crecido, todo verde e ondeante.

Pelas portas, pelas janeiras, pelas paredes da caza se abriam arcos de pindoba trançada, enfeitados de flores e ramos de murta. E em aleas diversas se enfileiravam ariris de folhas ocilantes.

A festa começara desde a vespera.

Haviam dançado a noite toda

E pelo dia entraram dançando.

Dançavam todos ao som da harmonica—namorados aos pares trocando olhares faceiros, valsando nervosamente ou revultuando na onda volutuosa do chorado.

E assim até a hora ruidosa do almoço.

Findo este, procuraram todos repoizar e a fazenda caiu em silencio.

Algumas moçinhas foram se debruçar aos peitoris da varanda, ares sonolentos, com olhares tristes perdidos na bocaina da estrada...

Na latada sentados em bancos de talo verde, uns palestravam baixo contando historias, narrando fatos e da caza do forno, onde alvejavam rêdes armadas, vinham soltas gargalhadas picarescas.

O sol dava de chapa, aloirando o verde da serra escaldando a areia do terreiro, pondo um fremito morbido na folhagem.

No ceu alto, profundamente arqueado nuvensitas, vagarosamente passavam, diluindo-se aos poucos, tornando-se tenuíssimas, muito diafanas.

Jandaias passavam em bandos verdes pelos ares em braza, chalrando...

E, num afagar carinhozo, consclador passava uma briza muito leve, calida, atenuando a calma.

Esperava-se o Zé Gomes com a sua harmonica que morava ali no S. Francisco. Prometera vir tocar á tarde e até aquella hora.

—A gente quando não a qué fazê as couza deve sê franco, non se pô com chove non moia; só Zé Gome non vinha pra que qui estava amolando—exclamava impaciente Zé Biroba, recostado a um dos esteios da latada.

Nesta ocasião, repontou na estrada um caboclinho palido e sêco—a viola a tiracolo e um cacetinho curto em uma das mãos...

Vinha a pé, chapéu de couro novo, roupa de riscadinho listado.

Logo do terreiro foi tocando a viola que trazia afinada, cantando em saudação aos festeiros...

E o Biroba que tinha fama de cantor, levantando o ultimo verso da quadra que o outro improvisara respondeu, convidando-o para a latada:

—Aqui nesta latada
Debaixo desse sombrio
E' que quero conhecê
Se tu é cabôco de brio—

O caboco veio para a latada, e o pessoal juntou-se ao redor.

Logo surjira o Manoel Aroeira, o dono da caza, rizonho, rompendo a roda a custo, com a garrafa de cachaça em uma das mãos e uma chicara na outra.

E pouco a pouco o dezafo se generalizou.

Os versos eram de uma graça picante, cheios de poezia, improvisados com aquella espontaneidade propria dos nossos sertanejos.

Biroba apanhou logo, Mané Maracajá apanhou tambem, apanhou depois o Chico Sucurujú, o mais forte e o mais afamado dos cantadores daquelle sertão.

Era incomparavel na viola e na volta do verso.

Ninguem o conhecia ali. Sabiam apenas que viera do Piaui.

De subito, porem, intorrompendo o canto e fazendo num soluço as violas, a voz de Biroba explodiu:

—Ih! minha gente, oia quem vem ali!...

—Quem? indagaram todos.

E' o Satiro.

De fato vinha o Satiro chegando no seu cavallo.

A figura alta, robusta, arrogante, carraneuda, o olhar duro e sobranceiro, era elle o terror daquelles lugares.

Crimes diversos, mortes cruelmente praticadas por elle, irmanavam-se no dilatar o aspeito horripilante da sua individualidade.

Todo armado com a parnahiba, o terçado, e a garrucho, apresentava o tipo completo do cangaceiro sertanejo.

Trajava roupa de suarte, algo alvadia, gibão com prido e aberto, botas altas, chapéu de couro de abas largas, de sob o qual deciam, sobre a testa enrugada as pontas do cabelo em mechas.

Apeiu-se no terreiro e dali endireitou para a latada no passo seguro do seu andar apumado, fazendo retinir a esporra ao calcanhar e o chicote apender do pulso forte e o chapéu na cabeça.

E começou a atirar ditos mordazes a uns e outros, consoante o seu habito, na certeza de que ninguem onzava repeli lo.

Era sempre assim, onde chegava. Escolhia sempre um para atirar os seus dizeres pezados, as suas provocações.

Foi com o caboco que elle implicou dessa vez.

O rapaz por vezes olhava-o de revez, mas continuava a tocar, a cantar.

Todos reparavam nas maneiras imprudentes de Satiro, na suspeita de um dezenlace fatal...

Porque era assim. Quazi não havia logar onde entrava que não realizasse uma das suas: era sempre uma facada, uma morte...

Aquella indiferença do rapaz acirrava lhe o animo.

—Então esse fedelho é que é o famoso aqui?...

Essa porqueira lá vale nada.

O outro lançou lhe um olhar faiscante rapido medindo-o de alto a baixo, e ainda continuou a tocar.

—Oia pra mim derêto cabôco de... qui de cara de home nom se faz pouco.

—Só me largue: vim pra a festa me adiverti, nom pra brigá, porque voce é de está me provocando desde que chegou? ... E! tá bom ...

—Tá bom o que? ... Cabôco cumo ati eu tô custumado curtá a cara com este chicote — disse levando o instrumento muito perto do rosto do rapaz

Num ajilissimo salto para traz, este todo outro livido, olhar a chispar d'odic bradou corajozamnete:

—Duvido! Si quizé,dê ...

—Qué qui tá dizendo, home?

—E' isso — verberou,num pulo,para livrar-se do chicote que decia, chiando, no ar.

A ponta apenas tocou-lhã ás costas. Elle torcendo-se todo e saiu correndo, olhar fito no chão, rumo feito á caza grande.

E foi estacar na parede bradando:

—Vem!

Não tinha arma nenhuma!

Satyro investiu, com uma das facas dezembainhada na mão.

O povo, em gritos, num avoroço, bradava:

—Não faça isso, só Satyro... gente... non faça isso só Satyro.

non mate o rapaz... oia qui maldade de só Satyro,

Satyro, porem, foi certo a abertura do outro, agarrando-o fortemente, faca em riste na mão ...

—Repete!—rujiu

—E' isso! fez o rapaz, num negacear demoniaco, procurando livrar se do braço que o tentava ferir.

A faca subia e decia, rebrilhando, indo se cravar na parede.

Num rapido bote, o caboclo lhe arrancara a outra faca da cintura.

—Tu não sabe matá home, diabo?!

Houve um grito medonho, um urro formidavel.

Satyro, caiu pezadamente, estrebuchando, todo lavado em sangue. ...

Tinha o ventre aberto; por onde se precipitavam em profuzão viceras rubras de intestiuos.

Estonteado, todo salpicado de sangue, permaneceu o rapaz por algum tempo escorado á parede.

Satyro estrebuchava, a faca apertada em uma das mãos, ranjendo os dentes e abrindo á boca, donde jorravam golfadas grossas de sangue na agonia da morte.

* *

A festa não proseguiu.

E em vagas, nessa mesma tarde, o povo começou a se retirar, não com a suave saudade de todos os anos, mas com a profunda tristeza que lhe imprimira nalma aquella cena tão trajicamente dezenrolada.

Fôra, os caminhos escureciam e no ceu muito sereno, dezabrochavam as primeiras rozas das estrelas.

Victoriano Almeida.

De amôr

Quando os meus olhos buscaram a luz purificadora dos teus lindos olhos, não pensaria eu, Querida, que mais tarde haveria de nos separar uma cruel e intermina sandade.

Dôe-me nalma o saber-te lonje no enlevo sauto do teu lar feliz sob a paz serena do teu espirito! E quanto mais se passam os dias todos, mais sinto que te amo atravez da gaze tenuissima de sonhos calmos nessa enorme solidade que nos distancia.

Busco ver-te por toda parte e, na irradia iluzão dos meus olhos tristes, não sei porque, Amôr, tudo me fala de ti, todos os sons me invocam o teu nome casto todas as côres lembram os fios doirados dos teus cabelos fulvos, e o azul do ceu a safira eterna do teus olhos translucidos!

Ha, então, dentro do meu peito, um como vezuvio a derruir os escombos fumarentos desse sonho a arvoçar as cinzas violaceas dum estiador engano!

Fico numa postura resignada e esfimica na emoção cabalistica de quem caminha para o linhar da morte.

E é assim que erro a vagar pelos êrmos das Iluzôis nos dezertos sanguinolentos da vida á cata preventiva dum pouzo certo, implorando as caricias bemfazejas do teu sorriso dulcido e a graça querubica do teu sereno afeto.

Aqui, neste entejo dorido, se soubesses como por ti todas as magnas superhumanas suportarei, virias com o teu leve aceno, unjido de deliciosa bondade, para que eu me abroquelasse á sombra batismal dos teus olhos sacramentais e refuljidos!

Faltando-me o todo bem que aspiro, a tua edênica presença que é o meu maior bem, deixo me ficar aqui nesta dezolada soidão, numa postura queda e letarjica de quem adormece ao clarão da lua para acordar á luz do sol flâmivomo, certo do triunfo que o espera na manhan que nace maravilhozamente, pulcramente!

A ver, estatelo cançado. Lonje de ti, da perene ternura do teu sorrir rubico, desconheço-me a mim mesmo e, nesse estado alucinativo de quimeras revoantes, sou apenas um cadaver do que era.

Vem! E' tanta a agonia dessa saudade triste que nos separa, como que assisto já a precissão nevoenta das minhas brancas iluzôis, o cantochão de minhas venturas mortas!

Vem! Atende, por quem és, as questas de minha alma sedenta que foi bater á porta de luz de tua alma limpida, toda d'amor, vestida de sonhos!

Vem! E' ainda a Ti a minha suplica, a Ti, Alvo Poema de Carne que, por teus olhos micantes, me fizeste penetrar o Castelo Real dos Sonhos e conhecer o Amôr, guardando á retina dos meus olhos a doce imagem de tua meiga imagem!

Vem! Eu te amo, eu te amo, eu te amo!

Anselmo Junior.

Bibliografia literaria

Les Colonies Agricoles du Brésil.

Connaissez-vous la richesse du Brésil? — por Paul Perrin.

Au Brésil:—La Colonisation — e Etats de Piahy et de Maranhão, por Paul Walle.

Recebemos esses quatro opusculos de vulgarização do Brazil no estrangeiro. São organizados sobretudo em vista de informarem o europeu das condições de existência e de adaptação no nosso paiz.

Les Colonies Agricoles du Brésil contem noções gerais sobre a historia e a geografia do paiz; a regulamentação do estabelecimento dos imigrantes; e, sobretudo, o estudo detalhado das colonias agricolas. Ao fim do opusculo vem o mapa dos Estados do sul, com indicação dos respectivos nucleos coloniais.

Connaissez-vous la richesse du Brésil? abre tambem por uma sumula historica e geografica, especialmente estudadas as condições de salubridade, a imigração e a evolução economica do paiz.

Segue-se um circunstanciado estudo das riquezas naturais e das industrias brasileiras.

Sobre o valor de cada industria e sobre os seus processos, então, são em todo o ponto uteis e exatos os informes.

Em *La Colonisation* temos o estudo — por um observador direto — das probabilidades de adaptação no Brazil, desde as condições materiais da vida, até o carater do nosso povo, interpretado aí com bastante felicidade.

O estudo especial sobre o Maranhão e o Piahy é cheio de boas observações sobre os costumes provincianos, e dá uma idéa da riqueza da região e da desidia dos habitantes.

Em suma, são pequenos livros repletos de informações utilissimas. E não só servem estas ao estrangeiro, mas ainda a nós brasileiros que deixamos aos outros o estudo da nossa geografia economica. Mais vale um opusculo de boa geografia, sobre o nosso estado social, e principalmente economico, — do que quanto compendio massudo se tem aí escrito sobre o Brazil.

Recebemos tambem o *Bulletin Officiel du Bureau de Renseignements du Brésil à Paris*, centro de informações do genero dos fornecidos pelos supracitados trabalhos, e creado na capital franceza pelo nosso Ministerio da Agricultura.

O *Bulletin*, iniciado por um artigo de Gabriel Hanotaux, da Academie Française, sobre «O Brazil e a França», viza sobretudo atrair para emprezas projetadas no nosso paiz, para a exploração de sua riqueza, os capitais e os tecnicos francezes.

De um modo geral todos esses esforços são de proveito para o Brazil e para a iniciativa franceza, e europeia em geral, que só a insuficiencia de informações sobre o Brazil ha impedido até hoje de se atirar a este grande campo aberto a toda atividade pacifica e fecunda.

O *Bulletin* muito se empenhará por guiar, instruir e aclarar tanto brasileiros como europeus sequiozos de manter relações, porisso que acolherá e publicará todos os informes de interesse comum, que as agremiações comerciais e pessoas competentes assim lho procurem.

Agradecemos ao illustre dr. Delfim Carlos B. Silva, delegado do Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio do Brazil e encarregado do Escritorio de Informações do Brazil em Paris, a remessa, que nos fez, do *Bulletin* e daquelles opusculos de que nos ocupamos.

A brilhante poetiza maranhense senhorita Leonete Oliveira teve a gentileza de nos oferecer dois exemplares da bela revista *Sciencias e Letras*, como sua correspondente em nossa capital.

Os presentes numerosos, que são 9, e o 10 trazem magnifica colaboração devida á pena cintilante de homens de letras de reconhecido valor intelectual.

A *Sciencias e Letras* circula mensalmente sob a direção de Clovis Bevilacqua e Amelia de Freitas Bevilacqua.

Só i-so basta para a sua recomendação e afirmar que é uma das melhores revistas no circulo literario brasileiro.

Enviou-nos o illustre sr. dr. Arthur Guimarães de Araujo Jorge o seu novo livro, ha pouco editado — *Ensaio de Historia Diplomatica do Brazil no regimen republicano*. É um belo livro sobre a nossa historia diplomatica escrito num estilo sonoro e elegante.

Os *Ensaio*s são pajinas d'alto conhecimento no assunto, demonstrando patentemente a cultura sadia e variada do seu brilhante autor. E fazem a primeira serie (1889—1902) que o dr. Araujo Jorge vem de publicar sobre a historia diplomatica do Brazil, prometendo para mais tarde a segunda que abranjirá de 1902—1912.

O distinto diretor da *Revista Americana* mostra-se, nesse estudo, um historiador concizo e um comentador á altura, perpiscaz e sobrio. É mesmo de admirar a sua maneira correta e patriotica com que profilga o nosso direito territorial numa formosa e ponderada argumentação.

Porisso, agradecendo ao fino escritor dos *Problemas de Filozofia Biolojica*, a remessa, que nos fez, d'um exemplar do seu livro sobre a historia diplomatica brasileira, felicitamol-o pela vitoria de mais esse nobilitante trabalho.

OS ANAIS

Revista mensal do Congresso Maranhense de Letras

SUMARIO:

DR. LUIZ DOMINGUES	Redação
A CONQUISTA	Anselmo Junior
AO LUAR	Dias Junior
UMA PAGINA DE HERGULANO	Furtado da Silva
CONGRESSO MARANHENSE DE LETRAS	Redação
GANGÃO DA TRISTEZA	Lucidio Freitas
A ALSACIA	Aurelio R. Lima
GARDO	Menezes Junior
ESPERANCE	Glarindo Santiago
NA FAZENDA	João Rodolfo
TON RIRE	Glarindo Santiago
SUBIR	Raimundo Lopes
ENFIN	Glarindo Santiago
BIBLIOGRAFIA LITERARIA	Rufinius

Toda a correspondência desta revista deve ser dirigida ao seu diretor à REA DA PALMA, 3, 21



1913

NÚMERO XI

OS ANAIS

REVISTA MENSAL

do
Congresso Maranhense de LetrasDirector:
CRIZOSTOMO DE SOUZA
Redatores:
HERACLITO VESPAZIANO
e BRAZ ARANHA

S. exc. o sr. dr. Luiz Domingues, benemerito governador do Estado

Completa tres annos, a 1.º do mez vindouro, que assumiu as responsabilidades da administração de nosso Estado, o eminente e exmo. sr. dr. Luiz Domingues, governador eleito pelo voto unanime do Povo Maranhense.

Ao geral das contas, os politicos se impõem sempre á admiração dos seus coestadanos, e valem pelo seu passado, que lhes acredita por varios motivos da escolha privilejiada no sufragio popular. Nem jamais se poderá admitir, mormente nas democracias, outra recommendação que não a da intelligencia, nobreza outra que não a do civismo, do labor honroso que se espalha fecundo, do amor pela grandeza da terra querida.

As estirpes, as aristocracias, buscam se a dar lugar a titulos mais raros nunca logrados por nacibos, nunca providos do acazo nem cedidos por desbragados interesses pessoais,

mas sim dados em rezultantes do esforço vultuozo á custa de trabalhos enormes e sacrificantes pelo engrandecimento da patria. Ora, o illustre dr. Luiz Domingues antes de ser governador já o Maranhão lhe devia somas de serviços em prol do seu desenvolvimento progressivo. E tanto dentro dele quanto fóra, a sua vida foi toda consagrada em beneficio de sua grandeza, ocupando sempre altas posições: foi deputado federal em cuja camara deixou imorreoloiros traços de sua individualidade inconfundivel tanto pela palavra escrita como pela falada. E' um orador vibrante, de forma classica e fluente na perfeita harmonia do vernaculo puro.

Veiu, da camara, para o governo de sua terra, não pela vaidade de o ser, mas pelo amor de servir a ao desdobrar de suas forças evolutivas. E veiu assim, despido de toda vaidade, eleito pelo voto unanime do Povo Maranhense, louvaminhado por todas as fações politicas, bendido por todas as bocas.

Veiu. E ao pizar esta terra, que é sua, ninguém se lembra que tão grande e tamanha recepção cá houvesse maior de que a sua. Foi uma verdadeira apoteoze ao fremir duma multidão enorme, que delirava em ovações entusiasticas.

Assumindo as redeas do governo outro não foi o seu intuito si não o de bem servir o Estado, laborando pelo seu engrandecimento. A 1.º completa tres annos de governo. E ai está a sua obra rejeneradora, os seus atos clarissimos, os seus feitos importantes.

Mas, os abocanhadores põem a sua honra em balanço, duvidando dela. Entrementes os justos não duvidam e nem duvidarão. Porque todos não sabem do homem que temos á frente dos nossos negocios na administração publica. Como maranhense, por amor de sua terra, em dirijindo-a seria ele um infame, muitas vezes miseravel, se dela esbaujasse o pouco que possui. Daí, a infamia vil dos desclassificados que lhe enxovalham o nome, enrijal o mais nessa glorioza peleja em que se ha feito um heroe, soerguendo o Estado da apatia e da enercia, proejando para rumo propicio a nau governamental a que é timoneiro destro, consio do seu alto prestijio social.

O dr. Luiz Domingues é um tolerante, e

não ha quem dele tenha a menor queixa. Por até de sua piedosa tolerancia mantem em cargos publicos de confiança pessoas de todos os credos politicos e até mesmo alguns seus inimigos gratuitos mas que não têm a hombridade precisa para se demitirem do cargo que exercem e depois clamarem contra o seu protetor e nunca fazerem assim a meia sombra.

E tem se mantido á altura, digno do aplauzo de todos nós, de todo o maranhense que se preza de sel-o. Mas os pusilanimos fazem a sua campanha de difamação. E quem ha que por fazer bem aos outros, se não fizesse mal a si proprio? Quem já passou pelo governo incolume á calunia e á ira dos esfaimados bajuladores d'ontem, hoje apedrejadores?

O dr. Luiz Domingues está com o povo. Eleito por ele, jamais delese quiz apartar pela companhia dos hypocritas, dos traidores. E nós, pequeninos que somos, estampando aqui o seu retrato como palida homenagem prestada ao seu augusto espirito d'homem eminente que honra e mais *glorifica* a sua terra, mandamo-lhe os nossos melhores e afetuozos saudaes pela passagem. do terceiro aniversario de seu honrado governo.

E isto fazem-o pelo muito que lhe queremos e pelo tanto que lhe devemos.

A Conquista

A ti, doce creancita loira d'olhar sereno e brando, a ti que mal saes do berço para a Vida.

Pediste-me que te contasse uma historia. Pois bem. Ouve-a lá. Era um dia uma floresta infinda onde havia enormes feras.

Duma feita, certo lenhador ousou penetral a ao decer merencori da tarde rubica. E perdido dentro dela, não encontrando aberturas por onde pudesse sair, o lenhador habitou a floresta nutrindo-se de frutos bravos a receber as caricias quentes do sol que redoi-rava as arvores, e os beijos palidos da lua que prateava os montes e os vales . . .

As feras cruzavam, em urros, outras rosnando. Por vezes, tentavam assacar a placidez do lenhador, mas ele sempre refujiava-se nas ramadas reflorecidas alevantadas para o alto ás blandicias benfazejas do azul celeste,

Assim, levou tempos muitos no bojo iluminado da floresta, invocando a proteção divina em preces que subiam ao Além como inseço desprendido dos turibulos sagrados. E quando menos esparava, ela repontou — mensajeira bendita dos dias felizes que o aguardavam, ganhando a liberdade daquela cadeia todo horror que o destino lhe dera como por pecado.

O lenhador sentiu-se livre e partiu alegre como passarinho, azas abertas ao sol!

* * *

Olha: assim, também, como a floresta é a vida que

vivemos: uma cadeia de cuja tortura não nos tiramos. As feras são os pusilanimos, os descontentes, os baixos de sentimentos que, em vendo o seu semelhante galgando posições elevadas por merecimento proprio, fazem tudo para derruil-o, caluniam-no, atassallham-no para que a sua honra chegue á possilga infecta onde os despidorados vociferam, e os caracteres apodrecem.

O lenhador é a vitima do apódo e do doesto infamante. Porisso, é que ele passa sereno e mudo por entre os datradores gratuitos, indifferente á sua grita, impassivel á sua sanha. E passa a desprezal-os, num olhar piedoso, a perdoal-os de suas fraquezas e da miseria de tais almas daninhas!

A proteção divina, que o lenhador recebe, é o aplauzo dos Bons e dos Justos como recompensa ao seu trabalho, como preito ao seu espirito arguto e empreendedor. Vale isso pela sua gloria, pelo seu triunfo! A liberdade, que alcança, é o seu prestijio reconhecido subindo de cotação no Templo onde os Apostolos do Bem pregam a Verdade pór amor da verdade.

Eil-a a sua Vitoria que resoa como as inubias das tribus guerreiras. Sim, venceu porque teve a esperanca a alumiar-lhe os sonhos no leito de grandezas antegozadas. Foi-lhe como aleluia purificadora, porque a esperanca é a doce companheira dos que vencem perseverando com fé e com corajem!

O lenhador sorri. Sim, porque também chorou. Teve os seus dias de lagrimas doridas como agora os tem d'alegria alacre e festiva pela sua conquista que lhe envade o lar como alvoradas claras!

Olha: é assim a vida que vivemos. E' a mesma estrada que eu descrente trilho, a sonhar, e que tu, também, trilharás chorando. Sê feliz, digno do teu nome, pela hora dos teus.

Anselmo Junior.

Ao Luar

Ao Ruy de Sá, p imorozo cantor dos «Medievos».

Contemplam meus olhos,
Na branda corrente:
A faixa de prata
Da lua nacente.

A marjem sombria,
Cinzenta reluz
Na borda recurva
De um manto de luz.

A agua frizada
Por leve frescor:
Inspira a tornura
Inspira o amor.

Ternura! Quimera
N'um mundo de horror.
Não fales, não mintas,
Não fales de amôr.

S. Luiz -15- 1-1913.

Dias Junior.

Uma pagina de Herculano

O glorioso romancista que foi Alexandre Herculano escrevendo uma de suas obras de maior valor em um momento talvez de maior inspiração, deixou estas palavras sublimes nas paginas esplendentes do *Eurico*: «Dae ás paixões todo o ardôr que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia e convertei o mundo em paraizo, mas tirae delle a mulher, e o mundo será um ermo melancolico, os deleites serão apenas o preludio do tedio. Muitas vezes na verdade, ella desce, arrastada por nós, ao charco immundo da depravação moral; muitissimas mais, porem, nos salva de nós mesmos e, pelo affecto e enthusiasmo, nos impelle a quanto ha bom e generoso»

Ha, ne sas palavras, o maior fundo de verdade. E a prova encontramol a a todo momento, sem o menor esforço. O espirito que se deixa levar com indifferetismo pelas coisas do universo, é evidente, não pode «converter o mundo em paraizo» e terá por força da razão que descrever deste «senbo febril chamado vida».

A mulher, realmente, constitue o nosso mais sublime ideal, é a nossa propria vida, o nosso proprio ser. Inspira nos, alenta-nos, encoraja nos. Sofre quando nós soffremos, lucha quando nós luctamos.

Mas isso não é sempre, não acontece isso de uma maneira absoluta. E portanto não me considero no numero daquelles que depositam na mulher inteira confiança. Penso que o bello sexo com o sexo forte, é muitas vezes desleal, é muitas vezes a causa da desgraça humana. É isso é muito simples, é natural, é logico. Si amamos uma mulher com o maior ardôr, si se consideram indissolvelmente unidos dois corações que se querem, acontece, entretanto, que logo depois recebe um delles, como recompensa do esforço expendido, como victoria das difficuldades que transpôz, a ingratição terrivel da mulher, o desprezo tremendo daquella a quem nós julgávamos o nosso ideal, a nossa vida, o nosso ser. E dali, partindo desse principio, ousou afirmar que o brilhante historiador bem devera ter dito que se a muhier nos salva de nós mesmos e, pelo affeto e enthusiasmo, nos impelle a quanto ha bom e generoso», é tambem a causa de muitos males que affligem a maior parte dos homens.

Sou um admirador entusiasta do bello sexo. Quero a mulher como quero a mim mesmo, mas a minha experiencia manda que eu reflecta desse modo, raciocine dessa maneira. É isso quasi que nem precizava de raciocínio, nem mesmo de reflexão. Os factos são clarissimos, os exemplos são evidentes. Basta que recordemos alguns dias do passado, que voltemos um pouco á nossa vida de moço.

Ahi, de certo, veremos casos bem frisantes, encontraremos a verdade absoluta.

Dirão, talvez, que o auctor deste artigo não pode e não deve ser senão um velho, e um velhissimo.

Não o é, porém. Ao contrario, é um moço, muito moço ainda, que sente pulsar fortemente o coração e que por isso mesmo tem animo e tem força para comprehender essas verdades que passam despercebidas pelo pensamento daquelles que vivem da illusão e se julgam alimentar do amor. . .

Bahia—12—912.

Furtado da Silva.

O Congresso Maranhense de Letras

Em sessão de 12 eleje o grande poeta Dr. Egas Moniz seu membro honorario.

O sr. João Henrique apresenta uma brilhante proposta

Reuniram-se em sessão, a 12 do fluente diversos membros do Congresso Maranhense de Letras, para tratar de negocios de seu maximo inter-sse social.

Compareceram á sessão os srs. congressistas Crizostomo De Souza, que a prezidiu, João Henrique e Arthur Gomes de Castro, que a secretariaram, e Raimundo Mendes, Acrizio Rebelo, Braz Aranha, Clarindo Santiago, Aranjó Filho, João Rodolfo, Raimundo Lopes, Heraclito Vespaziano, Hemeterio Leitão e Eider Pestana.

Aberta a sessão e lido o expediente, foi posta em discussão a ata anterior sendo, em seguida, aprovada sem debate.

Depois, uzaram da palavra diversos oradores, tratando sobre interesses do nosso engrandecimento.

Foi uma sessão importante, calando profundamente no espirito dos que dela tomaram parte tanto pela maneira, como pelo modo digno com que foram encarados e discutidos os seus trabalhos.

Nessa sessão o talentoso congressista João Henrique produziu brilhante discurso apresentando para nosso membro honorario o grande poeta e cientista brasileiro sr. dr. Egas Moniz, professor na faculdade de Medicina da Bahia.

Eis a proposta :

Como membro, que sou, deste Congresso e querendo render justissimo preito a um dos mais fulgurantes talentos da actual geração de intellectuais brasileiros, venho propor aos meus dignissimos colegas como candidato a uma cadeira de socio honorario, o illustre Sr. Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, professor na Faculdade de Medicina da Bahia.

Nome por demais conhecido e acatado nos meios literarios e scientificos do Brazil e da Europa, não será decerto, sem grande e explicavel orgulho que o acolhamos aqui ao lado de Coelho Netto, Graça Aranha, Antonio Lobo, maxime quando ele já ilustra e honra sociedades outras como a Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Societé de Médecine de Paris, Naturhistorisch—Medizinischer Verein de Heidelberg, Instituto de Coimbra, Societé de Médecine e d'Hygiène Tropicales de Paris, Academia Italiana de Ciências Físico—Químicas e Naturais, Societé Royale des Sciences Médicales et Naturelles de Bruxelles, etc, etc.

Particularmente como literato, ai o temos sob o pseudonimo de Pétion de Villar a burilar o verso teoso com esmero e arte, já num fino portuguez castiço, já se servindo da doçura cantante da bela lingua do immortal autor de *La Légende des Siècles*, já amoldando sua musa inspirada ao genio saxão no guturalissimo idioma do famoso Goethe.

Dele como poeta disse, com muito acerto, o maior

vulto do romance francez moderno — Emile Zola: grande é o paiz que possui um Pèrlion de Villar.

Como cientista dalto valor não lhe pouparam encomios á sua erudição latissima e ao seu constante produzir, sabios da jaez de Blanchard, Hallopeau, M uneyrat, Fournier, Jeanselme e outros

Escrevendo de 1891 a esta parte possui perto de sessenta trabalhos verdadeiramente científicos, publicados em jornais, revistas, livros, muitos dos quais vem enfeixando em magnificas brochuras, cuja primeira serie appareceu em 1912, editada pela *Imp. imerie Ve Verbeke — Loys & Cie., Bruges (Belgique)*, sob o titulo de *Memorias, Monographias, Communicações e Notas Clínicas*

A despeito da multiplicidade de tezes, que tem desenvolvido em toda sua vasta bagagem científica, são especialmente a dermatolojia e a sifillografia, a que mais se ha dedicado cheio de entusiasmo pelas applicações arsenoterapicas.

São ainda de hontem, quando Mouneyrat, Erlich e Hata não haviam ainda dado o golpe de morte no tratamento mercurial nas treponemoses, as suas memoraveis discussões com o dr. Werneck Machado, na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, sobre ser o mercurio o especifico da sifilis

E hoje que todas as suas proposições avançadas com a ardorosa corajem dum convicto, estão exuberantemente demonstradas pelas descobertas ultimas e aceitas pelas maiores sumidades no assunto,ninguem com justeza danimo lhe poderá negar o lugar de real destaque, que occupa entre os sifillografos americanos

Apresentando-o a este Congressso, estou plenamente convencido da sua aceitação unanime á cadeira, que lhe reclamo como resgate dum dever não cumprido-o de te-lo honrando o nosso quadro de socios honorarios. (Bravos! Muito bem! Muito bem! O orador é bastante cumprimentado pelos seus colegas)

Enviada a proposta a Meza, e submetida á discussão é de logo aceita unanimemente por aclamação, visto como ser de todos nós conhecido o alto valor mental do masculino poeta e cientista valorozo sr. dr. Egas Moniz, uma das glorias mais completas de nossa intelectualidade.

Em seguida, o sr. Prezidente encerra a sessão, produzindo, porisso, ligeiras palavras congratulatorias com todos pela correção por que se houveram.

E, por nossa vez, enviamos ao sr. dr. Egas Moniz as nossas efuzivas saudações.

O Congresso Maranhense de Letras fez uma aquisição feliz e rebrilhante de um nome vantagezamente glorioso por todos os titulos, para o seu quadro honorario.

Canção da Tristeza

Por essas noites frias de inverno,
Quando a tristeza minh'alma engoiva,
Tenho saudade de um bem eterno
Que é minha noiva.

O vento brando, num murmurio,
As minhas carnes dilacerando,
Da minha terra lembra-me o rio
Dôces cantigas soluçando.

Noites de prantos e desejos...
O' frias noites de anciedade!
Eu sinto fome dos seus beijos,
Do seu olhar sinto saudade

A minha mãe por mim rezando,
Com pias lagrimas no olhar
Minha tristeza acompanhando,
Goza tambem o meu pezar.

Vinde meu pranto, sem refólhos,
Vinho da flor da suavidade.
Boiar no espelho dos meus olhos,
— Azul engaste da saudade

Minha suave melancolia,
Minha tristeza funda, sem par:
— Quem me socorre, alma doentia,
Assim distante do meu lar ? ...

Noites de prantos e desejos...
O' frias noites de anciedade!
Eu sinto fome dos seus beijos,
Do seu olhar sinto saudade.

Lucidio Freitas.

A Alsacia

(ATRAVEZ DA EUROPA)

«L'Alsace est restée fidèle à son caractère ancestral et national et cela ne contribue pas peu à lui laisser le caractère le plus particuliere e le plus original...»

Da fronteira franceza a Strasbourg a distancia pode ser de noventa e tres quilometros.

E é na sua maior largura a travessia da Alsacia anexada em 1870 ao Imperio Alemão pelo tratado de Francfort.

A ampla estrada estende-se em ziguezagues deslumbrantes entremeiada de imensas campinas agora reverdecidas, ferteis, protegidas por filas de pedraria grotesca, amatizadas, cintilando ao sol, em brilhos vivos, metallicos. Flanqueando as montanhas de penhascos em fileiras, desliza celere o rio limpido, enroscando-se e gargolejando nas curvas, espumando nos cachos num esparjir diáfano salpicante e cristalino.

Depois desliza rapido, insinuando-se com destreza e some-se através do pequeno vale do Vosges, marjinhado pela floresta emaranhada de pinheiros hirtos, seculares.

De longe em longe por todo o curso atrativo dessa linda paizagem quase infinita, profuzamente variada, começam a aparecer aqui e ali as pequenas aldeias á beira da estrada, rareadas de progresso...

A grande via sempre dilatada é bem conservada... Nessas bizarras provincias burguezas as cazas com os telhados em forma de zimborio são agrupadas em volta á Igreja d'estilo ojival, esquezito.

Ao primeiro rubor do sol no horizonte todas as al-

deias — como por uma combinação previa—despertam-se ao bimbalar do sino no cimo da torre.

Toda aquela gente tem um aspeto jovial, festivo como se houvesse acordado dum sonho côr de rozas.

E todos,—velhos, crianças, rapazes,—estão anciozinhos que chegue a hora das famílias deixarem o lar e prazanteiras, partirem para os campos onde medram as espigas loiras.

E assim compenetrados na iluzão da vida, alheios às misérias do mundo e as torpezas da humanidade, lá vão pelas searas fecundantes a recommençar o trabalho farto e sem canceira.

Os velhos de feições leaes, esforçando-se por se apumarem nos seus bastões, como por garridice, com a pequerrucha cabeça toda branca afogada na casquete camponeza.

A criança vai pela azinhaga em bando, saltitante, ilare, ao ar livre. Os rapazes são fortes, robustos e as mulheres em geral gorduchas são todavia graciosas nos seus costumes avoengos: saia curta de crioline, quase ao meio da canela, avental de cor muito viva e um chale sinjelo cobrindo a robustez dos hombros . . .

Vida simples a do camponez alsaciano . . .

Para ele o Mundo deve ser só áquele pedaço de terra adorada, abençoado pela Natureza e aquela fatia de céu azul . . .

Ele goza a vida ao seu modo, achando-a sempre bôa, sempre feliz e sem outro contento senão o da conformação material com a sua sorte.

A vida moderna e intensa das grandes cidades, onde impera a Civilização; . . . a Vida real ipersolavaneada d'emoções e cheia de hipocrizia ele não a conhece; ignora-a talvez por completo . . .

E o seu ideal — o grande sonho — será somente, vêr a eira entulhada de cereaes para o riôr da invernia.

Assim a sua passagem por este planeta, êbrio de contradicções, não será mais do que uma doce iluzão falaz que se vai apagando na bruma do esquecimento . . .

Mas a Natureza foi em demazia prodiga com a Alsacia.

Por todo o tempo que esse belo panorama se vai desenrolando sobre os seus olhos ávidos de imprevisto, o francez que começou por uma escursão á Alsacia, não pode evitar que lhe contrarie logo na ideia este an'co pensamento que ele resmungo concentrado: — «Ha quarenta anos todas estas riquezas, todas estas belezas raras que nos encantam eram francezas, . . . puramente francezas!»

E ele surpreente se assombrado sem poder concordar que a Alsacia, com toda a sua opulencia, não seja mais da França!

Apodera-se dele um laivo de despeito e como um *leit-motiv* dolorozo, a expressão de Luiz XIV afinea sua memoria atormentada. Dá um recuo ao passado e balbucia: — «C'était le jardin de la France...!»

Mas ha contudo uma esperança que vai consolando e guiando o excurcionista francez.

Algumas horas mais de comboio expresso e ele vai reencontrar a Alsacia franceza de coração, de sentimentos e de . . . lingua.

E a antiga provincia fiel á tradição da França...

E o curiozo viajor quando desembarca na gare de

Strasbourg — antes de vizitar a soberba catedral — ja esqueceu a primitiva impressão que arreplava o seu patriotismo pagão.

. . . Entrementes essa antiga Cidade independente, com os seus 152.000 habitantes, é rigorosa e cruel com os francezes que a procuram.

As primeiras palavras que este ouve em resposta ás suas, a qualquer pessoa a quem se dirige em francez é esta classica:

— «Ich sprech nicht französisch» — . . . que traduzida vem a ser o mesmo que impinjimos — (com razão) — ao peregrino que se abala da França para vir admirar a nossa vasta flora: —

— «Eu não falo francez, *môciá* . . . Isso em plena Strasbourg. Perto do Rheno; distante de Paris 5.3 quilometros. . . Irrizoria decepção! . . .

E, no entanto, é tão bom. . . viajar. . .

1913

Aurelio R. Lima.

Cardo

Qual se não lhe bastasse a altura em que vos tenta,
Cioso do fructo, hostil, o cardo o espinho erriça,
Põe-no ao chão, quando o fructo abre a pólpa sangrenta.

Para defeso o ter aos braços da cobiça. . .

Dado é, apenas, de longe, á vontade sedenta,
Inflamar-se no olhar, ao ardor que a sede atíça,
Porisso, tanto mais no olhar a sede augmenta,
Quanto, para total-o, é a vontade submissa! . . .

— Tua bocca illusão do cardo hostil, damniño. . .
Rubro pomo aromal do meu rubro desejo. . .
Mas teu pudor é assim como do cardo o espinho:

— Dá-me apenas o mal dos desejos a fluxo,
Nunca o bem de estancar a sede do meu beijo,
Augmentando este ardor com que os olhos lhe agoço!

Menezes Junior.

Esperance

Je te vis
sans espoir,
sans s'uci,
hier soir.

J'ai l'espoir,
aujourd'hui,
de te voir
à la nu t

Et, sous peu,
au Dieu
j'aurai dit

pour laisser
t'admirer
dans un lit.

Clarindo Santiago.

Na Fazenda

Para o Crizostomo De Souza

Era a caza do Atanazio Filgueiras, vaqueiro da Agua Fria, o ponto combinado para a reunião de toda a vaqueirama.

E mal se levantava o sol alem da serra azulada, numa apoteoze de gloria, chegava o Felipe de Brito, o cabeça do campo, gibão de couro curtido, perneiras e chapêo acabanado, gritando para os outros:

— Levanta, cambada, que é hora de gado está no campo que é uma beleza! Sela o ginete e olho vivo na estrada que hoje temos tunda com o *marruá* dos Tucuns que é aquela *garapa*!

No grande alpendre da caza da fazenda contigua ao curral, durmiam o Jacinto Cabêlo Bom, um *meia noite* espadaúdo cuja testa reluzente brilhava como *black verniz* e que tinha uma paixão escondida pela Angelica, uma creoula muito meiga e de peito macio, que o Atanazio criava desde o nacer dos primeiros dentes; e o Chico de Prezelina vaqueiro muito *toba*, que viera de dez leguas, de proposito para tirar a fama daquele *marruaz* endemoniado.

Mal o Felipe de Brito bradava as ultimas palavras de alerta, já estavam todos de pé.

Tempo depois, todo uniformizado, gritava o Atanazio que o Capitão Bernardino, proprietario da fazenda, garantia um mimo de valor a quem lhe trouxesse aquele garrote, cabisbaixo á porteira do curral e essa noticia despertava em toda a vaqueirama o mais ardente e vivo entusiasmo.

O Jacinto Cabêlo Bom, porem, não se impressionava com o presente, a questão mascula de sua vitoria era mostrar mais uma vez áquela creoula o seu grande valor como homem e como vaqueiro.

E todos a cavalgarem rijos, fortes e possantes cavalos seguiam estrada fóra num esturjir fremente e numa acalorada séde de triunfo.

— E' seu *Tanzio*, clamava o Jacinto, uma ajuda para cá, *qu' castá o Pretão qui nem uma feria!* E' seu Felipe de Brito! E' gente!

Foi uma peleja leonina para chegarem o toiro á boiada, que calma ao rodeadoiro a cargo do Chico da Prezelina e cercada pelo resto da vaqueirama, estava pronta a seguir ao curral para a ferra. Mas o *marruaz*, um animal valente, ao avistar o gado prisioneiro numa zombaria bonita aqueles enerjicos homens do campo quebrando grotas e coivaras, estrebuxou tucunzal a dentro e sumiu-se entre a verdura cerrada e fria da mata exuberante.

Foi um cavaco dos diabos

E ele, o Jacinto, que contava com o triunfo certo, nem sabia cantar um *aboio* saudozo para amenizar a boiada, e mais do que isso nem sabia com que cara havia de se aprêzentar diante de sua Angelica, muito querida.

— Vale nada, *são*, ponderava o Chico, não ganha hoje, ganha *aminhan*. Mas *aminhan assegura* o pé meu *cabôco*, que o garrote quem vai levar lá sou eu. Eu sim, vou tirar a fama desse bicho!

E o Jacinto arregalava-lhe os olhos profundamente brancos, como que comprehendendo o Chico querer

triumfar, só para tomar-lhe a creoula, mas ele, que sempre mostrava a sua grande sinceridade duvidava, duvidava muito que ela lhe apresentasse ao menos um sorriso. E seguiram rumo do curral.

A porta da caza da fazenda apinhou de curiosos. A Angelica com uma saia engomada de flores muito graudas, e caximbando delicado pite, já tinha *apostado* com duas amigas que o Jacinto vencera.

— *Quá lá vence qué nada*, respondeu a Vitoria. O Pretão já foi de tres donos e nunca viu ferro em braza nos quartos! Seu Jacinto não é mais do que os outros. Duvido!

A porta do solido cercado de carnaubas esbarrou a vaqueirama com o gado.

— *Quêlé o Pretão sa Angerca*, indagava a Vitoria, eu não *dixe*?

— E' verdade. Nesta terra não tem vaqueiro. *Quá* minha gente, seu Jacinto perdeu muito pra mim! Apois perdeu!

E o Jacinto que dezapeava dezaninado ouvia todos os comentarios, sem dizer uma palavra

Foi um cavaco dos diabos!

* * *

De noite na caza de forno, ali defronte do curral estava reunido o pessoal da farinha, uma das cenas mais importantes dos nossos sertões.

Em roda do forno mexendo a mandioca ralada estava o Chico da Prezelina, e a puxar a roda do *caiteti* o Jacinto Cabêlo Bom, que se disputavam em desafio, louvando os presentes e cada qual mais seduzido pela graça matuta daquela invejavel *apariga*.

Cantava o Chico da Prezelina:

«Vi o seu rasto na areia
me puz a considerar
que seu corpo era tão lindo
que meu rosto fez chorar.»

E o Jacinto aproveitando as ultimas palavras do *inimigo*:

Faz chorar, mas me *arre ponda*
sem *brua* nem *matinada*
sem ser rifle ou *bacamarte*,
qual a arma mais *marvada*?

E o Chico da Prezelina:

Dizem que a lingua do povo
é *pior* que o *bacamarte*,
pois *esfola* e *estraga* a gente
e se acha em toda a parte.

O Jacinto não *ezitava*:

Em toda parte, porem
me diga, seu Prezelina,
qual a flor mais *perfumada*
que se encontra nas *campina*?
Sem ser o *jasmin caiano*,
bogarim nem *marmiquê*
uma *fulô* milindroza
qui tem nome de *nuicê*?

E o Chico:

Lhe digo em cima das buxa,
ningem não *duvide*, não,
é a branca *angerca* que vive
pra *perfumá* o sertão

Ton rire

Tout le monde
chante à moi
quand je vois
ton profond

rire fecond
eu joie,
où abonde
ta foi.

La parfaite
fantaiste
de ma vie,

qui est faite
un soupire,
est ton rire.

Clarindo Santiago.

Subir!

Alta noite, na praia, um soturno ruído
Longo como o ganir de um cão faminto ao luar
Era como um supremo e trágico gemido
Da incompreendida dor implacável do Mar.

O mar, esse titão, o mar vasto e fecundo,
Num abraço fatal, tântalico e tremendo
Como que invade e aperta e dilacera o mundo
E vai tomando, e vai subindo, e vai vencendo.

Mas subito parou. Cessa de todo o ruído.
Porque suspende o mar esse avanço iracundo?
Porque não póde mais as praias invadir?

E assim sóbe e assim volta o grande e inquieto Mar
Prezo á ambição fatal, a esse sonho estupendo
De uma vida sem fim: subir, subir, subir!

Janeiro 1913

Raimundo Lopes.

E o Jacinto :

Pra que Deus criou a Angerca?
Diga sem se *intrapaia*

Chico:

Pra infeitar os anjinhos
e as imaje dos *artú*!

Jacinto:

Pois eu lhe digo que não,
e quando eu digo não minto,
quando Deus criou a Angerca
foi *prá cazá* cum o Jacinto

Todos os presentes ovacionaram o Jacinto e os jovens continuaram nessa disputa até terminada a primeira *fofnada*, quando também a formozza rapariga deixando o caítetú onde estava a ralar a mandioca, entregou a Vitoria para preparar beijos e um café cheirozo para saborear com os seus companheiros de trabalho.

Travou-se animada palestra, puxada pelo Chico da Prezelina

— Mas foi uma dos diabos aquela de hoje, siô!

— Inda sinto o azedume da raiva, quando me alembro do *carreirão* do bicho.

— Hein, seu Jacinto, falava a Angelica, você não dixeu que trazia o Pretão? Vocês são lá *home*? Sô se tivesse aqui o Beijo do *Piôhí*, mas vocês? *Qua la nada!*

— Protesto, fala o Chico, quanto perde *vomincê* se eu truver o *bicho amínhan*?

— O que você quer? Se não for impossível...

— Sô se for em particulá. E concedida a entrevista o Chico da Prezelina, velado pelo ciume do Jacinto, confessava o amor á Angelica, que também mostrava não lhe ser indiferente.

— *Sá Angerca*, dizia o Jacinto, agora é minha vez. E n'uma inspiração matuta, entretanto sincera, comprometendo-se, concluiu emocionado:

Fulô cazá cum fulô

e eu digo sempre o que sinto,
Quando Deus criou Angerca
foi pra *cazá* cum Jacinto

E a Angelica, como indeciza, respondeu repente:

A todos dois apriceio
Apriceio a todos dois,
mas a resposta so dou
só de amínhan pra depois.

— Resposta de que? interrompen o Atanzio. Que *canoeira* é esta?

— *Canoeira* não, responderam os dois.

— *O negoço é serio!* falava o Jacinto.

— *E' negoço* de casamento, *sô Tanazo*, clamava a Vitoria: *Tão siuma semoleza qui so se vendo. Todos dois que! Hum! hum!*

Pois vou lhe *arresponder*
pra todos dois agradá
quem o Pretão me truver
vae cá *Angerca* se *cazá*.

— *Tu feito sí Angerca?* Assustent t a palavra do pae? indagava curiozo o Jacinto.

— *Tá dito. Sô muiê pra assustentá meus ato.*

Na manhã seguinte era o Chico da Prezelina o primeiro que acordava, antes mesmo da chegada do cabeça do campo.

Mais tarde já todos ali reunidos seguiram a busca da boiada, para poder se efetuar a ferra. E a fazenda toda se preparava para receber o vaqueiro que triunfante trouxesse o touro ouzado e valente.

Entrava pela tarde. O sol abrazava. Ouvia-se de quando em quando a voz firme do cabeça do campo a boiar, a boiar, e também o soar cantante de um aboiar todo de prazer imenso, de grande satisfação.

— E o aboio do Jacinto, dizia Angelica. Quem não conhece?

Pelas duas da tarde já a boiada era vista pela vastidão imensa da campina

Avançava frente à porteira a multidão de curiosos.

A frente dos calcanhares do touro dezejado vinha o Chico da Prezelina, martirizado de espinhos e o rosto rubro de sangue. Fôra o vitorioso.

Atraz a tocar a boiada o Jacinto enjas bategas de suor caíam em jorro, rezignado, na sua derrota, pois «aquilo dependia era de sorte. Seu Chico não era mais homem do que ele. Que se cazasse e fosse muito feliz». E uma tristeza muito sincera apreciava absorto aquele espetáculo da roça.

Depois da boiada encerrada todos os vaqueiros saíram tirando os gibões e libertando os cavalos. O Chico decia aos cumprimentos de todos, menos da Angelica, que quando o vira vitorioso nos calcanhares do marruaz da peleja fora esconder-se em caza da vizinha. E a vaqueirama entrava á caza do Atanazio para felicitar a formozza rapariga e tomar um trago da brasileira

— *Cadê a Angérea*, chamava entuziasmado o Atanazio. *Castá seu Chico* que vem cumprir o que *dixe*.

— *Angérea*, respondeu a Vitoria, foi se esconder com raiva! *Dixe* que concordava com aquele jogo de sorte *prague* contava que seu Jacinto *trunesse*.

Na fisionomia melancolica do preto amante, o Jacinto, vinham de aparecer uns leves tons de sorriso, ao passo que o Chico da Prezelina monologava com ufania: — Trato é trato!

Instantes após, á insistencia crimincza do Atanazio, chegava a encantadora mulata com o rosto vermelho de pejo e a cabeça inclinada.

— Passa pra frente, menina, fala o Atanazio. *Tá á seu Chico* que *vei* cumprir o *trato*.

— *Fala cum home bonito*, gritava o mulherio, *qui nós queremos os doce!*

E a creoula muito dezazada, apertava a dextra do Chico da Prezelina, estabelecendo se assim uma aliança hipocrita, irrazoavel. E o Jacinto fremindo de colera dezaparecen.

O Felipe de Brito distribuia uma chicória da brasileira a cada um dos prezentes, aos sertanejos amigos que num entuziasmo vibrante levantaram vivas aos noivos.

A noite, depois da ferra, firmou-se um samba de arranco, ao clarão magestoso do luar.

Ao intervalo das dansas heuve sempre o tradicional dezaffio e as luvaminhas.

E quando num amiudar dansavam a *Mulatinha de quatro* ali por detraz do curral dezaparecia a encantadora rapariga, a Angelica que se fora ter em caza do Jacinto. Foi um reboliço em toda a fazenda.

Estava a festa terminada e no espirito magnanimo do Atanazio pairava um profundo aborrecimento um desgosto enorme, pois nunca pensara que sua caza servisse de cenario a tão vergonhozo escandalo!

Pela vastidão orvalhada dos campos, já quando o sol radiante estendia o seu glorioso lençol de oiro dezaparecia num esquivar desbragado o Chico da Prezelina que considerava constantemente a quadra do Jacinto:

Fu não engano a ninguém
e digo sempre o que sinto
quando Deus criou a *Angérea*
foi pra cazá com o Jacinto.

João Rodolfo

Enfin . . .

Aprés tout,
Mon, desire,
c'est mon goût
le périr. . .

Et partout,
l'avenir
d'un grand fou
c'est mourir. . .

Je suis fo t,
á present,
prés la mort!

Je la veux
trés content,
trés heureux. . .

Clarindo Santiago.

Bibliografia literaria

O joven poeta Oswaldo Da Costa mimozou-nos com um exemplar do folheto *Ancia*, da autoria do não menos joven poeta Domingues de Almeida.

E' um livrinho, muito largo, todo alvo. A capa vêm-se impressos em rubro o nome dele e ode seu escritor. Contem trinta e duas paginas. . . .

A *ancia* de estrear, aparecer no meio literario com livro, já é para os *novos* não uma força concencioza do ser pensante, mas sim uma doença. De quando em vez, quando menos esperamos, lá nós surje pela prôa um sujeito qualquer, á ultima hora, a dar nos um livro para ler. E vem sempre com a choraminga que se tornou cansada: «Olhe, pegue deste livro. Leia-o. E' meu. Ofereço-lhe em homenagem ao seu talento. Mas não se esqueça de dizer alguma coisa a respeito. . .»

E' sempre assim. Os que tem t leito é que valem pelo seu esforço proprio e que podem, afinal, estrear já nem mais se aparelham para semelhante investida e, de logo, com um punhado de cozinhas tristes, lá vem á celeberrima luz da publicidade. Posto que se não fatigassem á espera de cabedacs que lhes valesse uma reputação consagrada, talvez afirmassem os seus creditos literarios por uma cultura reconhecida pelo trabalho, pela arte.

Ora, tal não acontece. Estrear, ter um livro. . . Como isso é bom! Não se quer saber se ele presta ou não.

Talvez não fosse inchado por essa vaidade cantante que o poeta Domingues de Almeida se rezolvesse a editar a sua *Ancia*. Convem saber que o livrinho de que se trata encerra apenas sete produções. Sete sonetos simplesmente! . . .

Admiram-se? A *Ancia* possuindo trinta e duas paginas tem de grandeza vinte e quatro paginas em branco, afôra uma de dedicatória. A encadernação muito recomenda a tipografia que a fez.

Quanto aos sonetos ha alguns bons com muita *ancia* darte, e outros dum simbolismo aborrecido, extratravante. Mas toda a *Ancia* é simbolica! . . .

Com ela o poeta Domingues de Almeida já se recomenda á Posteridade. E não sejam estas palavritas que para ai ficam que o impeçam de chegar até lá! Foi apenas um conceito sinão justo, pelo menos sincero.

Rufinius



CONGRESSO MARANHENSE DE LETRAS

Fundado a 1 de outubro de 1909

Patrono geral—JOÃO LISBÔA

Sede: Rua Afonso Pena n. 35



PATRONOS

Adelino Fontoura
Almeida Oliveira
Almir Nina
Aluizio Porto
Arthur Azevedo
Celso Magalhães
Candido Mendes
Franco de Sá
Gomes de Souza
Gomes de Castro
Gonçalves Dias
Gentil Braga
Henriques Leal
João Henrique
Joaquim Serra
Luiz Antonio
Nina Rodrigues
Odorico Mendes
Pedro Nunes Leal
Paula Duarte
Raimundo Corrêa
Souzandrade
Trajano Galvão
Teofilo Dias
Viveiros de Castro

MEMBROS EFETIVOS

Glarindo Santiago
Eider Pestana
Gezario Veras
(Vago)
Braz Aranha
Raimundo Lopes
Furtado da Silva
Ulpiano Brandão
Grizóstomo De Souza
Acrizio Rebêlo
Heracito Vespaziano
Aurelio B. Lima
Ataide Paxêco
Henrique Vieira
Rodrigues Lopes
João Henrique
Araujo Filho
Mariano Castro
(Vago)
Arthur Castro
João Rodolfo
Leal Macêdo
Raimundo Mendes
Hemeterio Leitão
Ribeiro Viegas